

# THOT

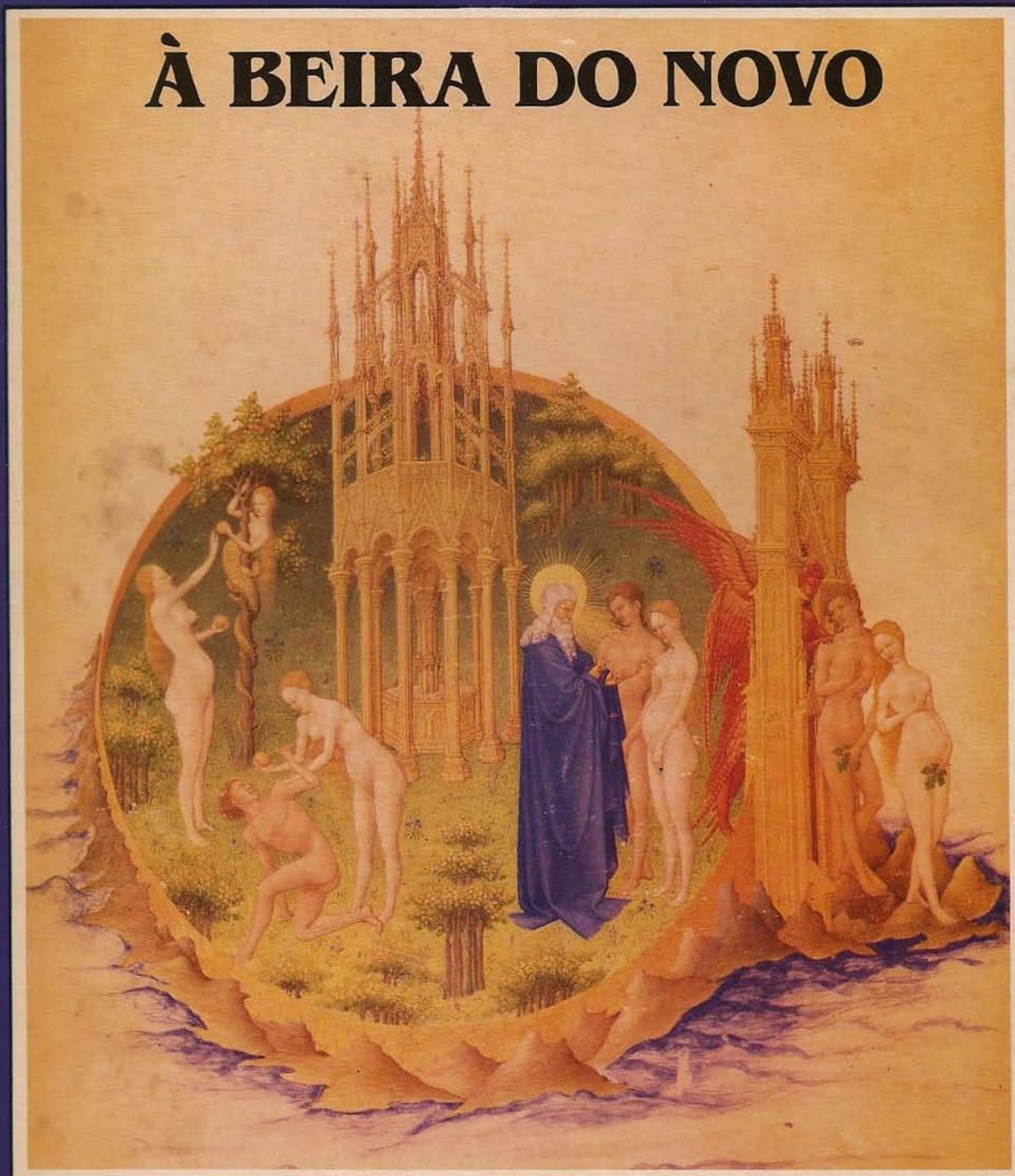


Nº 51

1989

NCz\$ 5,00

## À BEIRA DO NOVO



**HOLISMO: UMA ABORDAGEM DO REAL  
A ECOLOGIA E SEUS VALORES**

# Associação PALAS ATHENA



## CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

---

A **Associação PALAS ATHENA do Brasil**, entidade declarada de Utilidade Pública Federal (decreto 92.343), desenvolve ampla atividade cultural tendo como fundamentação precípua a vivência profunda dos valores filosóficos que norteiam as atividades humanas.

Entende que viver filosoficamente é a mais pura experiência de "dar", de entregar o que de melhor temos para construir aquilo que mais sonhamos.

Portanto amigo leitor, venha nos conhecer, venha participar filosoficamente.

---

### **SEDE CENTRAL**

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - S.Paulo-SP - CEP 04003 - Tel.:(011)288.7356

---

### **GRÁFICA E EDITORA PALAS ATHENA**

Rua José Bento, 384 - Cambuci - S.Paulo-SP - CEP 01523 - Tel.:(011)279,6288-270.6979

---

### **CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS**

Bairro do Souza - Município de Monteiro Lobato-SP - CEP 12250

---

### **CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA - Bauru**

Rua Rio Branco, 16-22 - Bauru-SP - CEP 17040

---

THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo Egito. É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde serão pesados na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (tau, no Egito), que leva em uma das mãos, é o símbolo da vida eterna; na outra conduz o bastão, emblema da Sabedoria Divina.

# THOT



#### CAPA:

Tentação, Queda e Expulsão, de *Les Très Riches Heures du Duc de Berry*, in *O Poder do Mito*, de Joseph Campbell, a ser editado proximoamente pela Palas Athena.

THOT Nº 51/1989

#### EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil  
Lia Diskin  
Basilio Pawlowicz  
Primo Augusto Gerbelli

#### REDAÇÃO

Lia Diskin  
Neusa Santos Martins

#### REVISÃO

Therézinha Siqueira Campos, George Barcat, Isabel Cristina M. de Azevedo.

#### EQUIPE THOT

Nilton Almeida Silva, Maria Luci Buff Migliori, Maria Léa Schwarcz, Julieta Penteado, Odete Lara, Verônica Rapp de Eston

#### PRODUÇÃO

Aparecido Tenório da Silva, Basilio Pawlowicz, Emílio Moufarrige, João Fernandes Filho, Sérgio Marques.

#### FOTOGRAFIA

Elaine Rodrigues

#### DISTRIBUIÇÃO

Alberto José Z. Lopes, George Barcat

#### FOTOLITO CAPA

Polychrom

#### SECRETARIA

Alberto José Z. Lopes, Ieda de Paula, Marcus Vinícius dos Santos, Marilene Ribeiro Sardinha.

#### COLABORADORES

Carlos Maria Martínez Bouquet (Argentina)  
Henryk Skolimowski (E.U.A.)  
Pierre Weil  
Roberto Ziemer (E.U.A.)  
Walter Gardini (Argentina)

#### PROGRAMAÇÃO VISUAL GRÁFICA (PVG)

Manoel Inácio Camilo Carreira

#### COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA  
Rua José Bento, 384 (Cambuci) - CEP 01523  
São Paulo - SP Fones: (011)279.6288 - 270.6979

## ÍNDICE

<b>EDITORIAL</b>	2
<b>VALORES TRADICIONAIS E VALORES DA ECOLOGIA</b> <i>Henryk Skolimowski</i>	3
<b>O UNIVERSO MÁGICO DOS CIGANOS</b> <i>Rosângela Carvalho</i>	8
<b>À BEIRA DO NOVO</b> <i>Carlos María Martínez Bouquet</i>	15
<b>RESSONÂNCIA MORFOGENÉTICA</b> <i>Rupert Sheldrake</i>	20
<b>O LIVRO DO CALMO PENSAR</b> <i>Francesco Ferrari</i>	24
<b>O NOVO HUMANISMO DE MIRCEA ELIADE</b> <i>Walter Gardini</i>	26
<b>... E ATÉ OS ANTEPASSADOS</b> <i>Paul Jordan-Smith</i>	30
<b>A RESISTÊNCIA AO TRANSPESSOAL E A ABORDAGEM HOLÍSTICA DO REAL</b> <i>Pierre Weil</i>	35
<b>O CONTEÚDO MÍSTICO DO GITANJALI</b> <i>R. Raphael</i>	40

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual (4 números): NCz\$ 20,00 (preço sujeito a alteração sem aviso prévio), cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil, Rua Leônício de Carvalho, 99 (Paraisópolis), CEP 04003, São Paulo, SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

---

# EDITORIAL

---

- *Você não me entende. Não adianta...*
- *Mas você disse, não disse?*
- *Eu posso ter dito, mas não era isso que eu queria dizer.*

*Você não compreende. Deixa pra lá. Você sempre me interpreta mal.*

Quantas vezes ouvimos ou dissemos isso? Muitas. Mais do que gostaríamos, mais do que o necessário.

Há coisas que, por estarem ao nosso dispor e fazerem parte do cotidiano, acreditamos conhecer ou ter a habilidade de utilizar. O diálogo talvez seja uma delas. Entretanto, se fizermos uma retrospectiva e olharmos o panorama histórico dessa arte – porque de fato o é – concluiremos que o diálogo, como uma atividade irrestrita de todos para com todos, é algo novo, de aparição recente.

Com um médico, um padre, um político, um advogado ou um professor não se mantinha diálogo – apenas se escutava. Isso não faz muito tempo. Uma esposa conversava com seu marido um repertório limitado de assuntos, a maioria deles ligados aos afazeres domésticos, à saúde das crianças, às novas dos familiares – quem estava doente, quando nasceria o filho da prima, se a mãe viria ou não para o almoço do domingo...

Uma suposta hierarquia de papéis regulava qualquer tipo de conversa, e mais ainda as possibilidades reais de diálogo.

Grande parte dos mal-entendidos ou dos relacionamentos difíceis entre pais e filhos, casais, partidos políticos, etc., é atribuída à falta de diálogo, ao pouco conhecimento que têm do outro as partes envolvidas. E aí pára o diagnóstico, cuja prescrição é que conversem mais, que se aproximem em busca de pontos comuns, sem cogitar sequer que é necessário aprender a dialogar, o que não é igual a falar ou escutar, pois exige e supera a ambos em qualidade e intensidade.

Para haver diálogo é preciso que os participantes se predisponham, se automotivem e abracem uns aos outros no nível da questão que abordam. Se permanecerem engaiolados nos critérios particulares, não deixando espaço para o fluir de idéias que se vão entrecendo no curso de uma conversa, idéias que às vezes são sugeridas por um gesto, por uma inflexão de voz e, até, pelo silêncio, o *dia-logos* (entre idéias) não se estabelece. E conste que essa esterilidade não ocorre apenas se um dos envolvidos, embriagado pelas próprias idéias, passa a monologar ocupando todo o espaço da relação estabelecida. Não. O outro, embriagado também, mas com as idéias que não expressa, coopera deixando que lhe usurpem a oportunidade para, mais tarde, reclamar contra a injustiça da qual foi cúmplice.

Dialogar, como dissemos, é uma arte, e uma arte nova na qual podemos nos exercitar, e até nos tornar mestres. A interdependência, tão evidente em nossos dias, reclama o diálogo, a correta motivação para expor os nossos sentimentos, critérios, dúvidas e, igualmente, para que nos abramos a fim de receber o que outros têm a oferecer, a dizer. Ao fim das contas, se é pelo fruto que se conhece a árvore, é pelo que escutamos e falamos que podemos conhecer a profundidade das raízes dos sentimentos que se põem em jogo numa relação humana.

Por isso não basta apenas falar, não basta apenas escutar, é tempo de diálogo.

Lia Diskin

# VALORES TRADICIONAIS E VALORES DA ECOLOGIA

---

HENRYK SKOLIMOWSKI

---

O mundo está sofrendo; nem a ciência nem a tecnologia conseguem trazer-lhe alívio. O mundo sofre porque os valores antigos desapareceram sem que os novos emergissem. O mundo sofre porque os valores são parte de nosso alimento psíquico – e privar as pessoas de valores corretos é fazê-las morrer à míngua, fazê-las sofrer. O mundo sofre porque nossas psiques estão desorganizadas em virtude dessa desordenação dos valores.

Nós, ocidentais, herdamos os valores de quatro diferentes tradições, os quais nos são inculcados desde a mais tenra infância. Nós os recebemos através dos sutis canais de nossa cultura, que nos molda continuamente; nós os bebemos com o leite materno.

Quais são essas quatro tradições que, com seus valores, moldaram a psique ocidental e que, portanto, moldam a cada um de nós individualmente (e não apenas a nós, já que a influência do Ocidente ultrapassa as suas fronteiras)? São:

- 1 - os valores gregos ou homéricos;
- 2 - os valores judaico-cristãos;
- 3 - os valores renascentistas;
- 4 - os valores econômicos e tecnológicos da sociedade moderna.

Essas tradições convivem em harmonia, às vezes. Noutras, chocam-se mutuamente. Quando isso acontece – no âmbito de nosso próprio ser – começamos a entrar em conflitos internos, despedaçamo-nos. Ficamos sem saber para onde ir nem como agir de maneira adequada. Essas quatro tradições estão contidas em nós, camada sobre camada, e mal nos damos conta da força com que seus valores nos influenciam. Se isso gera exigências valorativas conflitantes, estas não são tão importantes quanto o é a identificação da origem desses conflitos internos.

## Os valores gregos

A *Ilíada* de Homero era a Bíblia do povo grego antigo. A *Ilíada* e a *Odisséia* formaram a mente, os valores e a sensibilidade dos jovens gregos em seu percurso rumo à maturidade. Quando a Grécia foi conquistada por Roma, o *ethos* e os valores gregos não foram esmagados nem varridos; foram, ao contrário, “enxertados” na estrutura da Roma Imperial, a qual, por sua vez, disseminou-os por toda a extensão do Império. Diz-se que os gregos, vencidos pelas armas, conquistaram os romanos espiritual e culturalmente.

Herdamos os valores gregos, bem como o *ethos* greco-romano, que se infiltrou em todo o mundo ocidental. Tendo o *logos* grego se tornado a estrutura subjacente à mente ocidental, somos descendentes da mentalidade e dos valores da Grécia. Estes sobrevivem em nós; basta evocar a presença contínua e a ressonância da arte e da literatura grega.

Entre os principais valores dessa cultura temos:

- a honra,
- a coragem,
- o auto-sacrifício.

Exaltados por Homero, podemos denominá-los de valores homéricos. Destacamos, entre eles:

- a *areté*, ou excelência,
- a versatilidade, ou universalidade,
- a totalidade, representada por uma vida harmoniosa.

A perenidade insuperável de sua cultura foi atingida pelos gregos através da incansável luta que travaram pela excelência, pela *areté* – em qualquer dos âmbitos do esforço humano. A *areté* é mais ampla e profunda do que o nosso conceito de excelência, que

se restringe, com freqüência, à excelência técnica, vista em termos de eficiência industrial.

Em seu livro *Zen e a Arte da Manutenção das Motocicletas*, Robert Pirsig popularizou o conceito de *areté* e nos fez perceber suas múltiplas dimensões. Pirsig traduziu *areté* como “qualidade”, palavra que dificilmente pode ser definida. A abordagem taoísta é mais adequada neste ponto. O *Tao* que pode ser definido não é o verdadeiro *Tao*. O verdadeiro *Tao* é o que não pode ser definido.

Outra característica da mentalidade grega no período clássico foi a busca pela totalidade, pela versatilidade e pela recusa da especialização. A totalidade foi um dos valores da cultura grega e, nesse sentido, a mentalidade grega pode ser considerada proteana<sup>1</sup>. Tal cultura abarcou uma diversidade de aspectos nos quais as coisas particulares tinham significação como partes de um todo maior. “Um sentido da totalidade das coisas é talvez a característica mais típica da mentalidade grega... A mente moderna divide, especializa, pensa através de categorias; a mente grega propõe o oposto, ao buscar a visão mais ampla e ver as coisas como um todo orgânico”. (H. P. F. Kitto, *The Greeks*, editado pela Penguin, p. 169.)

Outro valor muito importante do mundo grego era a harmonia, que impregnava toda a vida e o pensamento da Grécia, bem como sua busca de excelência. Devemos lembrar-nos que esses três valores: *areté*, totalidade e harmonia, não são distintos e separados, mas aspectos um do outro. Embora os admiremos, nós os perdemos, em grande parte, na nossa sociedade altamente especializada.

Apesar de termos nos distanciado do *ethos* grego, ele ainda sobrevive – em nossos ossos, nos recessos ocultos da nossa mente, tão profundamente influenciada por esse *ethos* e esses valores.

### Valores cristãos

Com o colapso do Império Romano do Ocidente no século V d.C., os valores cristãos começaram a modelar a psique ocidental. Têm sua origem, principalmente, nos Dez Mandamentos, que são um esplêndido decálogo moral. Contudo, por excesso de familiaridade com eles, não percebemos que os Mandamentos se constituem, na maior parte, de proibições. Lembra continuamente: “Não deves, não deves, não deves...”. O resíduo final dessas proibições é um tanto opressivo para nossas mentes, principalmente se compararmos o *ethos* dos Dez Mandamentos com o dos gregos, expresso em termos positivos e plenos de vida.

O *ethos* e os valores cristãos não se expressam sempre em áridas proibições. Lembremo-nos das palavras de Jesus: “ vim para trazer-vos vida abundante”. No entanto, a tônica dos valores cristãos centraliza-se mais nas proibições que no bondoso amor pregado por Jesus. Não há dúvida de que a mensagem amorosa é bem perceptível, mas não se torna uma força radiante que impregna tudo o mais.

Quando a Igreja se transformou em uma poderosa instituição, os valores enfatizados foram:

submissão,  
piedade,  
auto-imolação.

Esses valores passaram de geração em geração, com seu sentido de impermanência da existência humana, da quase inutilidade do viver terreno. Essa atitude contrasta com o ideal de vida grego e hindu; neste a existência terrena é sagrada e divina, não podendo ser tratada com menosprezo.

Devemos ter em mente que os valores nos dizem implicitamente como é a vida, guiando-nos rumo a certas metas, a certos fins últimos. Comparando a valoração homérica com a cristã, percebemos de imediato que ambos os sistemas valorativos procuram conduzir à realização do ser humano, sendo essa realização, porém, concebida de maneira diferente em cada um deles. Também devemos estar cientes de que esses sistemas estão armazenados dentro de nós, e que reagimos a partir deles nas diferentes situações de nossa vida.

### Valores renascentistas

É claro que a história não termina aí. Com a crise da Igreja católica nos séculos XIV e XV, a Renascença entra em cena articulando seus próprios valores, entre os quais são os mais importantes:

o humanismo: “O homem é a medida de todas as coisas”;  
o autodomínio;  
a capacidade de realização;  
a versatilidade.

Os valores renascentistas significaram, em parte, um retorno aos valores gregos de versatilidade, totalidade e auto-realização do indivíduo por meio de seu próprio esforço. Mas também abriram caminho para a valoração tecnológica do século XX. Quanto mais se enfatizava, no indivíduo, a capacidade de realização, mais o individualismo emergia como valor predominante. Enquanto diminuíam, com o tempo, os valores religiosos e espirituais, o homem como fenômeno espiritual ia empalidecendo. A idéia de que “o homem é a medida de todas as coisas” tornava-se o alvo do homem faustiano: vivendo apenas uma vez, está decidido a viver às expensas do que quer ou de quem quer que seja. É à luz dessa progressiva secularização da cultura e dos valores ocidentais dos séculos XVIII e XIX, que devemos entender a gradual mudança dos valores intrínsecos (religiosos e espirituais). Transformando-se em valores instrumentais, acabaram por predominar, no século XX.

### Valores tecnológicos

Quais são, basicamente, os valores econômicos e tecnológicos?

eficiência;  
poder sobre as coisas e, eventualmente, sobre as pessoas;  
controle e manipulação.

Hoje eles afetam profundamente nosso pensamento e atuação. Não nos esqueçamos de que os valores refletem com nitidez as formas dominantes de comportamento numa sociedade. Como modificadores e controladores de nossa atuação, fazem com que nos enquadremos dentro dos padrões aceitáveis. Por essa razão, os jovens ocidentais de mentalidade racional, educados dentro dos rigores da racionalidade científica – que reforça a funcionalidade, a eficiência, o poder e a manipulação – são o repositório dessa visão valorativa. Ensinam-lhes que ser agressivo, duro, competitivo, eficiente e racional é o que tem validade.

A cultura tecnológica lhes inculca esses novos valores, embora os antigos não tenham desaparecido: ainda estão aí, até mesmo nos jovens, que recebem, no período de formação, os resíduos das antigas culturas. Porém, muitas vezes, dá-se um conflito valorativo dentro deles: a que devem obedecer: ao deus da eficiência e do poder, ao deus do amor, da misericórdia e da submissão, ou ao deus do auto-sacrifício e da honra? Na verdade, podemos afirmar irrestritamente que os nossos mais profundos valores são de fato os nossos deuses, na medida em que nos guiam (e, de certa maneira, nos manipulam) a partir de um profundo espaço interior.

#### Os valores puramente instrumentais não são suficientes

É óbvio que os valores puramente instrumentais da cultura tecnológica não nos dão o devido suporte enquanto seres humanos, e nem, mais especialmente, como seres espirituais. Podemos dizer, sem exagero, que a psique ocidental mergulhou no caos e na confusão porque os atuais valores ocidentais também estão imersos no caos e na confusão. Isso se reflete em nossas psiques individuais. Compreender esse fato pode auxiliar o indivíduo a entender seus conflitos internos – o que, porém, não é suficiente. Precisaremos ir além do niilismo, do relativismo e do caos dos valores atuais, a fim de trilhar novamente a direção certa, estabelecer significados para nossas vidas e nutrir nossas psiques sedentas, que estão à procura dos valores corretos.

Perguntamo-nos: será que a racionalidade é um erro, já que ela parece ser parte dos valores instrumentais, quase sempre destrutivos? Nossa mente responde que não. Fomos treinados para considerar a racionalidade como uma de nossas divindades e, portanto, quando a julgamos através dela própria, ela não consegue considerar-se errada.

Perguntamo-nos uma vez mais: deveríamos retomar os antigos valores religiosos? Alguns, em desespero, acham que sim e terminam por ingressar em algum culto fundamentalista, que lhes traz segurança e orientação à custa de sua liberdade e autodeterminação. Não quer dizer que um retorno aos valores religiosos implique, de maneira necessária, na perda da liberdade e autodeterminação, mas isso invariavelmente acontece no contexto da maioria dos cultos fundamentalistas.

Não podemos, hoje, simplesmente retornar ao passado e retomar os velhos valores cristãos como se o mundo tivesse permanecido imóvel. Sabemos também que a racionalidade apenas não é suficiente, pois ela pode criar monstros semelhantes àqueles que fabricaram o gás que exterminou os judeus e o *napalm* que queimou os vietnamitas. Estas são conquistas da ciência e da racionalidade da qual não podemos nos orgulhar.

#### Ciência e religião

Há um outro fenômeno que também não devemos esquecer. É importante compreender que o processo de secularização da cultura ocidental produziu, em sua inadvertência, o relativismo, o cinismo e o niilismo. A ciência tem sido acusada de suprimir a religião e os valores religiosos. Até certo ponto isso é verdade, mas apenas até certo ponto.

Nem sempre a ciência foi adversária da religião. Certamente não o era nos séculos XVI e XVII, época em que andava a passos largos. O próprio Copérnico, alicerce dos novos conhecimentos científicos, pensava estar demonstrando, com a sua ciência, a concórdia do mundo e de sua divindade, sendo ambos a manifestação de um Deus harmonioso e infinito. Ele escreve: “Nada é mais repugnante para a ordem da totalidade e para as formas do mundo do que algo fora de seu lugar”. Queria dizer, com isso, que Deus não poderia ter criado um mundo incoerente e desarmônico. Os mesmos sentimentos foram expressos por Kepler e por Isaac Newton; estes reafirmaram que, estabelecendo um conjunto de leis que explicassem tanto o comportamento dos corpos celestes quanto dos terrestres, unificando-os numa mesma referência, estavam apenas comprovando a harmonia do universo de Deus.

Contudo, a partir do século XVIII mudaram todos os valores culturais. Quando o Iluminismo francês principiou a dominar a cena européia, começam a preponderar o secularismo e o anticlericalismo, os quais, na verdade, são uma forma disfarçada de ateísmo. Aos poucos, a razão, a liberdade e o progresso são erigidos como os novos deuses. A ciência é, cada vez mais, usada como instrumento de justificação do secularismo e agente do progresso material. Os valores religiosos, ainda aceitos na superfície, são questionados num nível mais profundo.

No século XIX o secularismo torna-se agressivo e o ateísmo emerge como a doutrina dominante. O que se ocultava sob os princípios do Iluminismo francês vinha à luz nas doutrinas de Feuerbach, Marx e outros materialistas do século XX, que tomam a ciência e o progresso como apoio para o ateísmo. Também no século XIX ergue-se uma nova voz, a de Friedrich Nietzsche, que anuncia a morte de Deus e profetiza que com o passar do tempo seremos devorados pelo niilismo. É esse contexto que leva ao eclipse total dos valores intrínsecos e à ascensão dos valores instrumentais. Estes últimos aparecem, de maneira branda de início, nas doutrinas do utilitarismo, preco-

nizadas por John Stuart Mill e Jeremias Bentham para, em seguida, aparecerem mais agressivamente nas doutrinas niilistas bem exemplificadas pelo personagem Bazarov, no romance de Turguêniev, *Pais e Filhos*.

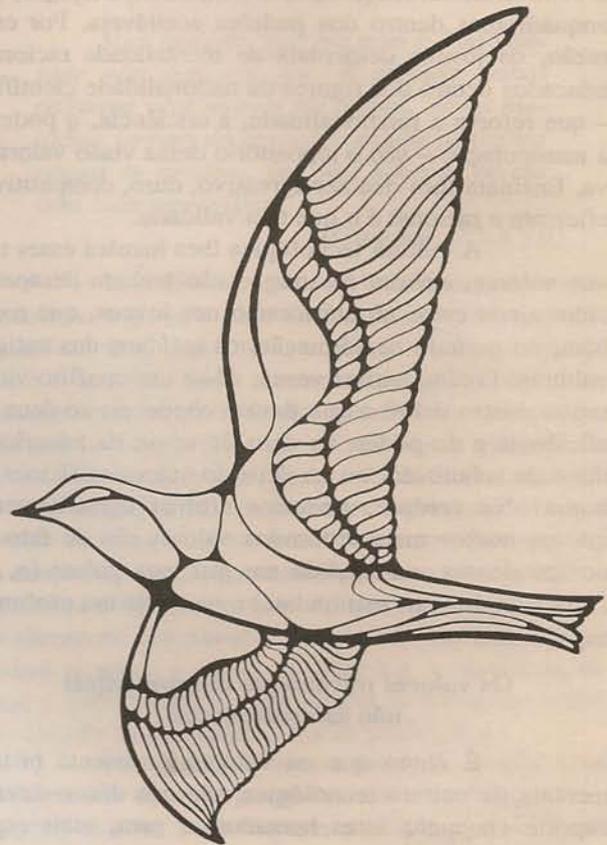
Em suma, ao tentarem se libertar da tirania dos valores religiosos petrificados, os séculos XVIII e XIX passaram da conta e acabaram por jogar fora o bebê junto com a água do banho. Ao rejeitar todos os valores religiosos e, na verdade, todos os valores intrínsecos, estavam preparando o cenário para uma época de vácuo valorativo e para o reinado do niilismo e dos valores instrumentais.

### O surgimento da ética ecológica

Esta breve reconstrução da odisséia dos valores ocidentais ajuda-nos a compreender onde estamos e como chegamos aqui. Não nos ajuda ainda a ver quais são os valores que poderemos vivenciar em nossa atualidade, nem mostra como poderemos auxiliar os jovens que buscam como combater o relativismo, o cinismo e o niilismo, em cujo bojo residem as drogas, o álcool e a indiferença ante a vida. Se nada vale a pena, por que, então, não sair por aí quebrando tudo, mesmo que a vida seja arruinada nesse processo? Ouso dizer que os jovens têm todo o direito de estar confusos, pois lhes inculcamos diversos sistemas valorativos, muitas vezes incompatíveis entre si. O modo de lidar com essa confusão não é negá-la, mas reconhecê-la, analisando, então, seus elementos e estruturas subjacentes. Depois, conscientizarmo-nos, tornando-nos sensíveis ao fato de como o *ethos* instrumental e o homem fáustico que temos dentro de nós colidem com o *ethos* cristão e a imagem do brando Jesus que também guardamos interiormente.

Que podemos dizer aos jovens e a nós mesmos sobre os novos valores que podem sustentarnos, racional e espiritualmente, no mundo atual?

- I. Que estamos num beco sem saída, devido a um desenvolvimento unilateral. O progresso da humanidade significa uma evolução completa, que integre o progresso espiritual e não se restrinja apenas ao material.
- II. Que nesta época a preservação da integridade do planeta é um dos maiores imperativos para a nossa sobrevivência. Assim, exercermos nossa sanidade no campo da preservação ecológica emerge como um dos mais importantes entre os novos valores. Isso nos direciona para uma nova ética ecológica.
- III. Que possuímos, em nossa rica herança de valores, outros modelos além do homem fáustico, o qual vive apenas uma vez, e portanto desregradamente, vivendo, em última análise, de maneira estúpida.
- IV. Que se olharmos de modo penetrante o atual estado de coisas, perceberemos que a busca pelo significado da vida, pela preservação e sanidade no campo da ecologia, são faces da mesma moeda. Ou seja, em nossos dias a espiritualidade e a ecologia começam a fundir-se. Assim, somos levados



à articulação de uma ética ecológica, cujos principais valores são:

reverência pela vida,  
responsabilidade,  
frugalidade,  
diversidade,  
compaixão,  
justiça para todos.

Devemos começar pelo fundamental, isto é, por uma atitude de reverência pela vida, por todas as suas formas; este é o alicerce da nova ética emergente.

**Reverência pela vida implica responsabilidade.** Não é possível compreender verdadeiramente a vida sem responsabilizar-se por ela. Assim, reverência e responsabilidade definem-se mutuamente.

Se quisermos, de fato, ser responsáveis pela existência como um todo, não poderemos permitir-nos um estilo de vida que afete os outros de maneira prejudicial (mesmo que esses outros estejam num ponto distante do planeta). Ser causa de empobrecimento para a vida alheia, por nosso consumo excessivo ou por posses supérfluas, não é correto. Portanto, a **frugalidade** (entendida como o fazer mais com menos, como pré-condição necessária para a beleza interior, ou melhor, uma frugalidade entendida como altruísmo) está implícita na noção de responsabilidade.

Por outro lado, a responsabilidade pela vida como um todo nos obriga a defender a **diversidade**, que não é apenas o tempero da existência, mas também a pré-condição para que ela seja saudável e vibrante. É, além disso, uma condição essencial para que nossas vidas individuais sejam ricas e significativas.

De nossa busca pela responsabilidade, frugalidade e diversidade, decorre naturalmente o imperativo da **compaixão** – o desejo e a capacidade de entender outras formas de vida por meio da empatia. Empatia é parte da reverência pela vida. Aos cinco valores que analisamos segue-se outro: **justiça para todos**. Pois, a menos que consigamos buscar e estabelecer a justiça (pelo menos, em princípio), os outros valores postulados e desejados estarão em perigo.

Como vemos, todos esses valores estão relacionados e definem-se mutuamente. Juntos, formam o que chamo de **ética ecológica**. O imperativo moral e global dessa ética é: agir e comportar-se de modo a elevar os aspectos significativos da existência.

No século XIX percebemos que não podíamos viver com Deus (o Deus das religiões tradicionais). No século XX, percebemos que não conseguimos viver sem Ele, isto é, que não podemos viver apenas com a tecnologia e a racionalidade. Ao procurar novas formas de dar significado às nossas vidas estamos procurando um novo veículo através do qual possamos atender ao nosso anseio pelo divino. A procura do significado da existência é uma busca no escuro pela realidade última, suprema e mais nobre. Os valores intrínsecos são as pontes que nos ligam com a divindade. Cobrir de verde as religiões de nosso tempo significa um novo nível de compreensão, ou seja, que Deus pode ter uma dimensão ecológica. **Os valores da ecologia representam uma tentativa de reconstruir o significado de Deus na era ecológica.**

Os valores éticos da ecologia espelham uma nova forma de espiritualidade e de responsabilidade. Podem levar os jovens a atuar na preservação ambiental como parte de sua própria salvação e, também, a conceber a espiritualidade (profundamente relevante em nossas vidas) como algo independente das religiões institucionalizadas. Pensar a respeito da Terra vivente, de Gaia, à qual estamos tão ligados e pela qual temos responsabilidade – que corresponde à responsabilidade por nossas próprias vidas – pode ser algo muitíssimo inspirador para os jovens.

Acredito que caberia bem neste contexto finalizarmos com um poema:

### A teia divina

*Teólogos admiráveis,  
Em livros de hoje e de ontem,  
Têm tão fina sapiência,  
Tão divina percepção!  
Sobre a Pessoa constroem  
Um pensar monumental,  
Com fala preciosa dizem  
O que é a substância  
E a transubstanciação.  
E da alma incompreensível  
Sabem eles o porquê.  
Mas há carência, há falta –  
Qual é ela, e de quê?  
Onde põem a dor de agora,  
Deste momento real?*

*Bebês-focas trucidados;  
No Amazonas, vidas raras  
E em nós, afetos e amores  
São mortos até a extinção.  
As almas são chacinadas.  
É uma só calamidade,  
Ecológica e letal.*

*Acende, ó São Francisco,  
Inspira nossa visão  
Por que a nova teologia  
A ecologia declare.  
Ensina-nos, São Francisco,  
A falar com passarinhos,  
A aprender que o corvo escuro  
Merece o nome de irmão.  
Não queremos novos deuses,  
Mas Aquele que aqui está,  
Que a Vida, divina, mostra,  
Na teia divina exposto,  
Sempre Um – sacra Unidade!  
Que merece reza e afago.  
A ecologia O declara,  
Reunindo, ao sol e ao céu,  
Todos os seres e vidas,  
Todos, sem faltar nenhum.*

Henryk Skolimowski é professor de Filosofia da Universidade de Michigan

### NOTA

1. De Proteu, divindade marítima que tinha o poder de assumir inúmeras formas.

Tradução: Nilton Almeida Silva

Versão do poema *A teia divina*: Neusa Santos Martins

# O UNIVERSO MÁGICO DOS C I G A N O S

---

**ROSANGELA CARVALHO**

---

**Poucos conhecem a magia dos ciganos. O estudo a respeito desse povo, a gitanologia, só foi aceito como um ramo da etnologia já no século XX. É muito difícil chegar a uma verdadeira história do povo cigano, uma vez que eles jamais tiveram leis escritas ou unidade política. Vamos tentar mostrar aqui um pouco de sua cultura milenar, com sua arte e encanto, procurando sempre respeitar seus segredos.**

## **O mistério da origem**

Até hoje não se conseguiu uma verdade definitiva sobre a sua origem e o motivo de sua dispersão pelo mundo. Normalmente a definição que se tem é a de que eles provêm da Índia e têm mil anos de história. Recentemente, o padre Renato Rosso, um italiano que lidera a Pastoral dos Nômades do Brasil e que viaja com os ciganos há cerca de 24 anos, formulou uma nova teoria que remonta à "pré-história" deste povo.

Segundo ele, 2000 anos antes de Cristo, aparecem no sul da Rússia os nômades arianos que vão na direção da Índia, do mar Mediterrâneo e rumam para o sul. Em 1750 a.C. um grupo de nômades, os arameus, viaja pela Síria, Palestina e Egito. Em 1700 a.C. aparece um líder carismático de nome Abraham, que foi considerado como o patriarca dos ciganos, o pai do povo Rom. Logo, enquanto os arianos descem os arameus sobem, acontecendo um cruzamento muito importante.

No ano 500 a.C., quando se faz a redação da Bíblia, fala-se de nômades que vivem em barracas, trabalham com metais e são músicos talentosos. É dessa mesma época a lenda de um rei da região persa que, pensando que seu povo estava acabado, triste, pede que venham da Índia pessoas para alegrar sua gente, chegando de lá 12 000 saltimbancos.

Talvez essa lenda seja a explicação para uma realidade que existia: o nomadismo de um povo que, devido ao rígido sistema de castas hindu, foi obrigado a partir e que, por coincidência, tinha exatamente as mesmas características dos que chegaram à Pérsia. É possível que aí esteja uma das origens do povo que hoje conhecemos por cigano. Digo uma das origens, porque uma possível ligação com o mundo árabe, a se julgar por exemplo pelo tipo de barracas de seus acampamentos, está muito presente também no povo cigano, chamado de Rom.

Podemos então concluir que este povo tem duas raízes: uma na Índia e outra no mundo árabe; neste, o maior representante é Abraham, pai dos Roms e também dos judeus. Acrescenta-se a essas, a opinião de Voltaire de que eles eram nada menos do que "os degenerados descendentes dos sacerdotes da deusa Ísis, misturados com seus adoradores".

Ao Brasil, chegaram em 1574. O primeiro deles foi João Torres, que veio de Portugal na condição de degredado, assim como muitos outros que o sucederam. Existem vestígios de que os ciganos participaram das Bandeiras que desbravaram o Brasil central.

Depois da chegada da família real portuguesa eles foram contratados para distrair a corte, com suas danças típicas, sua música e seu colorido, nas festas do Paço Imperial na Praça 15, no Rio de Janeiro.

De onde vêm e quem são, eles não revelam. Mas o certo é que ganharam o rumo da liberdade.

### A obstinada cultura cigana

É impossível entender a cultura cigana sem conhecer e respeitar as suas principais características, que são: o nomadismo, a oralidade, a valorização do segredo e a liberdade.

Para a professora de Literatura Cristina da Costa Pereira, autora do livro *Povo Cigano*, eles têm como estratégia de defesa o ocultar-se. Desde que se dispersaram, vindos da Índia, chegando à Europa – a Creta – em 1322, transpondo a Revolução Industrial até os dias de hoje, esse povo tem resistido aos regimes tirânicos de todos os tempos e lugares.

Existe um provérbio cigano que retrata bem esse relacionamento com os regimes com os quais conviveram: “A lei dos reis tem destruído a lei dos ciganos”.

Nômades por natureza, em vários momentos da história, ao longo dos tempos, os ciganos foram proibidos de exercer o nomadismo. Por força dessa proibição muitas tribos tornaram-se sedentárias. Mas, mesmo para o cigano sedentário, o impulso de andar é algo que brota do íntimo, e é incontrolável.

É um povo que não quer limite geográfico, não quer terra, quer apenas liberdade. Viajam por prazer, comem quando têm fome e dormem quando têm sono. A pátria do cigano é aonde ele chega; o que lhe confere unidade é o seu sentido de família, de comunidade. Sua pátria está dentro dele mesmo.

O povo cigano tem a consciência de que é preciso passar.

*A tua raça de aventura  
quis ter a terra, o céu, o mar.  
Na minha, há uma delícia obscura  
em não querer, em não ganhar...  
A tua raça quer partir,  
guerrear, sofrer, vencer, voltar.  
A minha, não quer ir nem vir.  
A minha raça quer passar.*

Cecília Meireles

Dispersos pelo mundo, em tribos nômades, seminômades e sedentárias, o povo cigano vem conseguindo manter sua unidade. Para tal, utiliza-se do segredo como uma das armas para defender a sua cultura. Eles levam ao pé da letra o provérbio: “Para contar um segredo, sussurrar a um surdo”.

Ciganos não mentem, inventam verdades. Não permitem o controle sobre suas vidas; sempre viveram junto a outras culturas, absorvendo, aparentemente, algumas de suas características, mas guardando sempre a sua essência cigana. Para eles, contar um segredo é traír os seus antepassados, o que violaria um de seus valores mais preciosos.

Não adiantam estudos para descobrir os mistérios desse povo; a convivência com ele faz com que se perceba ou não a sua filosofia. Cigano, se nasce.

*A terra é minha pátria.*

*O céu é meu teto.*

*A liberdade é minha religião.*

(dito cigano)

Quem não captar a essência cigana, jamais vai compreender como um povo que ressalta tanto a liberdade pode ter como tradição o culto à virgindade, em algumas tribos o casamento previamente tratado e uma forte rejeição ao homossexualismo e ao adultério.

Para eles, obedecer a esses preceitos não significa nenhuma prisão, pois fazem parte da vivência cultural que sustenta a sua tradição, a qual consideram a coisa mais importante. É a tradição que os une e que também lhes confere a condição de povo livre.

Outro ponto fundamental para a resistência desta cultura é a oralidade. O povo cigano é ágrafo e faz questão de não levar ao conhecimento dos *gadjes* (homens, povo não-cigano) a sua língua, o romani. Existem variações no vocabulário dos grupos, mas cigano vai sempre se entender com cigano, venha ele de que parte do mundo vier. Eles costumam dizer que só em romani se fala a verdade.

Seus costumes são passados através de histórias contadas pelos mais velhos aos mais novos. Isso explica o respeito que o cigano tem pelo velho. Este é aquele que tudo ouviu, tudo sabe e tudo ensina.

### O dinheiro na vida do cigano

Dizer que o cigano não dá importância ou não gosta de dinheiro e que eles são pobres miseráveis, seria mentira. Eles dão importância ao dinheiro, adoram comer e beber bem, vestir roupas de seda e usar jóias de ouro. O que não suportam é patrão, hora marcada, serem escravos do dinheiro. Quando têm, gastam com o que lhes agrada. Vivem o momento presente; o sustento do dia seguinte... Deus dará.

“O homem faz o dinheiro, mas o dinheiro não faz o homem.”

O cigano não é dado à acumulação de riquezas, porém existem muitos deles espalhados pelo mundo, e pelo Brasil também, que são ricos. Existem fazendeiros ciganos em Goiás, além de muitos industriais em Campinas. Os sedentários atuam no mercado de automóveis e no imobiliário, ou como advogados, motoristas de táxi, músicos, atores, jornalistas, artistas de circo e artesãos.

Os nômades vivem dos seus ofícios, são também ótimos vendedores e, segundo depoimentos, quando se vêem em necessidade, furtam. Quanto a isso, uma vez um cigano disse que “não se envergonhavam, pois só roubavam aos *gadjes* e para sobreviver. E os *gadjes* que roubam uns aos outros?” É difícil afirmar que esse cigano esteja errado. É melhor dizermos que são outros os seus valores.

*A cigana leu o meu destino,*

*Eu sonhei:*

*Bola de cristal, jogo de búzios, cartomante.*

*Eu sempre perguntei:*

*O que será do amanhã?*

*Como vai ser o meu destino?  
Já desfolhei o mal-me-quer,  
Primeiro amor de um menino...*

João Sérgio (*O Amanhã*)  
— samba-enredo da União da Ilha)

Em geral a mulher tem um papel importante na economia da família, com o exercício do poder divinatório. Entre as ciganas, 80% são “buena-dicheiras”, quiromantes ou cartomantes; algumas lêem a sorte na borra do café, numa taça de champanhe, na bola de cristal, pelo jogo de dados ou de moedas. Há várias maneiras de fazer uma leitura ou de prever o destino, e o povo cigano tem muito respeito por essas percepções, principalmente pelas cartas. Ler a sorte é mais que uma questão de sobrevivência, é uma questão de fé.

O comum entre os ciganos é não gostar de política: afinal, não gostam de leis. Para eles, o poder é o poder de viver, ter sua família e ganhar o dinheiro necessário para o sustento, ter liberdade. Sobre os *gadjes* que têm o poder nas mãos, costumam dizer que é bom que se lembrem do provérbio:

“Rato com rosa na cabeça é sempre rato”.

O povo cigano dispensa qualquer tipo de paternalismo, pois nunca precisa da proteção dos *gadjes* para sobreviver. Lembram que várias famílias nobres do mundo se acabaram, mas que os ciganos são encontrados em todos os meridianos.

Na fase de elaboração da nova Constituição os ciganos enviaram um pedido para que fosse respeitado o nomadismo, sua característica primordial. Porque apesar de já constar da Carta o direito de ir e vir e também de estar, em algumas cidades os ciganos são impedidos até de arrendar um terreno para montar seus acampamentos. Essa solicitação foi apenas uma exposição de motivos para lembrar que seria conveniente que os *gadjes*, que gostam tanto de leis, cumprissem também esse preceito legal.

### O universo mágico

Os ciganos são detentores de uma sabedoria mágica, a qual não admitem partilhar com os *gadjes*. Somente eles sabem como atravessar o umbral para esse mundo livre. Profundamente místico, o universo mágico é fundamental para este povo.

A magia é tão importante que começa pela escolha do nome. O médico Oswaldo Macedo, cigano da família Taro-Kaló, me contou o seguinte:

Cada um de nós geralmente tem três nomes: o nome civil, do lugar onde nasceu ou onde se está mais ou menos radicado; o nome pelo qual se é conhecido na raça; e o mais belo dos nomes, que nós recebemos mas não sabemos qual é. Quando um cigano nasce, a mãe diz ao seu ouvido um nome para que os maus fados, os azares da vida, os maus espíritos, não o persigam. Segundo a superstição cigana, quando acontecer de sermos chamados por esses demônios, o nome usado por eles será o nome dado pela mãe, mas, como o cigano não sabe qual é, não responderá ao

chamado. O nome que a mãe nos dá não é dito a ninguém, nem mesmo ao nosso pai.

Os ciganos costumam resolver seus problemas pela magia. Desde pequenos, exercitam sua intuição de várias maneiras. Cultivam o poder latente nos olhos. Para um cigano, o “olho-no-olho” é a melhor forma de conhecer alguém. Existe entre eles um exercício que consiste no seguinte: 1) contração e movimentação dos olhos – o objetivo é emitir energia na direção desejada, através do terceiro olho; 2) o emprego de técnicas de respiração, como na ioga; 3) controle da percepção mental, para adivinhar o que a outra pessoa está pensando; 4) relaxamento completo do corpo. A partir de um alvo fixado, nada deve ou pode desviar sua atenção. Seu domínio dos olhos deve ser total.

Outro elemento mágico precioso para os ciganos é o fogo. Eles se orgulham de cultuá-lo e dominá-lo. Uma prova da habilidade deste povo está nas muitas fogueiras que no período da Inquisição queimaram pessoas por suas atividades em “feiticarias”, sem que nenhuma delas tivesse consumido o corpo de um cigano. Até hoje não foi encontrado nenhum processo dessa época que os envolvesse. O fogo também está presente em quase todos os rituais e nos grandes momentos da vida da raça.

Os passes magnéticos também são altamente valorizados entre eles. A cura com as mãos alivia tensões e enxaquecas, entre outros males. A técnica dá a cada dedo das mãos um equivalente planetário análogo. Assim, o sol é representado pelo polegar; a lua crescente, pelo indicador; a lua cheia, pelo médio; a minguante pelo anular, e o planeta Vênus pelo dedo mínimo. Os passes magnéticos só funcionam se aplicados por alguém do sexo oposto, sem envolvimento sexual.

Outra fascinação no mundo Rom é a maneira como usam as cartas para solucionar seus problemas e saber que caminho seguir. A origem das cartas entre os ciganos vem do tarô que, embora de origem milenar, permanece até hoje envolto em mistério.

O tarô tradicional é composto de 78 lâminas, com 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores. No princípio essas cartas não indicavam o destino mas, para que ficassem preservados os seus mistérios, os sacerdotes do Egito distribuíram as cartas às ciganas pelas ruas. Com as muitas peregrinações sofridas em sua caminhada pelo mundo, os ciganos começaram a prever o seu futuro através das cartas. Foi assim que surgiu o tarô cigano; houve um grande desenvolvimento da cartomancia, que se tornou uma das tradições deste povo.

Conforme nos informou a cigana Esmeralda, que é uma conceituada cartomante, existe em cada tribo um ritual de preparação da mulher dotada de mediunidade para as cartas ou para a quiromancia.

Vale lembrar ainda que algumas ciganas usam o baralho comum ou o tarô espanhol para suas interpretações. Além do “obi (que é uma semente) mágico”, o qual é jogado em cima de uma toalha branca ou vermelha.

Além da cartomancia, algumas ciganas são também xamãs. É o caso de Niffer Cortez, cigana, bailarina, pertencente ao grupo Kaló. Tanto os espíritos bons como os maus são dirigidos pelas xamanistas, que também são consideradas exorcistas.

Não é comum aos homens ciganos a adivinhação através das cartas. Eles evitam, inclusive, jogar baralho como diversão, pois acreditam que isso pode trazer má sorte.

O animal também está ligado ao conhecimento mítico da raça. Cavalos, papagaios, cães, lobos, galos, corujas, ursos e até unicórnios são constantes na vida deste povo: são usados como símbolos ambivalentes, a depender das culturas com as quais vão entrando em contato.

O cão é o amigo fiel que protege a caravana, sendo até mesmo tema de um dito cigano: “*Chuquel sos pirela cocal terela*”, ou seja, “Cão que caminha não morre de fome”. Já o galo é o protetor da vida. Segundo Esmeralda, ele desempenha um importante papel no mundo cigano. Cada vez que o galo canta de madrugada, está afastando os *mulos*, os fantasmas. São comuns os amuletos feitos com patas de frango, com as quais se fazem terríveis armas em forma de garra. Só que as técnicas de sua fabricação não são ensinadas a nenhum *gadje*.

As pombas, símbolo da paz no cristianismo, são abominadas pelos ciganos, para quem representam o sangue, o crime e a loucura. Os gatos são totalmente ausentes dos acampamentos, por serem animais muito domésticos, que se apegam mais aos lugares do que às pessoas.

Vale destacar que os ciganos usam o animal também como meio de transporte, sem afastar a possibilidade de optarem por outros meios de locomoção. O único que não utilizaram até agora foi o carro de boi, por ser muito lento.

Muitos são os elementos envolvidos na magia deste povo. O detentor de todos eles é o “Kaku”, o feiticeiro da tribo. Ele, sim, tudo conhece, todos os mistérios e todas as curas. Uma das doutrinas constantes na tradição dos Kakus é: “A cólera desmascara aquele que é vítima dela. Desconfia sempre das pessoas que te despertam a ira, pois tiram proveito dela.”

### O cigano e a sociedade *gadje*

“Os ciganos são loucos a ponto de quererem juntas a liberdade e a felicidade.”

Guimarães Rosa

Apesar de estarmos acostumados ao furto por parte de várias etnias que não a dos ciganos, muitos caracterizam a estes como ladrões. A edição portuguesa da *Mercury Enciclopédia* define-os assim:

“Cigano – s.m. 1. Indivíduo de uma raça errante e abjeta; trapaceiro; astuto. 2. Fig. Vendedor ambulante de quinilharias.”

Definição semelhante é encontrada no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda:

“Cigano – s.m. 1. Indivíduo de um povo nômade. 2. Fig. Indivíduo boêmio, erradio, de vida incerta. 3. Fig. Indivíduo trapaceiro, trampolineiro, velhaco.”

E assim é, na maioria dos dicionários. Esse preconceito intransigente precisa acabar. Afinal, como explicar às crianças ciganas que não é bem assim, que sua raça não é nojenta? Que cigano não é ladrão, no sentido em que os *gadjes* conhecem a palavra? Os ciganos são espertos – e ai deles se não fossem! Já teriam visto sua raça extinguir-se com o passar dos tempos, e com o aval dos que os definem como ladrões.

A sociedade ocidental, principalmente a contemporânea, pouco sabe a respeito desta cultura. Mesmo assim, o pouco que conhece é deturpado por uma série de preconceitos.

É muito comum vermos os trajes ciganos usados como fantasias de carnaval, pessoas fazerem o sinal da cruz quando um cigano passa, metendo medo às crianças dizendo que “o cigano vai pegar”, e coisas do gênero. Até mesmo a história contribui para o aumento do preconceito, ocultando tragédias como a do extermínio de cerca de 600 000 ciganos nos campos de concentração de Auschwitz e Birkenau, ordenado por Hitler. É oportuno lembrar que no processo de Nuremberg nenhum dos ciganos sobreviventes foi chamado a depor.

Por esses e outros motivos é que muitos ciganos ocultam a sua raça. São os chamados “criptociganos”. Entre eles contam-se muitos artistas, esportistas, escritores (como Castro Alves, apelidado de “o poeta lagartixa”), governadores, secretários de Estado e até um presidente da república. Sim, segundo atesta a tradição oral, um presidente muito simpático e dado à dança e à música, adorando valsas e serenatas, explicava aos mais íntimos o seu pendor artístico como uma decorrência de sua ascendência cigana. Não seria mero acaso a construção da capital num planalto vazio.

Quando um cigano usa o furto para sua sobrevivência, recorre à sedução e à esperteza, nunca às armas. Volto a frisar que o cigano não rouba seus pares nem os locais sagrados – fato que não ocorre entre os *gadjes*. Os pequenos furtos ou “*ustilar à pastas*”, como os chamam, são como um pagamento que recebem pela liberdade e pelo exercício de sua cigandade, que os *gadjes* vêm lhes roubando há séculos. É apenas mais uma arte cigana posta em prática.

O professor Ático Vilas-Boas da Mota, que leciona literatura oral e faz parte do Centro de Estudos Ciganos de Paris, conta que eles costumam se defender, quando se metem em alguma confusão por furto, com a seguinte história: “Quando Jesus estava sendo crucificado diz-se que o homem cigano que estava fazendo os cravos teria roubado um, para que Ele não sofresse tanto. A partir daí, assim como Cristo, na hora da morte, perdoou o bom ladrão, disse também que os ciganos poderiam defender-se roubando e que Ele os perdoaria sempre.” Outra variante dessa história diz

ter sido a cigana que estava com o filho no colo, ao lado do marido que fazia os cravos, quem roubou um deles e escondeu nos seios, obtendo assim o perdão de Jesus para os furtos.

Concordo com o prof. Ático quando diz que até algum tempo atrás Cristo aparecia na cruz com quatro cravos, passando depois a ser visto com três. Portanto, se a lenda não justifica os furtos atribuídos aos ciganos, pelo menos corrige a iconografia cristã.

### Família e religiosidade cigana

Um aspecto muito importante na resistência desse povo é a família. Todos os seus membros têm um papel bem delimitado. Isso é vital para sua sobrevivência; ninguém é descartado.

O homem é o chefe da tribo, a mulher é quem preserva as tradições, as crianças são como um tesouro, pois são elas que farão com que o grupo continue existindo. Os velhos são os guardiães; geralmente são eles os Kakus, feiticeiros das tribos.

Os pequenos núcleos familiares são unidos na grande família, que o cigano chama de *kumpania*. Nela o chefe geral será o Rom e a mulher mais velha a Romi, ou seja, a matriarca.

Quanto à educação dos filhos, o povo cigano procura criar, como não poderia deixar de ser, um clima de liberdade. Suas crianças não convivem com muitas proibições. Em geral não apanham, crescendo com total confiança e respeito por seus pais. Tanto que nos grupos que ainda tratam o casamento dos filhos, estes não protestam, pois entendem que os pais sempre querem o melhor para eles.

Os mais velhos são muito respeitados; antes de qualquer atitude a ser tomada sempre se ouve o seguinte: "Vamos escutar o velho, ver se ele está de acordo". É sempre assim, fala-se do velho do mesmo jeito que se fala de Deus.

Conversei com o cigano Orlando, um jovem Kaló; disse-me que entre eles há uma vida muito livre. Não gostam de trabalhar para patrão e costumam aprender desde pequenos, com a família, os seus ofícios. Outro ponto importante, segundo Orlando, é o bom relacionamento com os jovens *gadjes*.

Para quem pensa que a vida nos acampamentos é uma desordem, um aviso: a moral entre os ciganos é muito severa. A família tem que ser cem por cento preservada. A partir dos nove anos as meninas são separadas dos meninos nas barracas, para evitar qualquer risco de promiscuidade.

É comum ouvir dizer que esse povo grita e briga muito, mas essas brigas são sempre pela união. Como todos querem ficar juntos e quando alguém despreza um preceito cigano é ameaçado de expulsão do grupo, acontece o problema: ninguém quer se separar. É sempre uma briga de amor; são diferentes dos *gadjes*, que quando se aborrecem com a família vão embora e pronto! O cigano sabe que se ele não lutar pela união do grupo, acaba com sua etnia.

É raro encontrar um cigano ateu. Aqui no Brasil a maioria se identifica com a religião católica. A

religiosidade para eles é uma coisa muito natural. A mentalidade cigana é mais parecida com a dos místicos do que com a dos teólogos, devido ao seu dia-a-dia, ao contato com a natureza.

Existe entre eles, segundo o padre Renato Rosso, uma lista de "dez mandamentos" para um comportamento moral, que tem grande importância tanto para as virtudes religiosas como para a convivência familiar.

São consideradas transgressões:

- 1) Não ajudar outro cigano.
- 2) Violar o direito de outro membro da raça.
- 3) Faltar com o respeito aos mais velhos.
- 4) Faltar com a palavra dada entre eles.
- 5) Abandonar os filhos.
- 6) Separação conjugal por traição.
- 7) Maternidade antes do matrimônio.
- 8) Falta de pudor no vestir e no comportamento.
- 9) Furtar em local sagrado.
- 10) Ofender a memória dos mortos.

Os momentos em que a religião tem maior importância para um cigano são os que estão relacionados com a vida: o nascimento, o casamento e a morte.

Há uma grande preparação mística das futuras mães. Nada deve perturbá-la. Ela não pode ver pessoas com deficiências físicas ou ouvir histórias macabras. O parto deve acontecer da forma mais natural possível.

Os ciganos não fazem controle da natalidade, ao contrário: a prole numerosa é muito valorizada.

Ao nascer a criança, os rituais mágicos começam. A primeira coisa que se faz é, numa bacia de cobre, banhar o bebê com vinho e alguma peça de ouro, para que tenha muita sorte e dinheiro. Em seguida, a matriarca da tribo prepara os melhores pratos para as fadas do destino que, segundo a crença, virão ver o recém-nascido e precisam ser bem recebidas.

As crianças ciganas, principalmente entre os sedentários, costumam ser batizadas na igreja para que haja maior aceitação por parte dos *gadjes*. Mas o batismo realmente sagrado é o cigano; a propósito, entre compadres nunca pode haver traição. O prof. Ático Vilas-Boas da Mota conta que uma vez, em Goiânia, assistiu ao batismo de uma criança na Igreja Católica Brasileira, e que quando voltaram para casa a mãe lavou a cabeça do filho dizendo algumas palavras em romani. Não conseguindo entender o que a cigana dizia, ele pediu-lhe uma explicação do que estava fazendo e não obteve resposta. Para o prof. Ático a conclusão é de que ela estava fazendo o batismo cigano ou desfazendo o outro.

O casamento também é um momento no qual a religiosidade se exprime. Varia de grupo para grupo, mas é sempre um ato ritualístico, que recebe a bênção de Deus através dos pais ou dos mais velhos.

Hoje o cigano está entre dois mundos: o de seu povo e o do *gadje*, que tem lá suas tentações. Por exemplo: ele realiza o casamento na igreja e outro em

sua casa, com o juramento do sal e do pão, ou com a quebra do vaso, ou ainda, em alguns grupos, com o pacto de sangue. O povo cigano jura sua fidelidade dizendo: "Quando os cacos deste pote outra vez formarem um pote, nós vamos nos separar", ou como me confidenciou a cigana Esmeralda: "*Canavuri tiçã olundi omorrô estiromê*", ou seja: "Quando o pão, o sal e o vinho perderem o sabor, o nosso amor também terá se acabado". Em outro juramento o homem diz para a mulher: "Tu serás meu alimento até que eu restitua à terra os teus restos mortais".

É tradição entre os ciganos a moça se casar virgem e por isso elas se casam muito jovens, na faixa de treze a dezesseis anos, com rapazes que costumam ter entre dezesseis e dezenove. Não se admite a poligamia, mas se o casamento não der certo é permitido que encontrem outros companheiros.

No geral os ciganos procuram se casar com ciganos, de preferência do mesmo grupo. Mas hoje já acontecem casamentos com *gadjes*, que a partir de então precisam adotar os códigos da tribo. De acordo com alguns depoimentos, é mais fácil dar certo o casamento de um cigano com uma *gadji* (mulher não cigana), do que um *gadjo* (homem não cigano) com uma cigana, porque a mulher se adapta mais facilmente ao modo de vida da raça.

O casamento tem que ser aceito pelos pais; há vários interesses em jogo, inclusive o dote, que é um costume cigano. Quando não há aceitação por parte da família da moça, é permitido ao noivo seqüestrá-la, mantendo-se então negociações que acabam por chegar a bom termo. Esse rapto serve como prova da esperteza do rapaz e de que ele vai poder defender a moça em qualquer circunstância.

Os grupos que mais mantêm a tradição são os Kalderash e os Matchuaia. Já os Kalós são os que mais se casam com não ciganos.

Cigano é alegre e festeiro por natureza. Como não poderia deixar de ser, casamento é motivo de festa, mas não para uma noite só, como entre os *gadjes*, e sim para três ou quatro, com muito champagne, vinho, comidas típicas, música, dança e colorido.

A culinária cigana tem como especialidades o pimentão recheado com arroz, o repolho, a vitela temperada assada, o *gustara* (pão feito com queijo), os chás de frutas, a lingüiça, a páprica e o *sarma* (prato romeno introduzido na época da dominação turca). Enfim, os ciganos extraem o que há de melhor da cozinha dos povos com os quais convivem.

Outra tradição de grande relevância é o culto aos mortos. O respeito aos antepassados é fundamental na cultura deste povo que acredita que os *mulos* os protegem. Em alguns grupos ciganos, matar alguém, a não ser por razões justas, é grande pecado. Em outros, já existe um sentido de justiça mais desenvolvido, acreditando-se na imortalidade da alma, no perdão e na justiça de Deus.

Os rituais têm muita importância nesta cultura. Segundo uma experiência vivida pelo padre Renato Rosso ainda na Itália, o rito é tão essencial que,

se não houver algum específico para uma situação, eles o criam. Conta o padre que antes de um casamento aconteceu um acidente com os noivos, que vieram a falecer. O padre, que estava na sacristia se preparando para a missa a ser realizada antes do sepultamento, foi abordado pelos familiares dos noivos pedindo que ele celebrasse o casamento de ambos. Respondeu que não poderia fazer isso, pois afinal eles já estavam mortos e não havia nenhum culto para o caso. O acidente com os ciganos teve grande repercussão e despertou o interesse de toda a imprensa local. Para surpresa de padre Renato, na hora da missa, que estava sendo rezada em romani, alguns ciganos juntaram os caixões, aproximando-os muito um do outro, e trocaram as flores que os cobriam. Para eles isso simbolizou um matrimônio; foi um ato ritualístico que criaram naquele momento, para aquela circunstância. Para a imprensa, que não entendia a língua romani, acrescentando-se o fato de estarem com o padre Renato dois outros sacerdotes de origem eslava, a interpretação do caso resultou na seguinte manchete: "Três padres iugoslavos casam dois ciganos falecidos".

*Se eu fosse cigano,  
para que me serviriam as vidraças?  
Se eu fosse cigano,  
como seria a minha geografia?  
Se eu fosse cigano,  
como a noite  
viajaria pelo meu sono?  
Se eu fosse cigano,  
de que me serviria  
o quadro dependurado na parede,  
se eu teria a paisagem inteirinha  
a caminhar pela retina?  
Se eu fosse cigano,  
para que um endereço de rua,  
se eu teria o universo como meu roteiro certo?  
Se eu fosse cigano,  
para que me serviriam o livro e o mapa  
se eu me aconselharia com a vida, mestra  
muito mais antiga?  
Se eu fosse cigano,  
não saberia nada dos gajões.  
Passageiros do mesmo barco,  
mal nos conhecemos  
nessa longa viagem  
de reticências...*

Ático Vilas-Boas da Mota

Este povo não se prende a nenhuma religião, apesar de ser bastante influenciado pela crença do país onde vive. No Brasil, é normal entrar-se numa casa ou tenda cigana e ver-se uma imagem de Santa Bárbara, do Preto Velho e, principalmente, de N. S<sup>a</sup> Aparecida, que é negra como Sara Kali, protetora dos ciganos.

Perguntei à cigana Niffer Cortez sobre as crenças de seu povo e ela me disse: - Nós somos devotos de Sara Kali, de Santa Macarena e do Cristo Catchorro (sendo "catchorro" uma maneira carinhosa de chamar o Cristo, uma vez que ele sofreu como um

ção). Deus se apresenta para nós sob a forma de energia, nós acreditamos no Deus Sol, no Deus Terra, no Deus Água e no Deus Ar. Essa energia vem dos elementais. Deus para nós é tudo.

O brasileiro é muito ligado ao misticismo e isso faz com que o lúdico e o mágico cigano encontrem portas abertas na crença das pessoas. É muito comum em centros de umbanda a incorporação de entidades ciganas. Sobre esse assunto Niffer Cortez tem a seguinte opinião:

– Eu fico arrepiada, acho muito bonito. Acredito que existam ciganas espirituais, pois quando se manifestam elas mostram os nossos sinais característicos: o gosto pelo champanhe, a rosa vermelha, a mão na cintura com a imponência cigana, e trazem moedas e jóias douradas. Eu fico muito emocionada.

Alguns ciganos não acreditam nessas entidades, acham que são invenções dos *gadjes*. Outros acreditam mas com restrições, como é o caso de Esméralda:

– Eu acredito que se possa incorporar uma entidade cigana, sim, mas não uma pomba-gira cigana ou um exu cigano. Isso não existe. Essa coisa de dizer que recebeu uma cigana e que ela está pedindo cachaça, levantando a saia e dizendo que tem dez homens é pura invenção. Nenhuma cigana age assim, o nosso sentido de moral é muito forte.

*Por cima o céu, por baixo a terra,  
no meio os ciganos.*

(dito cigano)

A oração é muito importante para o cigano. O padre Renato Rosso, que tem sempre uma história para ilustrar sua vida com esse povo, nos deu o seu testemunho:

– Num acampamento num local de floresta densa, perguntei a um cigano que estava cortando o mato se havia cobras ali. Ele me respondeu que sim e continuou seu trabalho. Perguntei então se eram venenosas. Mais uma vez a resposta foi sim. Começando a ficar apreensivo, quis saber se as serpentes chegavam até as barracas e ele, calmamente, sem me dar maior atenção, disse que sim. Muito preocupado, indaguei se algum cigano da tribo já havia sido picado por cobras. Nesse momento deixou o que estava fazendo e disse: “Não, nunca, porque nós rezamos”. Acredito que Deus aceita muito bem a teologia dos ciganos.

A religião não é motivo de desarmonia para esse povo, que costuma aceitar todas as religiões. Acendem velas, beijam os santos, usam talismãs e, principalmente, a sua magia. Acreditam em Deus e têm como templo a estrada.

#### O valor da organização para o cigano

Segundo os jornais, na Europa, em 1975, o cigano Henry Steimberger, mais conhecido como Toti, anunciou-se como chefe das três principais tribos daquele continente. Toti se diz descendente direto da princesa egípcia Nefertiti. Quanto à legitimidade de sua liderança europeia, fica no ar um questionamento.

No Brasil, o povo cigano não tem rei, governo ou chefe, e não vê com bons olhos a submissão a qualquer tipo de autoridade.

A prof<sup>a</sup> Cristina da Costa Pereira, durante a elaboração de seu livro, teve a idéia de criar o Centro de Estudos Ciganos do Brasil, com o objetivo de preservar essa cultura. O Centro já foi estruturado e é o primeiro da América Latina. Sua intenção é afirmar a cultura cigana, mostrando sua arte, seus ofícios, suas crenças, sua filosofia de vida e, principalmente, unir todos os ciganos para a defesa permanente de sua etnia. A entidade congrega ciganos e não ciganos que tenham afinidades com suas tradições. Atualmente o Centro de Estudos Ciganos do Brasil tem como presidente Mio Vassicth, que defende a maior difusão dessa cultura para que as sociedades possam entender e respeitar seus hábitos. Porém nem todos os procedimentos culturais poderão chegar aos *gadjes*.

Um pouco do mistério desse povo nômade foi desvendado ou, pelo menos, houve um conhecimento maior por parte dos *gadjes*, com a Primeira Semana de Cultura Cigana da América Latina, que aconteceu em abril de 1987, na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

#### Conclusão

A verdade é que, milenarmente perseguidos pela hostilidade que sua filosofia de vida desperta, este povo encontrou, na teimosia de ser cigano, a força de sua resistência. Nada impediu que se mantivessem como grupo étnico-cultural.

O que os *gadjes* não conseguem entender é que há séculos cobram do cigano o preço da diferença por não agüentarem ser, eles próprios, infinitamente iguais. Cigano sabe criar onde tudo é mesmice. Vê além e vê aquém. Suas vidas são feitas de pequenos atos que só eles sabem ser importantes. O que os *gadjes* não perdoam é que, apesar de tudo e acima de tudo, os ciganos estão muito mais próximos da felicidade e da perfeição.

Certos comportamentos herméticos estão chegando hoje ao mundo *gadje*. A abertura sobre os mistérios desta raça é uma decorrência da “deformação cultural” do cigano que adquiriu cultura ocidental. Mas o certo é que ainda existe muita coisa que os *gadjes* não sabem e que, provavelmente, só saberão no dia em que o mundo falar uma só língua – que não será o esperanto, com certeza.

Rosângela Carvalho é jornalista, e realiza os programas *Espaço Aberto* e *Meu Brasil Brasileiro* para a Rádio MEC.

---

**O que há para ler:** *Povo cigano*, de Cristina da Costa Pereira; *Tradições ocultas dos ciganos* e *A medicina secreta dos ciganos*, de Pierre Derlon; *Ciganos: uma cultura milenar*, de Renato Rosso.

# À BEIRA DO NOVO

---

CARLOS MARIA MARTINEZ BOUQUET

---

Há alguns dias, a 17 de fevereiro, em casa de Lia, em São Paulo, um amigo comum, Lincoln, fez-me uma pergunta a respeito do conceito de "sombra" de Carl Jung. Seguiu-se uma outra pergunta relacionada com a primeira: "Se nos sete pontos do *Loyong*<sup>1</sup> se estabelecem determinadas normas éticas, como é possível entender a conduta de Chögyam Trungpa<sup>2</sup> e a sua afirmação de que não devemos rejeitar coisa alguma em nós mesmos, que não devemos rejeitar a 'sombra'?"

A primeira questão era claramente psicológica, sobre psica-

nálise. Apesar de minha formação ser freudiana, o que conheço sobre as idéias de Jung foi o suficiente para responder ao que Lincoln perguntava.

A segunda questão ia mais longe, introduzindo temas da ética e do budismo. Na ocasião não tive uma percepção clara disso, estava mais concentrado em entender bem a pergunta, a fim de dar a resposta mais autêntica que tivesse condições de oferecer como psicanalista, sobre um tema de minha área, a um não profissional. Além do mais, procurei fazer com que a res-

posta fosse personalizada, voltada para quem formulara a questão, tentando, assim, penetrar naquilo que estava latente dentro dela.

Enquanto respondia, surpreendeu-me o fato de que Lia se entusiasmou com a colocação; fiquei ainda mais surpreso quando me pediu que reproduzisse por escrito o meu pensamento sobre o assunto.

Uma semana mais tarde, novamente em São Paulo e outra vez em casa de Lia, ela reiterou o pedido. Para atender a ambos, hoje, dez ou onze dias após o primeiro encontro, estou escrevendo este artigo.

Acredito ver duas questões diferentes na segunda pergunta de Lincoln, coisa que disse a ele: uma, vinculada ao fato de que conhecer a si mesmo, e, especificamente, conhecer os próprios impulsos rejeitados – o nosso lado "obscuro", a sombra – não implica ceder a esses impulsos. O que não disse durante a conversa, é que isso constitui o ABC da psicanálise. Uma coisa é ampliar o espectro da nossa consciência; outra, muito diferente, é **decidir fazer** aquilo que percebemos que está em nós. Por exemplo: tomar cons-

ciência de que temos sentimentos hostis para com o nosso vizinho (o que pode ser parte da sombra) é bem diferente de hostilizá-lo.

A outra questão contida na segunda pergunta de Lincoln, ou a outra linha de pensamento em mim suscitada pela sua pergunta, referia-se à existência de duas posturas diversas, ambas desejáveis, e das relações entre elas: a) manter um bom contato com a realidade, com a nossa visão objetiva do mundo; b) preservar os ideais.

Para explicar o meu pensamento sobre essa segunda face do tema, utilizei uma metáfora: disse-lhe que é importante distinguir o lugar onde firmamos os pés do outro lugar para o qual se dirige o nosso olhar.

“O lugar onde firmamos os pés” é como somos e onde estamos. “O lugar para o qual se dirige o nosso olhar” representa os ideais, aquilo a que aspiramos ser, que aspiramos realizar ou criar.

Falei da importância de conhecer a realidade na qual a gente está. Para isso é necessário – como mostra a psicanálise – dar espaço, em nossa consciência, também aos aspectos constitutivos de nós mesmos que se mantiveram inconscientes: a “sombra” de Jung. Conhecer-se, incluindo os aspectos que consideramos indesejáveis, não é o mesmo que dar a esses aspectos o direito de se manifestarem de forma direta e imediata. Conhecimento não é licença; e, como tem comprovado a psicanálise, pode significar o contrário – uma regulação mais adequada.

Portanto, é aconselhável ter os pés firmados na realidade e o olhar voltado para os ideais.

Acrescentei, ainda, que a distância entre os nossos pés e o nosso olhar é dolorosa. Porém é uma dor benéfica, produtiva, que contribui para o desenvolvimento pessoal e se aplaca com o nosso crescimento, contrastando com outras dores que são más e que têm de ser evitadas – as improdutivas, as masoquistas... Não é sadio seguir nenhum dos dois caminhos que se tomam para evitá-la, isto é: desligar-se dos pés e “voar” para fora da realidade, num “delírio”, numa fantasia que nega a situação presente; ou desligar-se do olhar orientador, perdendo a visão dos ideais, numa atitude defensiva que pode ser chamada de “cínica”.

A perda voluntária do contato com os pés sobre a terra provoca o vóo do delírio. Quanto ao cinismo, cai-se nele pela perda voluntária da conexão que mantínhamos com os ideais. E faz sentido dizer que, em ambos os casos, o processo é voluntário mesmo quando o mecanismo de produção da desconexão é inconsciente.

Transitei, logo, por áreas de uma disciplina que não domino – o budismo – e talvez as minhas afirmações contenham erros. Disse, na ocasião, que não se deve confundir técnicas Vajrayanas com a simples ilusão de ser o que não se é. Um tipo de técnica do budismo Vajrayana tem por finalidade localizarmo-nos mentalmente no ponto de chegada (como se localizaria um gancho no extremo de uma corda) para, em seguida, encurtar-se a corda, atraindo-se para lá o restante de nós.

Algo muito diferente são os mecanismos escapistas, de negação, de onipotência, para aferrar-se ao ilusório.

Durante aquela reunião não foram necessários maiores esclarecimentos a respeito das técnicas a que estava me referindo, pois as quatro pessoas envolvidas na conversa sabiam do que se tratava. Porém, neste artigo, que talvez seja lido por outros, devo dar algumas explicações complementares.



Chenrezi (em tibetano) ou Avalokiteshvara (em sânscrito)

O budismo é uma religião curiosa: não se ocupa de Deus, mas de oferecer uma cura para a dor. Está distante daquilo que, no Ocidente, entendemos por religião. Em virtude de algumas das suas características poderíamos quase classificá-lo entre as disciplinas psicoterapêuticas ocidentais, das quais diverge principalmente por fundamentar-se em outras bases culturais e metafísicas.

As *pujas* do budismo tibetano são práticas de meditação que se assemelham muito a certas práticas do psicodrama.

Para compreender em que consistem as *pujas*, convém saber primeiro o que é uma “divindade de meditação”. Já que o termo “divindade” poderia levar à confusão, é necessário dizer que não se trata dos deuses do hinduísmo, nem dos deuses do budismo tibetano, nem do Deus das religiões monoteístas, mas de algo próximo aos arquétipos portadores de virtudes, que são representados em pinturas e esculturas sob o aspecto de figuras humanas e que, na meditação, são utilizados da seguinte maneira:

Na primeira parte da prática devemos visualizar a divindade frente a nós, com todos os seus detalhes, cores e atributos, os quais simbolizam determinadas virtudes próprias dessa divindade. Por exemplo, na divindade Chenrezi (em tibetano) ou Avalokiteshvara (em sânscrito), essas virtudes são: amor, compaixão, alegria e equanimidade, simbolizadas por seus quatro braços e pelos objetos e detalhes que portam.

Num segundo momento da prática realiza-se o que em psicodrama chamaríamos de mudança de papéis: estabelecendo-nos mentalmente na divindade, identificando-nos imaginariamente com ela, nós a percebemos desde o nosso interior. Através desse processo procura-se ir incorporando essas virtudes, diminuindo assim a dor, que se considera ligada a sentimentos negativos: ódio, obscuridade mental, avidez, em primeira instância.

As *pujas* utilizam a técnica de visualização – muito desenvolvida no budismo tibetano. Por essa razão, podemos dizer que nelas se trabalha, de preferência, no espaço interno, mental. No psicodrama, por

outro lado, a localização do trabalho é mais externa: muda-se fisicamente de lugar no espaço, existem outras pessoas com as quais se estabelece diálogo, apoiando-se nelas as dramatizações. (Nas *pujas* o diálogo é interno, com a divindade, ou a partir dela.)

Trata-se, porém, em ambos os casos, de uma sondagem e de uma ocupação de espaços estruturados, com o objetivo de produzir efeitos terapêuticos, de aprendizagem ou de treinamento de áreas não desenvolvidas ou bloqueadas, não integradas à pessoa em sua totalidade.

### Sobre as Raízes do Novo

Partindo do exposto, proponho-me agora a continuar a reflexão e ampliar o seu campo, referindo-me ao que entendo como as raízes que, conduzindo sua seiva, tornarão possível o estabelecimento de uma nova cultura que seja viável. O que se segue procura, pois, delinear o perfil de uma aproximação ao budismo, à psicoterapia e à ética, dentro de um contexto mais amplo, como correntes convergentes que se dirigem para uma cultura, repito, nova e viável.

Como primeiro âmbito, temos as diferentes tradições religiosas do Oriente e do Ocidente, e a grande tradição ocidental que podemos chamar de "científica" porque culminou na ciência e na tecnologia. Estas constituem a base primária. A partir delas, pelo que sei, uma série não muito extensa de correntes de pensamento cumprem, na atualidade, o papel pioneiro da abertura de trilhas em direção a uma nova cultura. Todas estas correntes transgridem limites exteriores ou demarcações internas, gerando integrações e ampliando âmbitos, pré-existentes. Os movimentos holístico e transpessoal – muito semelhantes nas suas afirmações – constituem, talvez, os expoentes mais claros dessas correntes de pensamento.

A ênfase colocada na espiritualidade e na psicologia, e a contribuição de um impulso novo para o estabelecimento de pontes entre as culturas do Oriente e do Ocidente, entre a sabedoria e a ciência, deram origem à psicologia transpessoal.

A ênfase – muito próxima da primeira – dada mais à totalidade do homem do que à psicologia, e à integração, através da abolição de barreiras e limites, seguindo os princípios de não-opor e de não-misturar, produziu o holismo.

Em conseqüência, a tentativa de transcender os limites do conhecimento disciplinar em direção a territórios "mais longínquos" ou "laterais", e talvez a investigação ousada nas áreas transdisciplinares, está gestando as ciências novas.

Como quarta raiz, torna-se necessário uma disciplina das condutas que, indo além dos moralismos hipócritas, das "bondades" convencionais, da "boa conduta" do bom cidadão e dos heroísmos delirantes, escapistas e/ou fascistas, realize uma discriminação precisa entre o que é e o que não é aceitável dentro da conduta humana.

O que não é aceitável: temos de reconhecer

que há pessoas e condutas para as que não haverá lugar na cultura que se aproxima. É necessário, com um corte definido, separar o interior e o exterior da nova cultura e efetuar também um corte equivalente no interior dos indivíduos que farão parte dela; é preciso que esse corte aniquile sem "compaixão" as condutas que tornariam inviável a espécie humana. Contudo, ao fazê-lo, é preciso não cair nos erros (ou na estupidez) já conhecidos – fascismo, puritanismo, hippismo... nem em outros da mesma natureza.

Só é possível, só é viável, uma (nova) cultura que tenha como um de seus pilares uma Transética, de uma precisão que não houve anteriormente. Seus fundamentos terão de firmar-se numa consciência e numa inteligência de características especiais: uma consciência muito aberta e uma inteligência aguda como a própria ética, mas de horizontes amplos. A estupidez é imoralidade aos olhos dessa ética.

Será, talvez, o reino do nível "mental" do pensamento hinduísta, da precisão, da clareza, da discriminação, da habilidade perfeita e da criatividade. Num tal estado, as emoções serão cavalos enérgicos, guiados pela inteligência das mentes – poderosas – dos indivíduos.

Um discernimento básico terá que abandonar o não aceitável, isto é, as condutas que arriscam fazer com que se torne inviável a cultura. Condutas neuróticas e psicóticas, doenças que devem e podem ser tratadas, ou outras condutas que requerem ação pedagógica – uma educação do que é adequado e bom, ou seja, uma higiene cultural – poderão ter lugar na nova cultura. Entretanto, pretender aplicar a psicoterapia ao que não é aceitável é cair na onipotência, na ilusão de que as nossas energias são enormemente superiores ao que de fato são; estaríamos, aqui, sendo movidos pela intenção de negar a nossa impotência. Pretender isso é perigoso para a cultura e a humanidade.

As pessoas malévolas existem: basta lembrar ditadores, torturadores, e outras pessoas que exercem a força e o poder – e também aqueles que entorpecem a força e o poder. É necessário evitar que causem dano. Devem ser afastados da cultura.

No período de transição em que vivemos tem de cumprir-se uma tarefa de assepsia estrita, talvez até dolorosa e exaustiva. Nesse labor é preciso evitar:

a) Que se aproveite a campanha de "limpeza" para pôr em ação a própria malignidade. Por exemplo: o puritanismo, os repressores políticos dos governos militares e ditatoriais em geral, ou os rebeldes supostamente motivados por sentimentos de solidariedade, mas movidos, na verdade, por ressentimentos.

b) O contágio. Exemplo: uma santa indignação que, na luta por estabelecer a justiça e a ordem, vai dando lugar aos nossos piores impulsos destrutivos.

c) O pacto, tácito ou inconsciente, entre os malignos que alardeiam serem adversários irreconciliáveis. Exemplo: os fundamentalistas de "direita" do exército e os fundamentalistas da guerrilha "esquerdista".

d) Errar, ao determinar quem é o inimigo. Sempre me perguntei como se faz nas guerras – cujo enredo não foi bem preparado – para disparar uma arma com a certeza de não matar um companheiro. Respondi para mim mesmo que, simplesmente, toda guerra está cheia desses erros porque não é possível uma precisão maior e, também, porque os que usam as armas não costumam ser – na sua grande maioria – pessoas suficientemente reflexivas (lembramos que a impulsividade chega a ser considerada uma virtude bélica). Além do mais, por razões de natureza diretamente emocional, muito do que põe em ação o mau guerreiro, o guerreiro pré-disciplinar, é um impulso suicida, impulso que se alastra ao assassinato dos próprios companheiros.

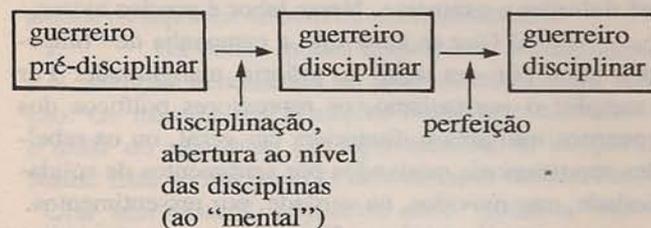
Insisto: visão clara, luz, precisão, discernimento, são o essencial e o básico.

Ainda que a dor seja imensa e o trabalho, penoso e difícil, exigindo uma atenção muito cuidadosa, é imprescindível extirpar o inaceitável da sociedade e do interior de nós mesmos, os indivíduos.

Acredito que seja conveniente, aos propósitos deste escrito, diferenciar “piedade” de “compaixão”. Além disso, utilizarei, de modo arbitrário, o termo “impiedade” para designar uma virtude discriminativa, e “compaixão” para outra virtude – esta, abrangente. Ambas têm, como uma das suas raízes, o ódio transformado e sublimado graças à presença do amor; porém, a impiedade é própria do guerreiro (do verdadeiro guerreiro, do guerreiro perfeito), ao passo que a compaixão é própria do santo. A impiedade é cirúrgica, tem o ódio menos dirigido e transformado; é, geralmente, produtora da dor. A compaixão é balsâmica; aqui o ódio já não é mais reconhecível, exceto no atrativo que a dor constitui para ela.

As virtudes do guerreiro, apesar de difíceis, são mais exequíveis que as do santo; para alcançar as últimas talvez pudesse ser um auxílio passar pelas do guerreiro.

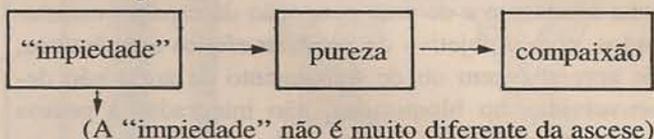
As armas da sociedade só deveriam estar nas mãos de guerreiros autênticos. E a meta daquele que escolhe a carreira das armas deve ser tornar-se um guerreiro verdadeiro, isto é, o perfeito guerreiro disciplinar. Ou seja:



A compaixão parece, portanto, ter limites: se uma lei ética exclui da cultura e, eventualmente, manda aniquilar os “malignos” (termo de uso do guerreiro, com o qual qualifica o inimigo), ou àquilo que não é aceitável, a compaixão estaria limitada pela “impiedade”. Porém, seria mais correto dizer que, no nosso nível de desenvolvimento, podemos aspirar a ser guerreiros – o que é algo bom e factível –, ao passo

que a santidade escaparia às nossas possibilidades – ao menos, imediatas.

Aplicando a mesma estrutura que Ken Wilber focaliza na sua obra *Pre-Trans Fallacy*, temos uma seqüência aproximadamente do mesmo tipo daquela referente ao guerreiro:



As tentativas de compaixão, sem se ter alcançado previamente a pureza – e, mais ainda, a auto-compaixão – costumam deixar aparecer as impurezas no âmbito do manifestado. Estas impurezas podem prejudicar o produto (neste caso, o ato de compaixão), tal como as perturbações “emocionais” não resolvidas de uma instituição podem perturbar os produtos por ela elaborados ou os serviços que realiza.

De modo que, para estabelecer a compaixão sobre bases sérias e seguras, é preciso ter alcançado, antes, certo grau de pureza, para o qual é necessário, por sua vez, ter discriminado o que é bom e o que não é, e ter-se libertado do segundo.

A “impiedade” resulta, então, numa forma especial – muitas vezes numa antecipação – da compaixão.

A “impiedade” não é imprescindível apenas porque dá lugar à pureza e ao desenvolvimento espiritual; é imprescindível também – em situações críticas ou limites como a presente – à sobrevivência do ser humano.

Tomando o exercício da medicina como modelo de comparação, podemos dizer que a assepsia e a extirpação são duas condutas virtuosas – quando a prescrição é correta; são virtudes “cirúrgicas”, vinculadas à pureza.

O ascetismo, ou seja, a “impiedade”, é uma virtude fundamental no budismo Hinayana; a compaixão, no budismo Mahayana. O Hinayana e a sua pureza são primários e também mais básicos do que o Mahayana e a compaixão; podem ser, igualmente, um estágio que precede estes últimos.

Siddharta Gautama, o Buda histórico, reconheceu como insuficiente o ascetismo (e a pureza). Contudo, isso não significa que os tenha considerado prejudiciais. Tampouco podemos negar que parecem ser indicados para alguns indivíduos e/ou situações sociais, ou para momentos culturais críticos. Buda referiu-se a três qualidades de seres humanos, conforme suas motivações:

- aqueles cuja motivação é a própria salvação;
- aqueles cuja motivação é a salvação de todos;
- aqueles cuja motivação os impulsiona a usar tudo para a salvação de todos.

O budismo tibetano afirma serem adequados, para cada uma destas motivações, respectivamente: o budismo Hinayana, o Mahayana e o Vajrayana.

Ainda que pareça absurdo, pensando de

maneira simples e objetiva, há milhares de pessoas que se preparam, durante anos, em todos os países, para executar com a maior eficácia a tarefa de destruir outras pessoas.

Deixando de lado tais raciocínios, a rotina da morte e a atração sensual pelo sanguíneo não têm cabimento numa cultura que se proponha como viável. A estupidez<sup>3</sup> e o primitivismo não são conciliáveis com uma civilização planetária, apesar de haverem sido proclamados como “heroísmo” e “glória” na velha civilização das aldeias. Apesar de, na atualidade, ainda se pretender confundir os ingênuos rotulando isso de “realismo”, “pragmatismo”, ou de “segurança” das nações e das diferentes facções.

Os motivos mais diversos levaram e continuam levando os aspirantes à carreira militar de todo o mundo a abraçar sua dura função. Não duvido que alguns dos motivos sejam muito nobres; alguns podem ser até mesmo idênticos ou ter o mesmo valor moral que os que conduzem outros jovens a seguir as profissões que escolheram. Entretanto, me parece inquestionável que passar grande parte de suas vidas aprendendo a melhor maneira de matar outros seres humanos, só em casos **excepcionais** pode ter o mesmo valor moral que, por exemplo, o esforço para aprender a curar as doenças alheias. Todo o jovem com vocação militar deveria lançar-se no verdadeiramente excepcional.

Para uma conduta voltada para o bem, é preciso ter saúde mental. Isso não tem sido suficientemente frisado. E é preciso que o seja. Por um lado, porque há enfermidades que impedem uma coerente atitude carinhosa para com os semelhantes: as psicopatias, a paranóia, manifestações sadomasoquistas e outros quadros neuróticos e psicóticos, por exemplo. Por outro, porque os conflitos neuróticos costumam gerar confusão e desorientação. Não é possível separar totalmente a necessidade de um equilíbrio mental – a base 0 (zero) onde os sintomas neuróticos foram reduzidos ao mínimo – da base 0 (zero) da pureza enquanto ética. É impossível ser um indivíduo medianamente ético sem ser psiquicamente equilibrado.

Assim, nos defrontamos com uma vertente ética da psicoterapia que é, para muitos, inesperada.

Os monges – sobretudo quando são mestres, pois seus atos são tomados como modelo por seus discípulos – têm de manter uma conduta pura, mesmo no Vajrayana. Os *mahasidas*, isto é, seres que atingiram a iluminação total, têm, às vezes, uma conduta que desafia as leis da moral usual. Essa conduta, porém, não obstante as aparências, concorre para o bem de todos. Os *mahasidas* são os únicos que podem transcender essa pureza. Mesmo neste caso, isso **deve** ser visto como algo surpreendente: a própria surpresa firma a atenção na regra de pureza que o discípulo não deve violar; espera-se isso sim, que ele – com reverência – surpreenda-se com a violação.

A maioria dos seriados da televisão ocupa-se, de maneira pobre e repetitiva, do tema do bem e do mal. Trata-se de um mecanismo defensivo que evita a “liberta” a sociedade de abordar a questão com cuida-

do. O cinema, a literatura, etc., também tratam – de forma substancial ou não – com maior frequência, porém, do tema. Contudo, não há uma disciplina atualizada e vigente que aborde o assunto. Proponho para essa disciplina inexistente o nome de “Transética”, por analogia com “transpessoal”, “transdisciplinar”... Tratar-se-ia de uma ética cujo objetivo seria o de aproximar-se das necessidades da cultura emergente.

Só uma cultura fundada nas virtudes é viável no presente – nunca uma que outorgue prioridade, de modo quase excludente, à economia.

É espantoso e devastador o espaço deixado pela cultura em decomposição que nos rodeia, para o comércio das drogas e das armas.

As hierarquias existem, sim, e o seu acatamento ocuparia um papel de importância na nova cultura. Até agora foram amplamente subvertidas; por isso, a idéia de voltar a prestar atenção especial a elas torna-se alvo de pensamentos pouco reflexivos, nos quais se confundem as falsas hierarquias que pretendiam impor-se como verdadeiras. Exemplos de subversão das hierarquias (e do uso indevido dos termos): a) Chamou-se “Nova Ordem” a uma das mais severas subversões da ordem, o fascismo. b) Chamou-se de “Processo de Reorganização Nacional” à culminação de atividades desorganizadoras da estrutura nacional.

As hierarquias existem; porém, são difíceis de reconhecer, em particular nos degraus inferiores e no nível pré-disciplinar. Reconhecê-las pode doer, mas quando isso é feito, propicia paz e ordem verdadeira.

Na atualidade, grande parte da aquisição de conhecimentos, da difusão de informações e da tomada de decisões realiza-se por vias pré-disciplinares. Porém, temos de reconhecer que só as disciplinas – estruturas presentes no nível “mental” – e aqueles conhecimentos que as transcendem oferecem certa garantia de seriedade e costumam ser confiáveis.

29 de março de 1989 – Buenos Aires  
Carlos María Martínez Bouquet é médico, psiquiatra e professor da Universidade da Cidade de Buenos Aires.

## NOTAS

1. Antigo texto tibetano chamado *Os Sete Pontos de Treinamento da Mente*, transmitido por Atisha, monge budista.
2. Lama tibetano (1940-1987), mestre de meditação, um dos primeiros a se instalar no Ocidente devido à invasão chinesa no Tibete. Autor de numerosos livros sobre budismo e temas afins.
3. Talvez os leitores se surpreendam ante a repetição da palavra “estupidez” neste artigo. Essa surpresa, porém, é apenas um reflexo do sentimento similar que provocou em mim o fato de ser testemunha e vítima de atos (e não meras palavras) de uma estupidez esmagadora: vou dar tão-só dois exemplos, ambos *made in Argentina*. 1º) A decisão de um ébrio de massacrar compatriotas e estrangeiros numa ação utópica, delirante, mal organizada e mal provida nas Malvinas (e conste que ao afirmar isto não reconheço aos ingleses nenhum direito a manter seu domínio colonial sobre um extremo do nosso território). 2º) A decisão de um governador cordovês (da província argentina de Córdoba) de declarar subversiva a teoria dos conjuntos, suponho que acreditando ter esta uma secreta e maléfica relação com os agrupamentos de indivíduos que não desejavam submeter-se ao mandato da ditadura.

# RESSONÂNCIA MORFOGENÉTICA

---

**RUPERT SHELDRAKE**

---

O primeiro li-  
vro de Rupert Sheldrake,

*Uma nova ciência da vida*

(*A New Science of Life*, Ed. Paladin.

Inglaterra), criou enorme controvérsia desde sua publicação em 1981. Nele é abordada a questão de como as formas da natureza se repetem, sugerindo que as formas assumidas pelas estruturas vivas em seu desenvolvimento são determinadas por uma espécie de campo físico, por enquanto ainda não levado em conta pela ciência. Outras teorias similares, que consideram as formas vivas como organismos antes que como máquinas, ganharam evidência neste século, em desafio à predominante base mecanicista da ciência. Contudo, até agora sua influência no mundo científico tem sido superficial, pela ausência de hipóteses comprováveis. As hipóteses elaboradas por Sheldrake em seu modelo podem ser testadas experimentalmente, e desde 1981 o mundo vem demonstrando grande interesse por sua comprovação. Estão em curso projetos de fomento a essas pesquisas, os quais são citados no fim deste artigo, extraído de uma palestra de Sheldrake realizada em 1987 na Igreja de St. James, em Londres.

## Mecanicismo e holismo

A visão mecanicista tem sido, de certa forma, bem-sucedida na biologia e na medicina, mas mal-sucedida em outras áreas. Creio que há boas razões para acreditar que essa não seja uma visão adequada da vida, mesmo no que tange à biologia como ciência natural. Desde o início dos experimentos biológicos, há toda uma tradição de biólogos que não aceitam a visão mecanicista, a qual tenta explicar os organismos vivos como a mera soma de suas partes.

A proposta da tradição não mecanicista é que o todo é mais do que a soma das partes, havendo aspectos das coisas vivas que não podem ser explicados simplesmente em termos das partes que as compõem e da interação destas. Essa reação tem sido reforçada pelas abordagens organicistas ou holísticas. Uma das concepções desses enfoques é a idéia dos **campos morfogenéticos**, ou campos modeladores de formas. *Morfo* quer dizer "forma", e *genesis* significa "vir a ser". Assim, os campos morfogenéticos são "modeladores de formas". Esta idéia foi enunciada para tentar elucidar o ainda inexplicado crescimento e desenvolvimento orgânico, a evolução da planta a partir da semente ou de um organismo desde a fase embrionária.

Como o organismo se desenvolve e toma sua forma? Como é que o mais vem do menos? Essas questões são fundamentais. Estamos tão certos de que as plantas nascem das sementes e de que os embriões se desenvolvem de forma perfeitamente ordenada, que esquecemos que esses processos não são, na realidade, compreendidos. Podemos, sim, descrever o que acontece em termos de transformações químicas, mas isso não explica a forma do organismo. Explicar por que é assim e por que constitui um problema faria com que eu me alongasse demais. Portanto, espero que aceitem minha afirmação de que esse é um problema fundamental; um problema com o qual a hipótese dos campos morfogenéticos tem que lidar.

Segundo a idéia central dos campos morfogenéticos, existem campos invisíveis que formam e modelam organizações em desenvolvimento, dando-lhes feição e estrutura. Essa idéia pode ajudar a explicar por que o organismo pode regenerar-se quando é danificado ou tem uma parte decepada; como o corpo sabe parar de produzir células quando a regeneração se completa; ou por que, quando um organismo embrionário é cortado em pequenos segmentos estes podem vir a transformar-se em organismos totais. O todo é mais do que a soma de suas partes, e existe uma espécie de inteireza associada ao organismo, que não pode ser de todo explicada em termos de seus componentes químicos, ou da disposição das diferentes células na parte orgânica seccionada.

### **Uma nova ciência da vida: ressonância morfogenética**

A idéia de campos morfogenéticos constitui

o ponto de partida da minha hipótese; é a idéia que apresento em meu livro. Se os organismos vivos são formados e modelados por esse novo tipo de campo, os próprios campos têm que ter uma estrutura ou organização que precisa, por sua vez, ser explicada. Minha explicação é que a estrutura desses campos deriva, na verdade, da estrutura de organismos similares anteriores. Ela deriva de uma conexão que se processa através do tempo e do espaço. Desse modo, os campos representam uma espécie de memória cumulativa das espécies. A forma embrionária de um gato, por exemplo, seria modelada pelo campo morfogenético do gato. E a estrutura desse campo morfogenético derivaria das formas concretas de gatos anteriores.

Assim, existe uma conexão entre coisas semelhantes, percorrendo ou atravessando o tempo e o espaço. É um processo que chamo de "ressonância mórfica", ou seja, o efeito do semelhante sobre o semelhante. Essa hipótese se aplica não só às formas orgânicas, mas também às formas de sistemas não vivos, como o cristal, por exemplo. Aplica-se também às organizações de comportamento, como os instintos dos animais.

Para dar um exemplo de como essa hipótese difere de outras teorias correntes, vejamos o caso dos cristais. A teoria propõe que a estrutura na qual um composto se cristaliza, a malha estrutural do cristal, depende de formas prévias de cristais do mesmo composto. Haveria influência desses cristais prévios sobre o novo composto à medida que este se cristaliza. Se tomarmos um composto inédito, nunca realizado antes, não ocorrerá essa influência, já que ele não existia. Porém, quando o composto inédito cristalizar-se, essa primeira cristalização exercerá uma influência sobre a segunda, e com o decorrer do tempo tornar-se-á cada vez mais fácil o mesmo composto cristalizar-se em todo o mundo, devido à influência da ressonância mórfica.

É um fato, que compostos recém-sintetizados vão se cristalizando com facilidade cada vez maior, à medida que o tempo passa. Existem explicações convencionais para isso. A mais popular diz que partículas de cristais já existentes são transportadas mundo afora nas barbas e roupas de químicos, em suas viagens. Histórias sobre compostos inéditos e suas cristalizações são familiares à maioria dos químicos e correm muitas narrativas a respeito. Esse tipo de história não costuma aparecer nos livros técnicos, mas faz parte do folclore da química. Tais relatos não têm o mesmo peso persuasivo das teorias formalmente testadas, mas podem sugerir explicações para um fenômeno que, de outro modo, permaneceria um mistério. Essas histórias explicativas ainda não foram, por enquanto, rigorosamente comprovadas. Sem dúvida, químicos barbados podem transportar essas partículas nas barbas, se viajarem pelo mundo, coisa que pode ter facilitado as cristalizações. Mas pode ter ocorrido mais que isso.

Esta hipótese trata de probabilidades que podem ser testadas por experimentação. Um simples teste poderia ser feito para verificar se o aumento da

taxa de cristalização ocorre também em novos compostos em diferentes partes da terra, sob condições tais que partículas invisíveis de poeira fossem eliminadas do ar, que químicos barbados fossem excluídos dos laboratórios, e assim por diante.

A hipótese faz outras predições: sobre comportamento, por exemplo. Diz que se treinarmos ratos para que aprendam um novo truque, em determinado lugar, os ratos de todas as partes do mundo seriam, em média, capazes de aprender o mesmo truque com mais rapidez, simplesmente porque os primeiros ratos o aprenderam; e quanto mais ratos o tenham aprendido, mais fácil se torna o aprendizado para os outros ratos do mundo inteiro. Já há provas suficientes, baseadas em experimentos efetuados com ratos e outros animais, de que esse tipo de efeito na verdade ocorre. Recolheram-se provas para testar outras teorias, mas, na copiosa literatura que trata da psicologia dos ratos, é possível encontrar exemplos relevantes. Descrevo, em meu livro, um exemplo particularmente bom que se ajusta à visão que estou defendendo. É claro que essa comprovação circunstancial não pode, por si só, constituir-se em prova para a teoria. Para testá-la de maneira apropriada seria necessário efetuar outros experimentos, planejados de modo adequado e especialmente controlados. No momento, alguns estão sendo realizados, e um concurso de testes experimentais, efetuados por estudantes, foi anunciado recentemente.

## Ressonância morfogenética e memória

Uma das implicações dessa teoria refere-se à nossa compreensão da memória. A teoria afirma que coisas semelhantes são afetadas por coisas semelhantes anteriores, e que quanto maior a semelhança maior é a influência da ressonância mórfica. Se eu perguntar que organismo anterior mais se assemelha a mim, e sobre qual, por conseguinte, seria exercida a influência mais específica da ressonância mórfica, a resposta teria que ser: sobre mim mesmo. Penso que todos os organismos sofrem intensa influência da ressonância mórfica, através de seus próprios estados anteriores. No reino das formas, isso significaria que eles tendem a estabilizar-se formalmente, mantendo-se constantes. Isso acontece, de fato, com muita frequência a despeito das alterações graduais dos elementos químicos e da composição material orgânica através do tempo. Uma pessoa parece ser a mesma, apesar da completa reformulação química de todo o seu organismo, ocorrida num período de sete anos aproximadamente. Todavia, quando somos influenciados por padrões de comportamento anteriores, dão-se conseqüências ainda mais interessantes. A teoria sugere que as nossas memórias, tanto de eventos particulares quanto de hábitos e coisas aprendidas, podem ter como causa os nossos estados passados, através da ressonância mórfica. Não é preciso que as memórias estejam, necessariamente, armazenadas dentro do cérebro.

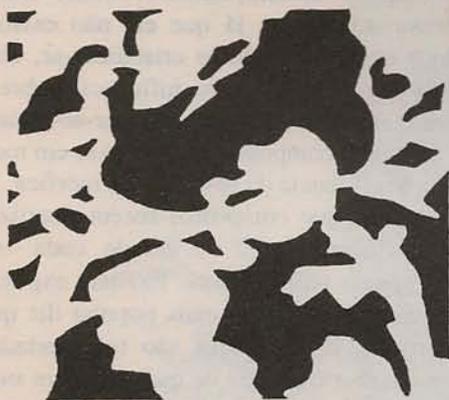


Figura 1



Figura 2

Estas imagens contendo uma figura oculta foram usadas em 1983, numa pesquisa avaliadora da hipótese da causação formativa. Pretendia-se verificar se existe a tendência de a imagem oculta ser mais perceptível, quando vista por muitas outras pessoas. Só a figura 2, com sua "resposta", foi mostrada na TV. Na Europa, África e nas Américas, pesquisadores mostraram as figuras 1 e 2 a pessoas que não conheciam suas "respostas", dias antes e dias depois da transmissão. Pediu-se então que elas identificassem a figura oculta. A margem de apreensão da figura 2 aumentou 76% depois de televisada; a margem de apreensão da fig. 1 aumentou só 9%. Isso estimulou posteriores pesquisas da teoria da ressonância mórfica.



Resposta figura 1



Resposta figura 2

Todos nós crescemos com a idéia de que a memória é armazenada assim, e de que ela é uma função cerebral. Na verdade, não há muitas provas disso. Trata-se simplesmente de uma suposição da teoria mecanicista, porque não haveria outro lugar onde isso pudesse ocorrer. Existem muitas hipóteses para explicar a memória. A mais popular diz que ela depende das alterações nas extremidades nervosas das sinapses. Alguns pensam que está depositada no cérebro, como as moléculas RNA ou como os elementos químicos, e que, de algum modo, retorna sob a forma de imagens, quando é necessário. Outros acreditam que ela atua através da reverberação de ecos elétricos no interior do cérebro.

Não há comprovação conclusiva de nenhuma dessas hipóteses, nem consenso a respeito de como compreender a memória. Essa é apenas uma entre outras áreas bastante misteriosas que não compreendemos de fato. Outros que pesquisaram esse campo fizeram afirmativas como esta: "a memória parece estar em toda a parte e em nenhum lugar determinado do interior das várias partes do cérebro". É outra razão por que os modelos holográficos do armazenamento da memória se tornaram tão populares recentemente.

O que quero dizer é que as teorias mecanicistas a esse respeito podem estar erradas. Elas partem da suposição, não questionada e tão questionável, de que as memórias são armazenadas no cérebro.

Fazendo analogia com a televisão, é possível que o cérebro se assemelhe mais a um sistema de fluxo. Se cortássemos parte de um aparelho de TV, descobrindo ter eliminado o canal A e conservado o canal B, não concluiríamos que todas as pessoas que estavam vendo no primeiro canal haviam sido guardadas dentro da parte removida. Acreditar que a eliminação ou danificação de uma parte do cérebro conduz à perda da memória não leva à conclusão de que ela esteja armazenada no cérebro. Não estou afirmando de maneira conclusiva que ela não está armazenada nele. Quero dizer que é perfeitamente possível que não esteja e que o que proponho talvez possa ser levado em conta, tanto quanto ou até mais, talvez, do que a teoria mecanicista que trata do fenômeno da memória. Isso só pode ser esclarecido pela experimentação. Portanto, apresento-o como uma possibilidade, apenas para ilustrar como podem ser abaladas muitas das teorias que consideramos definitivas. É possível ver esses fenômenos de forma completamente diferente.

Ora, se sintonizamos nossas memórias através da conexão com estados passados, e elas não estão depositadas no interior do cérebro, por que não as sintonizaríamos com as memórias de outros? Bem, talvez o façamos. Se sintonizássemos grande número de memórias de grande número de pessoas, o que teríamos não seriam memórias específicas de suas vidas particulares, mas uma espécie de composição ou combinação de memórias da espécie, que conteria seus padrões básicos de estruturas de pensamento e experiências. É evidente que esta idéia corresponde, e muito, à idéia dos arquétipos junguianos do inconsciente cole-

tivo. A abordagem da psicologia formulada por Jung se ajusta, muito bem e naturalmente, à visão que estou propondo. Não se adapta, de maneira alguma, à teoria mecanicista da vida, sendo essa uma das razões por que as teorias junguianas não são levadas a sério pela maioria dos biólogos. Não há meio que possibilite a uma espécie de memória coletiva, do tipo que Jung concebeu, ser transmitida através de modificações de DNA, ou através de qualquer mecanismo conhecido.

### Os hábitos da natureza

Esta nova hipótese, portanto, tenta explicar as ordens e padrões das coisas no universo em termos de repetição do que ocorreu no passado. Trata-se basicamente de tentar explicar as coisas a partir de algo que poderíamos chamar de "princípio do hábito". Os campos morfogenéticos transmitem hábitos das espécies ou dos indivíduos. Penso ser possível que a chamada "lei da natureza", estudada pela física, possa ser, na verdade, também desse tipo. Em vez de haver leis universais da natureza, fixas e imutáveis (o que, de qualquer forma, é um conceito altamente metafísico), as leis naturais podem, na verdade, consistir mais em hábitos do universo. Podem depender do que aconteceu antes e de quão freqüentemente tenha acontecido. Pode haver conexões do passado com o presente, que permitam que este seja moldado por influências anteriores. Todo o passado estaria potencialmente presente por toda a parte. Essas idéias são desenvolvidas com maiores detalhes no meu livro *The presence of the past* (Editora Collins, 1988).

#### Awards for student research on morphic resonance

The Institute of Noetic Sciences announced at the beginning of this year an offer of awards, totalling US\$5,000, for the best experimental tests of the hypothesis of formative causation to be carried out by students. Awards are offered in each of the following categories:

1. Preuniversity students
2. Undergraduate students
3. Postgraduate students

Student's experimental results may of course either support or go against the hypothesis. Entries will be judged by an international panel of scientists. The closing date for entries is Sept 30, 1990. For further information, please write to:

The Morphic Resonance Research  
Competition  
Institute of Noetic Sciences  
PO Box 97  
Sausalito, CA 94966 - USA

Este artigo foi publicado originalmente em inglês in *Caduceus*, nº 4, 1988, Department of Medical Humanities, Southern Illinois University, School of Medicine, Springfield, USA.  
Tradução: Odete Lara.



- II -

*As pedras não se irritam, não têm ódio nem amor: a sua atividade reside nas atrações recíprocas causadas pela vizinhança dos similares.*

*As plantas não se irritam, têm somente amor; toda a sua atividade existe para o progresso da sua força e da sua potência de viver.*

*Os animais são quase sempre calmos, somente a vizinhança do perigo os perturba.*

*O homem se irrita, o homem perde a paz: é que na agitação do seu espírito une forças impossíveis.*

- IV -

*Aquele que vive no conhecimento das coisas é como a água, constantemente pacífico.*

*O insulto não o perturba, a calúnia não o deprime, o desprezo não o irrita.*

*Ele considera as coisas segundo a sua natureza.*

*Como poderia ofendê-lo o insulto? O verdadeiro é verdadeiro e o falso não tem valor.*

*Poderia deprimi-lo a calúnia? Os malvados agem necessariamente segundo a sua natureza.*

*Como poderia irritá-lo o desprezo? Ele é filho e companheiro da negligenciável ignorância.*

*Por isso é como a água: age e não se perturba.*



# O LIVRO Calmo

- X -

*Um esforço na direção de um ponto vence-se com um esforço contrário.*

*O equilíbrio de forças opostas é aquele que se chama calma.*

*Uma paixão não se vence sufocando-a, mas ligando-a a uma paixão contrária.*

*Por isso o sábio não suprime suas paixões, ele se esforça para criar novas.*

*Modera a ira com o amor, o egoísmo com a prodigalidade, a preguiça com o trabalho.*

*A sua mente é como um vazio que se enche.*

- XX -

*O modo de agir dos seres é chamado a sua natureza.*

*Ela reside no conjunto.*

*Ela reside nas partes.*

*Ela reside nos componentes.*

*Ela reside no Único.*

*Por isso se está perfeitamente em harmonia com a própria natureza quando se deixa agir o conjunto, quando não se violentam as partes, quando não se alteram os componentes*

*quando se está de acordo com o Uno.*

FRANCESCO



Num barco, sobre  
de Ma K'...

# RODO

# Pensar



— XXXIV —

*Melhor é errar procurando não errar que ficar inativo: a procura é o sinal do existir.*

*Se errar, não se aflija. Considere aquilo que adquiriu, reconhecendo o erro.*

*Todos os homens temem errar e erram porque temem.*

*O sábio sabe que erra, não teme o erro mas o tem sempre presente: por isso o evita.*

*Ele teme o abandono de si mesmo: a autoconfiança e a presunção que são a causa do erro.*

*Quando erra, reconhece o erro primeiramente.*

*Por isso ele mantém a paz.*

— XXIII —

*Seguir a própria natureza quer dizer corrigir-se.*

*As atividades que discordam, as energias que não se compensam, as formas que não se concluem, eliminam-se.*

*Suprimir o tempo, alegria.  
É a volta ao Único.*

— XXVII —

*Muitas palavras não dizem, poucas são eficazes e profundas.*

*Um pequeno ato basta para determinar uma grande força; com frequência uma grande força não pode determinar um ato, mesmo pequeno. É que a ação deriva das coisas concordes; existe como o fogo na substância da pólvora.*

*Porque está nas coisas querer o ambiente no qual vivem. Isto se chama paz.*

— XXX —

*A justiça é a natureza dos seres. Agir justamente quer dizer agir segundo a sua natureza.*

*Agir segundo a natureza dos seres é agir pacificamente e com calma.*

*Por isso a justiça e a paz são de fato sinônimos, a calma é o seu aspecto aparente.*

— XC —

*Não querer ser muito virtuoso!  
Não aspirar a obras magníficas!*

*Não querer o sublime!*

*As coisas mais belas são as mais simples.*

*As verdades mais profundas são as mais claras.*

*A altura é uma estratificação do tempo.*

*Não se adquire senão vivendo.*

*Adquirida, ela é somente o último momento.*

*Uma coisa muito pequena.*

Seleção e tradução do original italiano:  
Maria Luci Buff Migliori



O FERRARI



um lago tranqüilo,  
Ici, Japão

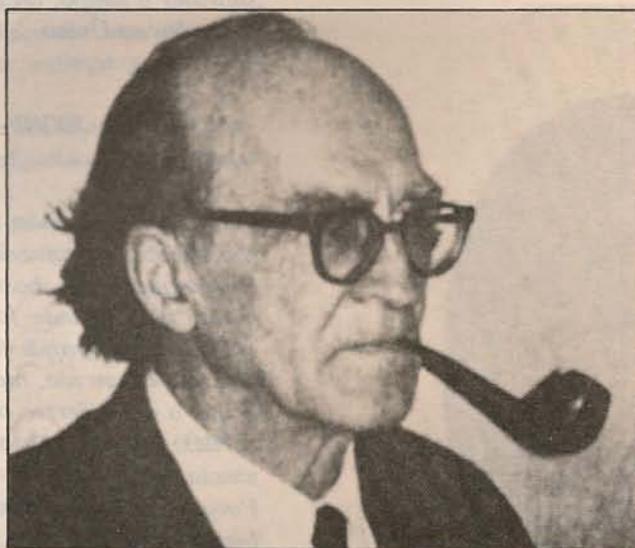
# O novo humanismo de MIRCEA ELIADE

---

WALTER GARDINI

---

“Nunca existiu, até o momento, uma sociedade irreligiosa e, acredito, não pode existir. Contudo, se isso acontecesse, sucumbiria ao cabo de algumas gerações, de tédio, neurose ou em virtude de um suicídio coletivo.”



Mircea Eliade

**M**ircea Eliade, falecido em Chicago a 23 de abril de 1986, foi sem dúvida alguma o historiador das religiões mais lido internacionalmente nesta segunda metade de século. Foi o mais admirado fora dos círculos acadêmicos e a quem mais opuseram resistência determinadas correntes de estudiosos. Personalidade polifacética, definia a si próprio como “filósofo da cultura”, porém, também escreveu novelas – mais de quinze – e duas peças de teatro. Os seus ensaios, que lhe deram o merecido título de “último grande escritor enciclopédico”, abrangem as mais variadas manifestações do fato religioso de toda a humanidade, desde a pré-história até a camuflagem do sagrado nos movimentos sócio-culturais, e nas teologias secularizadas dos nossos dias.

## Itinerário intelectual

Não tendo a pretensão de apresentar uma síntese completa do seu pensamento, acreditamos que possa ser útil lembrar algumas etapas da sua vida, seguindo o fio condutor da sua vasta produção: o nascimento de um novo humanismo.

O primeiro humanismo é o do século XIV que, da Itália, estendeu-se a toda a Europa. Mircea Eliade dedicou a ele sua tese de licenciatura em Filosofia, fruto da sua permanência na Itália – entre os dez e os vinte anos –, onde teve contato com Gentile, Papini e Pettazzoni, entre outros.

A descoberta do mundo greco-latino abriu novos horizontes à cultura medieval, lançou as sementes da Renascença e firmou as bases da modernidade. Este humanismo foi a força secreta que modelou a história da Europa nos seus feitos mais significativos e gloriosos: os descobrimentos geográficos, os novos sistemas filosóficos, os avanços da ciência e da técnica. Contudo, também foi a causa dos seus erros e, agora, parece ter atingido uma crise que põe em perigo a sobrevivência de toda a humanidade.

Eliade elaborou o seu pensamento durante as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, e escreveu as suas primeiras obras após 1945, no início de um doloroso exílio que o manteve, até o fim da vida, longe da sua pátria – a Romênia de Ceausescu.

Os motivos de angústia acentuaram-se nos anos que se seguiram. À intolerância política somaram-se a exaltação e o triunfo de valores alienantes como a violência, o niilismo filosófico, a arte insignificante e a conseqüente perda do sentido da vida. Estes temas aparecem no capítulo que fecha o seu último livro, *Briser le toit de la maison*, onde une a sua voz à de outros para lançar um grito de alarme frente à gravidade da situação atual. Também nesta circunstância apresenta – com a mesma convicção de sempre – a sua alternativa: é necessário “perfurar o teto da casa”.

A “casa” é, em primeiro

lugar, a cultura ocidental, fechada num provincianismo asfixiante, isolada na sua própria tradição, obstinada em ignorar os problemas e a situação do homem não-europeu, particularmente dos povos primitivos. Perante um mundo em fase de planetização, deve sair do seu etnocentrismo para assumir todos os modos de ser do homem do passado e do presente.

Da mesma forma que a descoberta da cultura greco-latina, no século XIV, deu origem à Renascença italiana, hoje o contato com a ontologia arcaica e o universo espiritual de todos os povos produzirá uma renovação radical do pensamento ocidental. Eliade exprimia a sua experiência pessoal e escrevia isso no *Mito do Eterno Retorno* (1949), antes do lançamento dos projetos de diálogo intercultural da Unesco.

Tendo passado três anos na Índia (1929-1931), sob a direção de mestres destacados como Dasgupta, Tagore e Shivananda, descobriu a importância da religião cósmica, o valor do simbolismo, a riqueza das tradições arcaicas. Viveu seis meses em Rishikesh – ainda hoje um centro de espiritualidade muito inspirador – praticando ioga, disciplinando-se na meditação e na austeridade até retirar-se, por um longo tempo, numa ermida.

Atingiu o samádi? O êxtase pelo qual se experimenta de maneira inefável, porém real, a presença do mistério da transcendência? Eliade sempre evitou essa pergunta, alegando que há fatos que se deve reservar para si mesmo. Entretanto, a segurança com que aborda as realidades do espírito e certas passagens de algumas novelas – claramente autobiográficas –, permitem responder que sim. “Compreendi”, confessa o protagonista de *O Bosque Proibido*, “que aqui, na terra, perto de nós, ao nosso alcance mas invisível aos outros, inacessível para os não iniciados, existe um espaço privilegiado, um lugar paradisíaco que, se alguém teve a ventura de conhecer, jamais poderá esquecer ao longo de toda a vida”.

Eliade admitiu que o período passado na Índia o “marcou”,

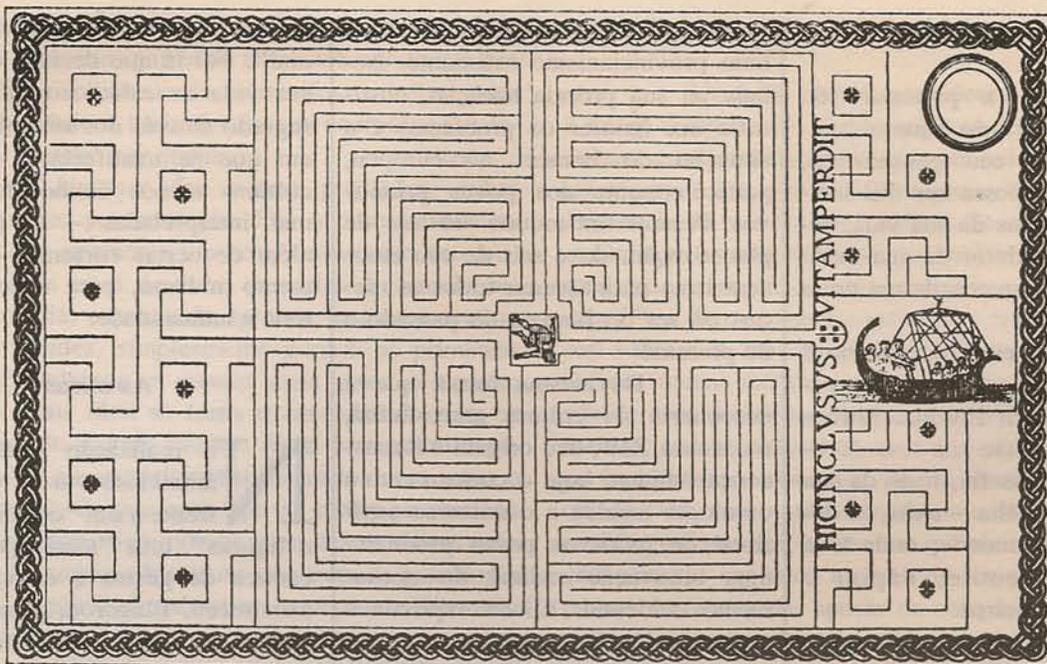
o “formou”, sendo para ele “essencial”. Foi lá que decidiu o rumo da sua vida de estudioso: investigar o sagrado através dos símbolos e mitos em que se manifesta, a partir das culturas menos conhecidas e mais mal interpretadas – as primitivas, além de certas correntes do pensamento indiano, para abarcar as de toda a humanidade.

## As obras

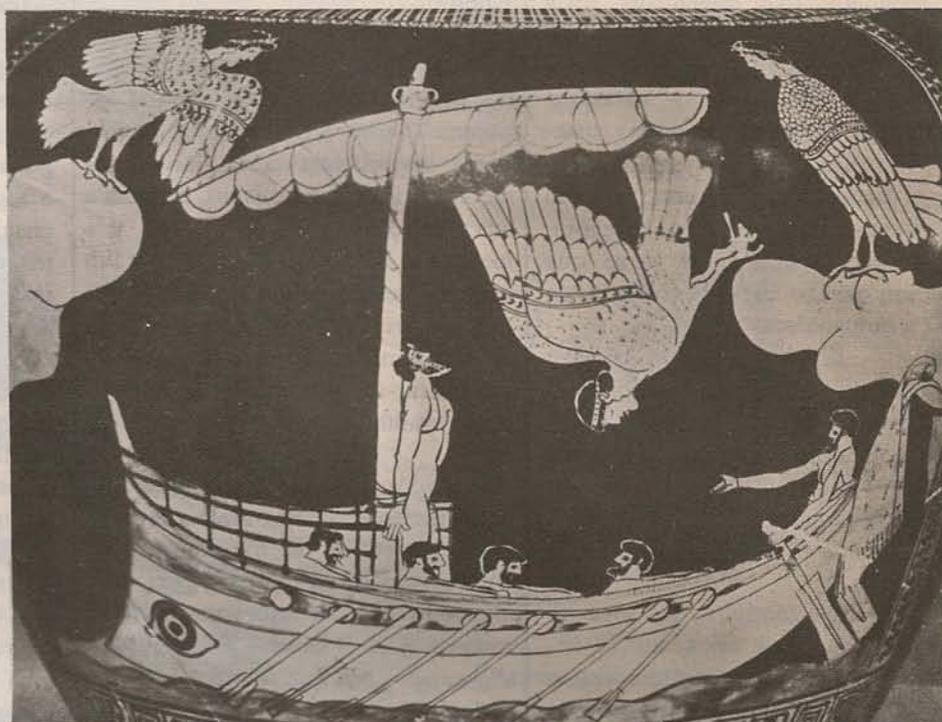
Na realização deste projeto ambicioso viu-se, de pronto, frente a um “oceano de fatos e figuras”, uma “massa polimorfa e caótica de gestos e crenças”. Não esmoreceu. Elaborou, primeiro, uma síntese de algumas hierofanias fundamentais, presentes no seu livro *Tratado de História das Religiões*. O título – mudado na edição inglesa – não correspondia ao conteúdo, que era, mais precisamente, um estudo comparativo e sincrônico. A verdadeira *História* apareceu 27 anos depois, em quatro volumes, precedida por monografias sobre o xamanismo, a ioga, as religiões australianas; por ensaios abordando múltiplos aspectos de imagens, símbolos e mitos e por uma longa trajetória como professor na Universidade de Chicago.

Em todos os seus trabalhos, o estudioso romeno atua como um historiador assombrosamente erudito e como fenomenólogo que quer evitar os escolhos opostos do dogmatismo, tanto positivista quanto religioso e, ainda, superar a tentação dos reducionismos de qualquer espécie. Utiliza a psicologia, a arte, a sociologia, e, ao mesmo tempo, reivindica o caráter único e irredutível do fenômeno religioso, que só a partir do sagrado poderá ser revelado. Procura a objetividade, porém rejeita a “suprema indiferença, a inibição, o excesso de timidez” de muitos colegas, que transformaram a história das religiões num “museu de fósseis”, e que, ostentando erudição e uma especialização extremada, dirigiam-se a um círculo restrito de iniciados, apenas a título de satisfação pessoal.

“Meu objetivo principal”, escreve, “tem sido um método hermenêutico capaz de revelar, para o homem dessacralizado de hoje, a



Uma representação tardia e elaborada do labirinto, emoldurado por padrões meândricos.  
Mosaico de um túmulo familiar, do norte da África.



Para enfrentar  
o canto das sereias,  
Ulisses  
passou pelo  
perigoso recife  
atado ao mastro de  
sua embarcação e  
com os ouvidos  
tapados.

significação e o conteúdo espiritual das crenças religiosas arcaicas, orientais e tradicionais.”

#### Uma mensagem de atualidade

**A** pesar da infinita variedade dos fenômenos religiosos, existe entre eles uma unidade essencial. O homem busca encontrar uma resposta para os “horrores da história” e para a sua angústia

existencial: encontra-a numa “ruptura de nível”, na qual consiste a essência do sagrado. A “casa” que o aprisiona não é apenas o etnocentrismo cultural, é também a finitude espaço-temporal. Através dos mitos, e dos ritos que os reatualizam, esse limite pode ser superado, encontrando-se, num tempo e num espaço sagrado e transhistórico, o fundamento e o sentido da vida.

Eliade quer fazer chegar

ao homem moderno, mecanizado e auto-suficiente, dividido entre sonhos de grandeza e tentações de suicídio, um convite para captar a mensagem dos símbolos e encontrar uma maneira nova de viver a temporalidade, a fim de resolver os atuais conflitos sociais e individuais.

Ele sabe que alguns consideram sua proposta reacionária, não historicista e contrária ao humanismo ilustrado. A sua resposta é um

rechaço “airoso” de qualquer preconceito de natureza positivista, um reconhecimento das possíveis involuções e degradações do sagrado em movimentos equívocos que fogem da história, e uma leitura dos mitos em termos de criatividade e de compromisso com o temporal. Seu protótipo de homem é Ulisses, curioso pesquisador de toda novidade, acossado viajante continuamente orientado, apesar das crises e erros, em direção a Ítaca – a pátria, o centro, o si próprio. Seu símbolo preferido é o labirinto, a provação iniciática obrigatória, para indivíduos e sociedades, onde é possível perder-se ou achar o caminho para a conquista de um bem superior.

Esta visão o auxilia na busca de um sentido para a crise contemporânea. Os riscos e perigos são alarmantes, a perspectiva apocalíptica persiste, porém nada é inevitável. Eliade encontra um motivo de esperança na extraordinária operação de camuflagem do sagrado a que estamos assistindo. A cultura secularizada dos nossos dias não conseguiu eliminar os mitos da consciência do homem. Eles estão vivos, disfarçados nas revoltas sociais e políticas, na contracultura de há alguns anos, nas correntes ecologistas e naturalistas.

“O homem moderno, radicalmente secularizado, vê a si próprio e se proclama ateu, não religioso ou, ao menos, indiferente. Porém, se engana. Ele não conseguiu abolir o homem religioso que vive nele: suprimiu apenas o cristão. Isto significa que se tornou ‘pagão’ sem querer. Significa também outra coisa: nunca existiu, até o momento, uma sociedade irreligiosa e, acredito, não pode existir. Contudo, se isso acontecesse, sucumbiria ao cabo de algumas gerações, de tédio, neurose ou em virtude de um suicídio coletivo.” (*Diário*)

Aqueles que diziam que esta afirmação, tal como outros princípios de sua hermenêutica, tinham um caráter apriorístico e puramente subjetivo, Eliade respondia que era a conclusão necessária da sua incessante pesquisa sobre fatos históricos de todos os povos. “O sagrado é um elemento da estrutura da consciên-

cia, não um estado de desenvolvimento dessa consciência”, escreveu no prólogo da sua *História*.

### Defesa dos valores cristãos

Alguns advertiam neste novo humanismo o risco de uma perda de identidade e o surgimento de um vago sincretismo. Ciente do perigo, Eliade exortava a “não mudar de pele” e repetia uma de suas máximas preferidas: “dialogar com outras culturas, não buscar uma evasão nelas”. Denunciou a alienação da maioria dos que peregrinavam ao Extremo Oriente, no pós-guerra, sem um preparo verdadeiro e, quanto a si próprio, admitiu que “nunca havia abandonado a consciência e a *weltanschauung* do homem ocidental”.

Apesar de sua grande admiração pela Índia, sempre professou ser cristão (da Igreja Ortodoxa), mostrando conhecer bem a Bíblia e os melhores teólogos e místicos católicos e protestantes. Em diversas ocasiões, pôs em relevo a “grande originalidade” do cristianismo: a transfiguração da história em teofania e a valorização do humano na encarnação do Filho de Deus. Ao mesmo tempo denunciou atitudes fossilizadas e vazias de sentido, e expressou o desejo de ver um cristianismo mais disponível a formas novas, em continuidade com o espírito das suas origens, mais sensível ao diálogo inter-religioso e à dimensão mística.

A realização da segunda Renascença, fruto de uma abertura horizontal em direção a todas as culturas, e vertical, dirigida para o sagrado redescoberto na sua profundidade e universalidade, é uma aventura que requer a aceitação do risco, coragem e equilíbrio. Os perigos acossam o homem por todos os lados.

Mircea Eliade quis facilitar o caminho (costumava definir-se como “companheiro de viagem”) num momento crucial da história, quando o labirinto parece cada dia mais impenetrável e desconcertante. Fez isso com a sincera convicção que lhe advinha das lições da história e de sua experiência pessoal, e da

sensibilidade de artista. Se convidou para que se olhasse para as culturas primitivas e os mitos do tempo primordial, foi apenas para aceitar em plenitude o presente e preparar o porvir com maior criatividade e segurança. As numerosas traduções e edições das suas obras, os prêmios internacionais recebidos, o êxito da sua atividade pedagógica como professor universitário (havia três cadeiras de História das Religiões nos Estados Unidos quando, em 1957, iniciou seus cursos em Chicago. Em 1979, elas eram quase trinta) provam que soube interpretar as inquietações e aspirações do homem atual.

Eliade morreu no exílio, onde escreveu as suas obras mais importantes. Aceitou a ruptura com a sua terra natal como uma experiência extraordinária e fonte de inspiração. Numa entrevista, lembrou que graças ao exílio Dante pôde acabar a *Divina Comédia*. “A criação é a resposta que podemos dar ao destino e ao horror da história.” As obras de Dante foram proscritas em Florença durante o tempo em que ele era sustentado pela corrente que detinha o poder. Os ensaios de Eliade não puderam ser publicados em alguns países do Leste europeu, incluindo a Romênia – sua pátria. O confronto entre o homem secularizado, escravo de ideologias reducionistas de diferentes tendências, encerrado na finitude do horizonte espaço-temporal, e o *homo religiosus*, ser simbólico projetado em direção ao mistério, onde os valores e as conquistas da história adquirem sentido, continua vigente.

As honras que hoje rende Florença *all'altissimo Poeta*, após tantos esforços inúteis para recuperar os seus restos mortais, poderia fazer-nos vislumbrar – além dos muitos fatores negativos – qual poderia ser o futuro do segundo humanismo propalado pelo estudioso romeno.

Walter Gardini é professor universitário, pesquisador e escritor argentino.

# ... e até os antepassados

---

PAUL JORDAN-SMITH

---

**“O propósito de todas as cerimônias é fazer com que os espíritos, e até mesmo os seus antepassados, desçam do céu.”**

*Li Chi (Livro dos Ritos)*

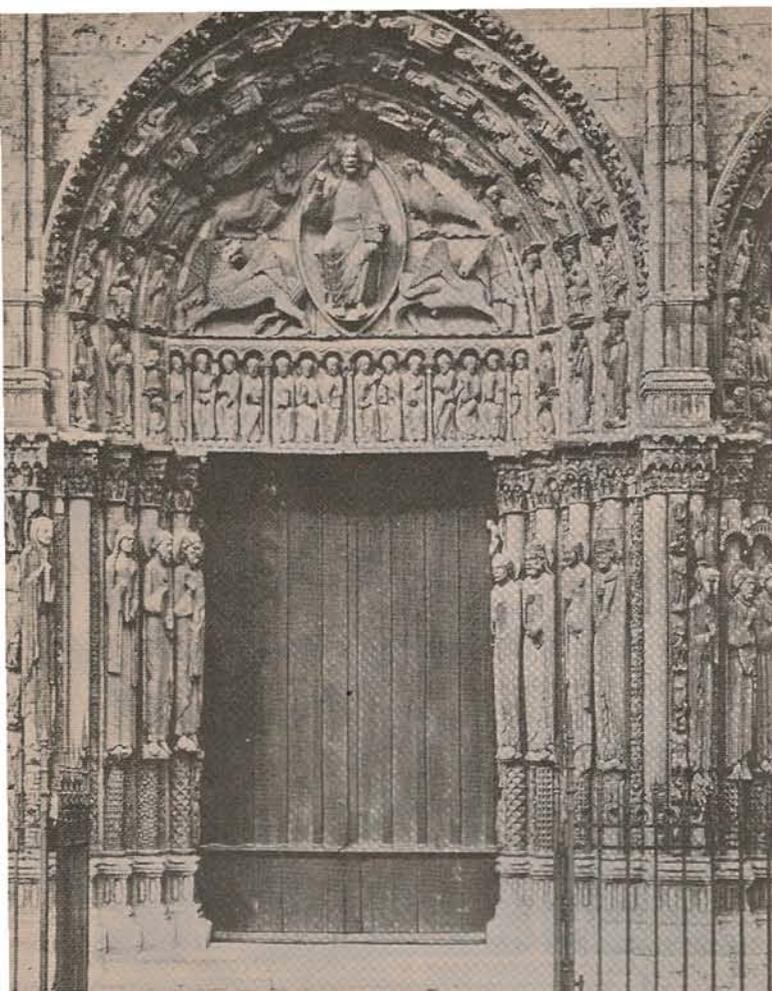
Ao lhe perguntarem por que a obediência às regras de uma cerimônia era de tamanha importância, Confúcio respondeu: “Através dessas regras os antigos reis procuravam indicar os caminhos para o céu e ordenar os sentimentos dos homens. Assim, aquele que negligencia ou viola essas regras é como se estivesse morto e aquele que as observa, vivo.” Isso está implícito também nas palavras de Jesus de Nazaré, durante a última ceia: “Fazei isto em minha memória”. Essa memória ou *anamnesis* é muito mais do que um indício de nostalgia. Não se trata apenas de um apelo aos discípulos para que, sempre que estiverem reunidos, lembrem-se saudosamente do Mestre. Como todos os símbolos – e o gesto ritual é, por certo, um símbolo por excelência –, seu significado é global e completo em muitos níveis simultaneamente. Jesus ofereceu aos seus discípulos indicações de outro nível de entendimento, quando lhes revelou que o pão que compartilhavam era o seu corpo, e o vinho, seu sangue. Assim, um novo pacto foi firmado e uma ligação ritual com o sagrado consolidou-se num gesto, numa meditação ativa. Os discípulos compreenderam e, na verdade, toda a história da Igreja cristã começou a fluir imediatamente, dessa compreensão. A *anamnesis* daquele mo-

mento de reunião excelsa tornou-se a semente de um movimento de renovação espiritual: foi o início da liturgia cristã.

Nas igrejas de tradição apostólica, tanto no Oriente como no Ocidente, existe um corpo litúrgico central que se reporta à igreja nos primeiros séculos. Falando de modo geral, este núcleo litúrgico é formado de duas partes:

- a primeira, chamada *Synaxis*, destina-se aos adeptos que ainda estão aprendendo os princípios da fé cristã – os catecúmenos;

- a segunda, a *Eucaristia*, dirigida aos que já foram batizados na fé. Originalmente, os catecúmenos (aqueles que recebiam ensinamento oral) eram dispensados antes do início da Eucaristia. Era uma forma de evitar que os não iniciados nos mistérios da fé interpretassem de modo equivocado a cerimônia que viria a seguir. A exclusão dos não iniciados é uma característica comum às religiões de mistério. É o reconhecimento de que aquilo que vai acontecer dali em diante pertence a um outro nível da hierarquia sagrada, exigindo um conhecimento mais profundo, que somente a iniciação pode propiciar. Essa distinção foi em grande parte posta de lado pela Igreja ocidental, embora per-



Portal Real, fachada oeste da Catedral de Chartres

maneira, ainda que apenas formalmente, na liturgia ortodoxa.

A *Synaxis*, ou Missa dos Catecúmenos, obedecia, nos primeiros tempos, a uma forma ainda hoje mantida nas igrejas apostólicas. Derivada do ritual da sinagoga, era nela que se exercia a função pedagógica da Igreja. Depois de algumas orações preparatórias do celebrante e de seus acólitos, bem como (presume-se) de toda a congregação, fazia-se a entrada cerimonial no santuário com as saudações mútuas entre oficiantes e congregação. Depois, rezava-se uma prece – o *kyrie*, na Igreja do Ocidente:

*Kyrie, eleison* (Senhor, tende piedade de nós)  
*Christe, eleison* (Cristo, tende piedade de nós)  
*Kyrie, eleison* (Senhor, tende piedade de nós)  
 e o *trisagion* (“o três vezes santo”), no Oriente:  
 Santo Deus, Santo Poderoso, Santo Imortal, tende piedade de nós.

Após essas cerimônias, das quais se poderia dizer que servem para instituir a comunidade dos fiéis, a Igreja inicia formalmente seu papel pedagógico, começando com as leituras das Escrituras, que podem ou não incluir o Antigo Testamento, mas, sem dúvida, incluem o Novo, lendo-se em primeiro lugar uma Epístola, e depois um dos Evangelhos. Nas igrejas católicas romana e ortodoxa o sermão vem a seguir, concluindo o *Synaxis*. Na liturgia ortodoxa esta parte termina com o pedido aos catecúmenos para que se retirem.

Na Igreja oriental o Credo é proferido pela congregação depois das palavras “As portas! As portas!”. Era uma exortação que se fazia, originalmente, para que as portas da igreja fossem fechadas, após a saída dos catecúmenos; só depois disso o que havia ainda por celebrar da liturgia era oficiado reservadamente. Nas igrejas ocidentais, o Credo é considerado como parte da *Synaxis*. A diferença entre a prática oriental e ocidental repousa no modo de considerar essa oração: como detentora de uma função didática, que sintetiza os dogmas da fé cristã para benefício tanto de catecúmenos como de iniciados, ou como uma afirmação de verdades teológicas, as quais não se espera que sejam compreendidas ainda pelos não iniciados; estes são, assim, dispensados de proferi-las.

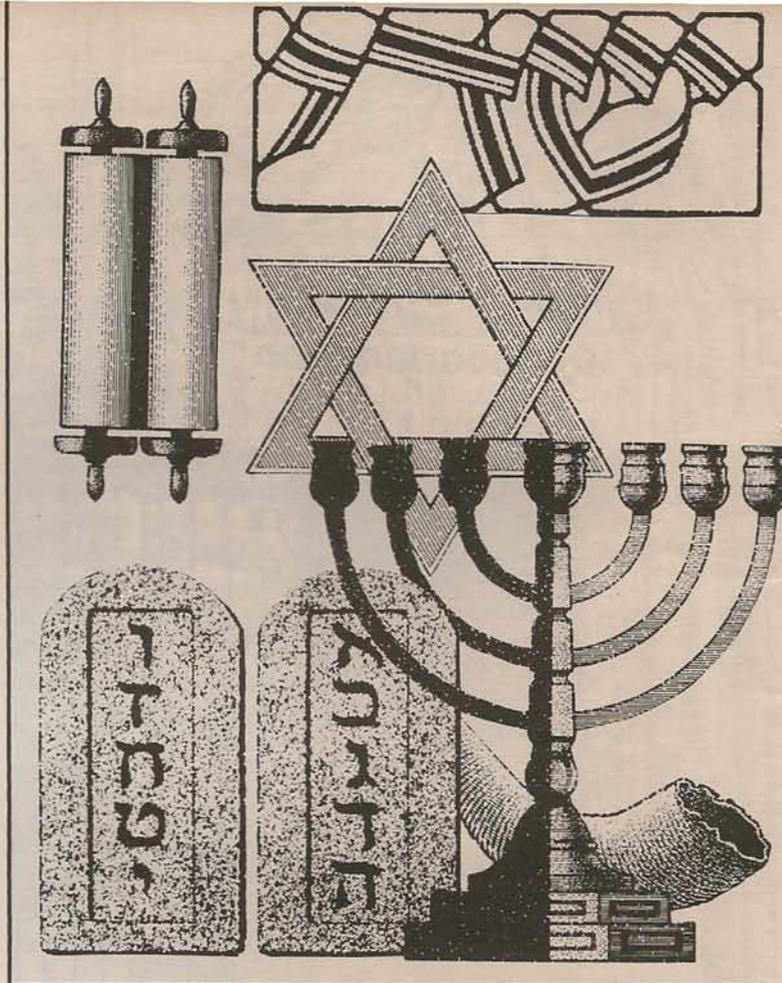
Na Igreja ocidental a Eucaristia começa com o Ofertório, que muitas vezes é confundido com o momento em que a Igreja pede esmolas. Na verdade, o Ofertório faz parte da oblação. É o oferecimento de “nós mesmos, de nossas almas e nossos corpos, para que se convertam num sacrifício justo, santo e vivo”, segundo as palavras do Livro Anglicano de Horas. Na igreja primitiva, os fiéis traziam o pão (*prophora*) feito por eles próprios, que era consagrado privadamente ao ter início a *Synaxis*. Mais tarde, era devolvido aos fiéis para ser consumido em casa. Portanto, a *prophora* era “trazida” à igreja, tornava-se parte da oblação ou *anaphora*, e era “ofertada” pelo celebrante. A coleta de dinheiro efetuada nesse momento tem origem relativamente recente, embora a ajuda material à Igreja sempre tivesse feito parte da estrutura do culto. Aqui há também diferenças entre as práticas da Igreja oriental e ocidental, tendo sido a forma antiga mais ou menos preservada entre os ortodoxos.

As etapas subsequentes da Eucaristia permaneceram estáveis nas duas Igrejas – do Ocidente e do Oriente. São elas, o *Sursum Corda*, que convida os fiéis a “elevarem os corações ao alto”, o *Sanctus* – a consagração do pão e do vinho –, a recitação da Oração do Senhor, a comunhão, as orações finais e a despedida. Na prática há variações que têm sido enfatizadas de modo diferente no decorrer da história litúrgica, tais como a inserção do *Gloria* e do *Agnus Dei* da Igreja ocidental (e que não existem no Oriente), e as ladainhas intercaladas pela Igreja oriental, em ambas as partes do ato litúrgico (mas especialmente na *Synaxis*). A estrutura aqui exposta forma um eixo central, que permanece desde o século I sem modificações significativas. Esse centro, que é a base do culto cristão regular, é repetido em sua essência, sem variação, dia após dia e, em alguns lugares, muitas vezes por dia, semana após semana, ano após ano, há quase vinte séculos. Dependendo da regularidade da participação dos membros da congregação, a liturgia e cada um dos seus elementos representam marcos familiares ao longo da jornada espiritual. Podem atuar no início como momentos mecânicos, porém (como veremos mais adiante) têm o poder de agir numa região mais profunda de nós mesmos, que a mera repetição mecânica por si só não poderia alcançar.

Uma ladainha é uma repetição cíclica dentro do ciclo mais amplo da liturgia. Consiste de orações, em geral recitadas pelo sacerdote, intercaladas de respostas dadas pelo coro e pela congregação, como: “Tende piedade de nós”, “Senhor, escutai a nossa prece” e “A Vós, ó Deus”, algumas das quais derivam de orações como o *Amidah*, do culto da sinagoga judaica. Na liturgia ortodoxa, a Grande Ladainha (assim chamada devido à sua extensão) é seguida de antifonas, que são orações individuais acompanhadas de respostas antifonais e das Pequenas Ladainhas, prenúncio da Grande Ladainha. A ladainha, por ser antifonal, é uma forma de oração comunitária; difere de outras orações comunitárias devido à repetição de uma frase central simples. A simplicidade da frase repetida e sua repetição indicam que o objetivo ultrapassa o que geralmente se entende como *anamnesis*, assemelhando-se mais à recitação íntima da Oração de Jesus ou Oração do Coração. A parte do culto dedicada à ladainha demora algum tempo: nas igrejas ortodoxas, a congregação permanece de pé durante a liturgia e, enquanto as respostas são repetidas em voz alta, o corpo do fiel vai sendo envolvido cada vez mais profundamente pelo ritual.

Essa disciplina física de manter-se de pé ou de joelhos e, mais particularmente, a repetição, são fundamentais para compreender como a repetição ritual age sobre o ser do participante. No nosso dia-a-dia, tanto o corpo como a mente atuam de forma aleatória, raramente com alguma direção consistente, e sem nenhuma intenção sagrada natural. Poderíamos dizer até que uma intenção voltada para o sagrado não é natural para o ser humano, ou, pelo menos, para esta natureza na qual nos encontramos comumente. Não conseguimos ficar parados – o tagarela “macaco da mente” mostra isso – nem em silêncio; portanto, o Silêncio do qual todo o som emana e a Tranquilidade da qual flui todo o movimento não encontram espaço no nosso modo de ser cotidiano. A forma ritualística proporciona uma espécie de estabilidade na qual podemos incluir toda a relação, tanto com Deus quanto com o próximo. Poderíamos dizer que é função especial do ritual sagrado estabelecer uma relação entre o mais alto e o mais baixo da nossa natureza, de tal modo que ambos os aspectos se beneficiem mutuamente.

Há outros modos de propiciar a estabilidade e a intenção necessárias ao aparecimento dessa relação. Os mantras das tradições budistas e hinduístas e o *dhikr* do islamismo são equivalências da Oração de Jesus. Esta se fundamenta na exortação de São Paulo: “Orar sem cessar”. A palavra *dhikr* significa “recordação” e opõe-se a *ghaflar* – “esquecimento” –, a qual é semelhante ao que os padres cristãos do deserto consideravam como preguiça, o mais importante dos sete pecados capitais, definido de forma simples e direta por Santo Tomás de Aquino como “indolência espiritual”. *Ghaflar* conduz ao chamado *shirk* islâmico, traduzido geralmente por “associação” – tendência a entender qualquer coisa divina em termos puramente humanos, a “associar” Alá, o Absoluto e Atemporal,



Símbolos da tradição judaica

ao contingente e temporal. Desse modo, *dhikr* restabelece a absolutez do Absoluto, através da repetição constante da palavra “Alá” ou de uma oração, como aquela prece que é a profissão fundamental de fé, o *shahadah* (*La illaha illa Allah* – “Não há outro Deus além de Deus”), ou de um dos 99 nomes de Deus.

Seja o *shahadah*, seja o “*Hu-Wa*” dos derviches, o “*Ham-sa*” de Markandeya, o “*Aum-ma-ne-padme-hum*”, o “*Domine Iesu Christe, miserere mei*” (a Oração de Jesus) ou um simples “Senhor, tende piedade de nós”, a sonoridade repetida atende a um objetivo passível de ser mal compreendido pelos catecúmenos, uma vez que tradicionalmente todas essas preces são recitadas sob a orientação de um mestre da fé à qual pertencem. Recitadas em voz alta – em público ou em particular – ou apenas interiormente, como no caso da Oração de Jesus, a sua repetição propicia condições para que nos penetre o coração não só a própria ressonância como também o Objeto ao qual ela se refere, possibilitando que este Objeto faça ali a sua morada e comece, ele próprio, a ressoar. É a isso que os padres da *Philokalia*, principalmente Teófilo, o Recluso, se referem, quando chamam a Oração de Jesus de “oração do coração”. O que é fácil de ser mal compreendido é a natureza da penetração, que as nossas mentes ocidentais concebem como algo violento. Talvez uma palavra melhor fosse “insinuação”, desde que não é golpeando as portas do coração que se consegue entrar nele, mas sim através de suave persistência, como se o som e a substância da prece simples-

mente ficassem à espera nos umbrais, até que esse órgão resistente capitule e lhes permita a entrada.

É neste ponto que as nossas mentes leigas cometem muitos outros graves equívocos a respeito da repetição ritual. Um deles é considerar a ocorrência de experiências intensas e inusitadas como a meta desses exercícios espirituais, quer realizados em devoções particulares quer em cultos públicos. Os perigos inerentes a tais erros são múltiplos; vão desde uma espécie de idolatria da experiência, que implica a substituição do verdadeiro objeto de devoção, até o desespero completo, quando a experiência deixa de se repetir.

Neste contexto, ouvi mais de uma vez a história memorável de um sacerdote ortodoxo que, indo ao Kentucky para realizar rituais de batismo e crisma, conheceu um ferreiro que acabara de ser admitido na igreja.

Esse ferreiro, da geração dos anos 60, é fruto de uma época que assistiu à disseminação de uma vasta e variada literatura espiritual. Caiu-lhe nas mãos um pequeno e maravilhoso livro do século XIX, chamado, na tradução para o inglês, *The Way of a Pilgrim*, onde se descrevia a Oração de Jesus. Ele achou que poderia tratar-se de algo importante de ser praticado. Assim, decidiu “dedicar-lhe vinte anos de prática”. Se durante esse tempo nada acontecesse, desistiria. Recitou, pois, a oração, tal como a entendeu, sem variações e sem filosofar muito. Como contou ao sacerdote, praticava-a durante o longo trajeto percorrido em sua caminhonete até as fazendas distantes e, como explicou, “já que não há muito o que se fazer debaixo de um cavalo”, ele a repetia enquanto trocava ferraduras. De madrugada, quando perdia o sono, aproveitava para rezar e orava também em outras ocasiões, quando isso parecia possível e adequado. O sacerdote perguntou: “E você passou por alguma experiência extraordinária?”, ouvindo em resposta: “Oh, o senhor se refere às luzes, às cores e coisas do tipo? Sim, mas não era essa a questão, era?”. “E você realmente tentou isso durante vinte anos?”, insistiu o sacerdote. “Sim. Este é o vigésimo ano – e, bem, aqui estamos nós!”.

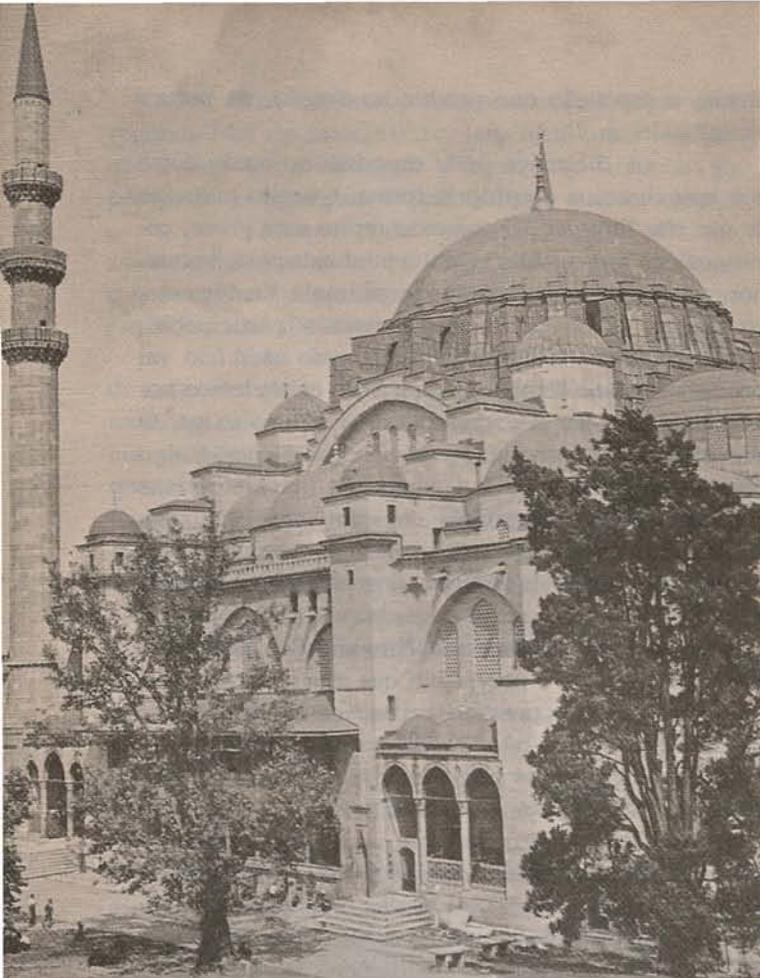
Persistir durante vinte anos... Quem de nós seria capaz disso? Ao contrário, nós desistimos devido a uma espécie de entorpecimento que vai se instalando com a repetição, a uma aridez espiritual, à própria “noite escura da alma”. É freqüente essas sensações estarem ligadas – como dizem os padres e mestres – à expectativa do que desejamos obter através do rito: talvez experiências fantásticas, ou alguma noção preconcebida de salvação. O desespero que as esperanças fracassadas podem acarretar é talvez a fonte da principal crítica ao ritual: que ele é vazio, uma repetição sem significado. Essa crítica parece aplicar-se particularmente bem às religiões ocidentais dos nossos dias, com sua linguagem litúrgica aviltada, explicações humanísticas e práticas secularizadas. Num tal contexto, o ritual parece, de fato, – e talvez em grande parte o seja – vazio e sem significação. Se é assim, o que distingue o ritual ou o exercício espiritual pleno de vida e subs-

tância, a repetição que produz renovação, da prática vazia?

A diferença pode repousar no modo como nos aproximamos da própria forma. Quando participo de um rito litúrgico, ou quando repito uma prece, como começo a fazer isso? Qual a minha disposição interior ao iniciar um exercício espiritual? Geralmente, estabeleço, como pré-condição para a participação, expectativas quanto ao que determinado exercício vai me dar – trata-se de uma pré-condição estabelecida por mim, não do que o exercício em si mesmo exige. O que acontece, mesmo de forma não consciente, é algo como “seja feita a **minha** vontade”. Enquanto essas expectativas ocupam a minha atenção ou me canalizam a intenção, não estou numa disposição adequada para receber quaisquer benefícios que a oração poderia propiciar. Encontro-me já num estado de locupletação – estou pleno de mim mesmo. **Não há lugar para mais nada.** Neste caso, é necessário que algum espaço seja aberto, pois, caso contrário, certamente meus esforços não trarão nada de volta. A prece repetida torna-se vazia de sentido, porque nesse estado não reconheço outro significado a não ser o meu próprio.

No entanto, acontece uma coisa estranha e aparentemente paradoxal (que Teófilo, o Recluso, e outros já descreveram em detalhes) quando alguém faz um simples reconhecimento desse estado de coisas: sou eu que estou vazio de significado, não a prece. A situação se reverte: quanto mais me liberto das minhas pré-condições, mais a oração se torna rica de sentido. Pode, então, exercer seus efeitos sobre mim, porque há espaço para ela atuar. O nome desse processo de liberação varia: humildade, simplicidade, vacuidade. Os anacoretas – aqueles padres do deserto, cujo silêncio retumbava na igreja primitiva – nos contam que a menor intenção na direção do desapego pode ser suficiente para trazer a Graça. É possível dizer, parafraseando Confúcio, que aquele que não tem essa intenção pode ser considerado morto e aquele que a possui está vivo. Nem é estritamente dentro dos limites do ritual que tais condições – ou leis, melhor dizendo – se aplicam. Embora o ritual possa ter suas origens no céu, o *Li Chi* comenta que “o seu movimento alcança a terra. Estendê-se a todas as atividades da vida. Em relação ao homem, serve para alimentar sua natureza.”

A humildade e a simplicidade, que são requisitos espirituais básicos, surgem de imediato na nossa mente ao contemplarmos a tigela de chá de Kizaemon Ido, uma relíquia lindíssima, antiga e preciosa. Na cerimônia do chá a tigela tem um significado particular, por tratar-se de um recipiente, de um receptáculo que, até receber o chá, está vazio. O chá em si tem um significado intrínseco à sua propriedade medicinal de revigorar e despertar aquele que o bebe: ele favorece esse despertar, essa atenção necessária a qualquer relação em vias de ser estabelecida. Porém, o chá não pode ser misturado de qualquer maneira. Precisa de um receptáculo, como, por exemplo, das simples e arquetípicas tigelas de arroz coreanas adotadas pelos antigos mestres do chá e conhecidas como *O*



Mesquita do sultão Sulayman, Istambul

*Ido.* A tigela de Kizaemon Ido, que data do século XVI, é considerada a mais notável de todas. De formato simples, rústica, sem enfeites, de confecção relativamente grosseira, possui as características da espontaneidade que viria a ser exemplo de tudo que é desejável numa tigela de chá, e que nunca pode ser produto de confecção deliberada. Foram muitos os oleiros que tentaram fazer a tigela perfeita – empreendimento condenado ao fracasso desde o início. Para ser perfeita, a tigela tem de ser feita para ser usada. Se ela exemplificar as Sete Leis estabelecidas pelo mestre do chá, será apenas porque o seu criador as ignorava. Ao propor-se a fazer uma tigela de arroz, o oleiro obedece somente àquelas leis cuja repetição permite ao torno dar forma ao barro. É essa obediência simples que é celebrada na veneração da tigela.

A cerimônia do chá é, de certo modo, a essência de todas as cerimônias, porque é ritual, pura e simples. É pura porque sua **intenção** é pura. Nas palavras do seu maior mestre, Rikyu, o único propósito é “ferver a água e fazer o chá”. Ela é simples – **muitíssimo** simples – e, por isso, extremamente difícil, uma vez que ser simples é a coisa mais difícil do mundo. Realizar bem a cerimônia requer décadas de prática, mas não uma devoção tacanha: o mestre do chá não é alguém que vive enclausurado e distante. Para ensinar a cerimônia é preciso participar da vida, caso contrário não há relação com os convivas e é nessa relação que a cerimônia do chá se fundamenta. O que se requer de cada participante pode ser considerado como o para-

digma daquilo que todo o ritual exige de cada um, sacerdotes ou leigos: simplicidade, humildade, elevação, submissão e atenção – em todos os momentos, para cada detalhe. Compreender apenas racionalmente que cada gesto e cada objeto está impregnado de significado sagrado não basta. Pode-se mesmo dizer que tal “conhecimento mental” é, na verdade, o maior obstáculo, porque coloca o ritual na condição de ídolo. Perante o altar, o conceito apenas mental de Deus, o Absoluto, é irremediavelmente inadequado. Com esses conceitos, ideais e expectativas preenchendo a mente, não há espaço para o silêncio e a calma necessários à renovação.

---

Este artigo foi publicado em inglês in *Parabola – The Magazine of Myth and Tradition*, Volume XIII, nº 2, maio 1988, Nova Iorque.

Tradução: Julieta Penteadó.

# A RESISTÊNCIA AO TRANSPESSOAL e a abordagem holística do real

---

PIERRE WEIL

---

A partir do advento e do desenvolvimento do racionalismo e do pensamento científico e da euforia das aplicações tecnológicas, ocorreu a instalação progressiva de uma determinada mentalidade da qual logo falaremos. Instalou-se de início no espírito do homem ocidental, para depois atingir, até certo ponto, o homem oriental.

Essa mentalidade se traduz por uma crença, uma fé exclusiva na razão, nos sentidos e na pesquisa científica. Pesquisa que se apóia – ou parece apoiar-se, pelo menos – exclusivamente nos sentidos, para tentar resolver todos os problemas humanos, aliviar o sofrimento e alcançar a felicidade.

Como não crer numa ciência e numa tecnologia que levaram os homens à lua e que descobriram a microestrutura do átomo, essa força energética capaz de fazer nosso planeta explodir? Como renegar os benefícios dos antibióticos que salvaram milhões de existências, ou os transportes aéreos e a revolução da informática que nos permite, num piscar de olhos, saber tudo sobre tudo?

O entusiasmo e a admiração pelo espírito científico ganharam todos os domínios do conhecimento humano; hoje tudo é científico ou alega ser: fala-se de ciências da educação, de ciências humanas, de ciências jurídicas, de filosofia das ciências – faltam apenas a ciência filosófica e a ciência religiosa. Mesmo este último terreno, pelo menos no que diz respeito à tradição judaico-cristã, está minado: as igrejas se esvaziam, as “vocações” sacerdotais se contam nos dedos; o racionalismo científico toma o lugar da fé, da crença ou do próprio racionalismo religioso.

No entanto, um imenso mal-estar começa a invadir o coração de inúmeros homens de ciência; a mesma dúvida se estende a milhões de seres humanos que começam a perder a fé nessa ciência que desenrai-

zou a antiga fé religiosa. O deus científico, que suplantou o Deus da religião, está bastante debilitado, para não dizer doente; com a dissolução dessas duas crenças, há o risco de não sobrar mais nada – nada mais do que esse conforto tão ambicionado pelos pobres e que constitui a náusea existencial dos “superdesenvolvidos”.

Os homens de ciência começam a inquietar-se com certas aplicações de suas descobertas, exigindo serem previamente consultados. Descobrem, muito tarde talvez, que essa nova mentalidade científica desenvolveu neles uma atitude de “neutralidade” e de “objetividade” que no espaço de uma geração se transformou em frieza e em indiferença. A filosofia afastou-se da tradição, a ciência abandonou a filosofia; nesse movimento, a sabedoria dissociou-se do amor e a razão deixou a sabedoria, divorciando-se do coração que ela já não escuta. A ciência tornou-se tecnologia fria, sem nenhuma ética. É essa a mentalidade que rege nossas escolas e universidades.

Grande parte da população do planeta começa a descobrir que esse deus científico em que o mundo havia depositado todas as esperanças de estabelecer, por fim, a felicidade sobre a terra, nos enganou. Não somente o conforto não produziu a felicidade esperada, mas as aplicações indiscriminadas da tecnologia, divorciadas da ética, ameaçam a própria existência das criaturas vivas. O medo instalou-se às nossas portas. Começamos a desconfiar desse deus da ciência.

Mas um novo sopro de esperança se eleva no coração desses milhões de seres humanos que estão a ponto de descobrir que o conforto, se bem que agradável, não pode ser confundido com a felicidade. Isso se dá principalmente com aqueles que mergulharam nesse conforto por tempo suficiente para observar-lhe os efeitos. Lançam-se agora à busca de outra solução,

enquanto os subdesenvolvidos se deixam iludir pela miragem da sociedade tecnológica capitalista ou comunista – foram até mesmo levados a crer que é necessário optar por uma dessas ideologias em conflito...

Os primeiros, fazendo um balanço da situação atual, constataam que nem o Deus antropocêntrico exterior, tal como é descrito no nível do catecismo, nem o deus da ciência, resolveram a questão fundamental da felicidade e do modo de eliminar o sofrimento humano. Verificaram que, por trás da pressão das propagandas em favor da opção entre um regime tecnocrata capitalista ou comunista, escondem-se lutas pelo poder que jamais terão fim, constatando, porém, a necessidade urgente de acabar com a fome e com a falta elementar de proteção para bem mais da metade da população do planeta. O deus da política também os enganou.

Eis, portanto, o terreno no qual uma semente nova e muito antiga começa a ser semeada; estamos falando do tesouro dos conhecimentos tradicionais, que foi zelosamente conservado intacto em certas escolas do Oriente, e em alguns raros grupos ocidentais: a ioga, o zen, as lutas marciais, o tantrismo, etc.

Embora haja quem encontre seu caminho com rapidez e descubra a raiz de nossas neuroses e de nossos sofrimentos, poucos sabem o que se oculta nesses métodos. Uns vêem neles ascetes que não estão ao alcance dos ocidentais; outros os consideram tão-só uma repetição ritualística da religião que já rejeitaram; outros, ainda, nem sequer colocaram a questão para si próprios ou ignoram tudo a respeito. Este é o caso da grande maioria no mundo ocidental.

Se, em seu alheamento, estes últimos encontram alguém já engajado num desses caminhos que tente mostrar-lhes que a felicidade buscada está em nós mesmos e que podemos, por meio da meditação, “conhecer” o real, ultrapassando o pensamento, dá-se o choque com aquela mentalidade de que falamos, a qual é fruto do condicionamento científico e racionalista de que todos nós somos, em alguma medida, portadores. E se, por ingenuidade, a pessoa que encontrou o caminho fala em nos desembaraçarmos das tendências negativas e do egoísmo para desenvolver o amor, receberá como resposta que isso é o que diz o vigário, que é moralismo, e que dois mil anos de cristianismo não melhoraram o homem. Se se fala de um outro “espaço”, a desconfiança é ainda maior: isso é conversa de doido... **Assim, tudo que lembre o irracional, o religioso ou o oculto é imediatamente rejeitado.**

Como, então, sensibilizar o universo dos intelectuais, dos racionalistas, dos cientistas e dos tecnólogos, que formam essa maioria e influenciam o resto do mundo? **Como mostrar-lhes que existe uma solução que traz a felicidade sem que seja necessário abandonar ou renunciar às conquistas positivas da ciência e aos aspectos benfazejos do conforto moderno?**

Eis a questão que temos à nossa frente há uns bons vinte anos, sobre a qual temos nos debruçado a fim de encontrar soluções. O que queremos submeter

à apreciação de nossos leitores é produto de observações realizadas na universidade, em contato com nossos alunos de Psicologia Transpessoal e no curso da elaboração e da aplicação de uma metodologia de sensibilização à dimensão da transpessoalidade.

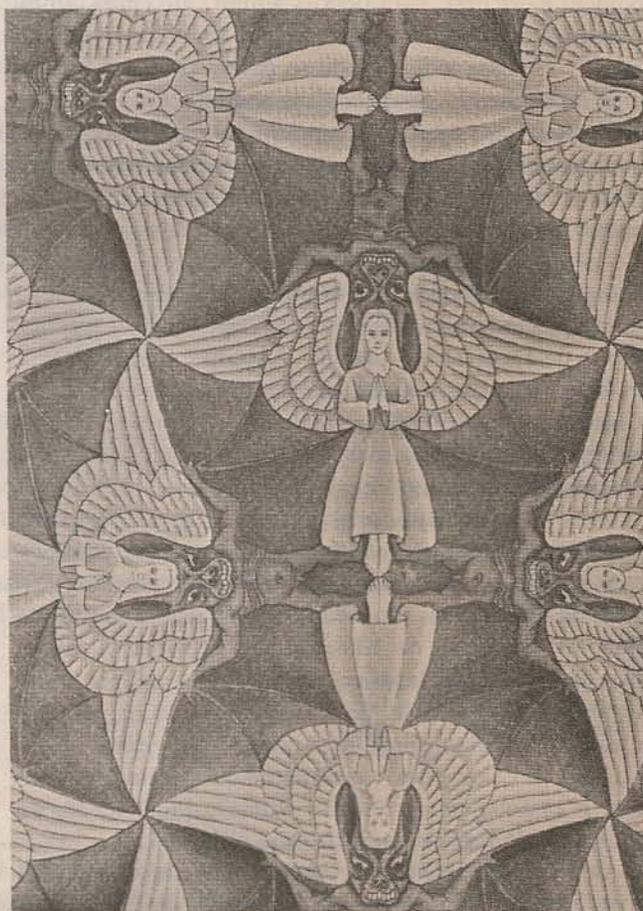
Essas observações permitiram-nos identificar diferentes obstáculos ao transpessoal. O conjunto desses obstáculos pode ser dividido em dois grupos: a resistência ao transpessoal, de um lado, e a ignorância dos limites possíveis da evolução humana e de suas fases ou estágios, de outro.

Não é senão depois de termos diagnosticado as causas do mal que podemos prescrever o remédio. Examinemos, pois, em primeiro lugar, o aspecto do diagnóstico.

### A resistência ao transpessoal

Nossa introdução ao assunto parece indicar que a causa essencial da resistência ao transpessoal reside na mentalidade científica e tecnológica. Esse é um dos aspectos, que sem dúvida não é o único; encobre outros, dos quais com frequência não é senão a cobertura racionalizante. É necessário aprofundar isso, o que faremos agora, ao apresentar a relação dos principais fatores de resistência encontrados.

**O medo** é, sem sombra de dúvida, o fator



M. C. Escher  
Sem título

de resistência mais escondido e mais profundamente ancorado, coletivamente, no espírito humano. A psicanálise também nos mostra, por outro lado, que o medo é o núcleo essencial da resistência à psicoterapia; chegamos à conclusão de que a resistência ao transpessoal não é muito diferente da resistência a qualquer psicoterapia, muito embora apresente certos aspectos muito acentuados.

De que medo se trata, portanto? Podemos distinguir na resistência inúmeras variáveis que o produzem:

**O medo da dissolução do eu.** O que é ameaçado antes de tudo, principalmente pela meditação, é o eu ou ego. Tem-se vontade de dizer que é ele que resiste e que teme; mas quem é que tem medo? Pode-se dizer que esse eu existe? Não é ele parte integrante daquilo que chamamos de fantasma da separatividade? Um pensamento, um conceito, uma crença na existência de um eu substancial – essa, sem dúvida, é a raiz do medo: nela há um pensamento, o de descobrir que, no fundo, “eu” não existo senão num plano relativo. Trata-se de um paradoxo: como alguma coisa que não se pode dizer que exista pode ter medo de desaparecer?

**O medo do desconhecido.** Certas pessoas encontram-se numa espécie de círculo vicioso: temem aquilo que não conhecem, mas, para que o conheçam, é necessário que vivenciem o processo de ter medo.

**O medo da mudança.** Trata-se de uma outra forma do medo do desconhecido. Toda evolução implica a mudança de opiniões, de atitudes, de valores. Assim, a questão que se coloca é a seguinte: Como serei depois? As pessoas ainda vão me amar? Não vou perder meus amigos, minha profissão, meu lar? Subjacente, outro medo se desvela.

**O medo de perder** aquilo que nos dá prazer e ao qual estamos apegados no presente: conforto, diversões, prazer sexual, os pequenos hábitos, as boas refeições, a liberdade de agir, nossos bens materiais, nosso dinheiro, nossas boas idéias e sei lá o que mais.

De fato, encontramos por trás do medo o apego que envolve o temor de perder; como se diz que a meditação leva à paz interior mediante o desapego, imaginamos que desapegar-se significa desembaraçar-se de tudo aquilo que se pensa possuir.

**O medo de submeter-se a um mestre** faz parte daquilo que chamamos, na psicanálise, de resistência à transferência. É o que ocorre com pessoas que sofreram pressões excessivas por parte dos educadores e que projetam essas imagens parentais sobre seu eventual ou verdadeiro mestre; toda a recomendação, todo o conselho e

toda a instrução serão percebidos como uma ordem, uma manipulação ou mesmo como uma reprimenda. Não suportam nenhuma espécie de técnica diretiva.

**O medo da alucinação.** Certas pessoas ouviram falar que a meditação provoca visões provenientes de outras dimensões do espírito. Esse pensamento gera o medo da loucura.

**O medo de sofrer.** Podemos incluir neste, o medo do confronto com aquilo a que Jung denomina “sombra”, isto é, os aspectos do nosso comportamento ou sentimentos íntimos que o superego, produto de nossos condicionamentos, considera negativos: a cólera, o ciúme, o orgulho desmesurado, a possessividade, etc. É o próprio moralista que teme essas subpersonalidades. Há também o temor de sofrer por causa da lembrança de traumas e de frustrações passadas, daqueles sentimentos sobre os quais se colocou uma pedra, mas que ainda estão presentes. Teme-se revivê-los.

**O medo de perder o controle** da situação é uma manifestação daquele temor de ver o eu dissolvido, do qual já falamos.

Examinaremos agora o segundo tipo de obstáculo:

### **A ignorância dos limites da evolução humana**

Há uma crença enraizada em nossa cultura que tem uma influência predominante em todos os nossos sistemas sociais, econômicos e educacionais. Baseia-se na convicção de que a evolução humana tem como limite o nível da inteligência; além do pensamento, não haveria nenhum outro estágio; o máximo que um homem poderia alcançar seria o equivalente a um doutorado na universidade, que provaria sua possibilidade de eficiência máxima no campo das operações lógicas.

As grandes tradições espirituais da humanidade, como mostraremos adiante, indicam, com o apoio de provas experimentais, que existem outras abordagens do real, as quais ultrapassam de longe nossa capacidade para as operações lógicas.

Com efeito, é extremamente repousante e tranquilizador acreditar na razão como único método de acesso ao real; essa crença evita nossa exposição ao medo de que acabamos de falar; não seria a razão um grande mecanismo de defesa contra o medo de constatar que o sujeito racional e o ego não existem como entidades autônomas?

O conhecimento das fases da evolução do homem mostra à razão suas próprias limitações.

### **As grandes etapas da evolução do homem**

Pode-se dizer, *grosso modo*, que o ele-

mento que caracteriza a evolução de cada ser humano e constitui o sentido profundo de sua existência é a passagem progressiva – se bem que possa, mais raramente, ser súbita – de um estado de inconsciência e de desconhecimento a um estado de consciência e de conhecimento pleno.

O que nós, ocidentais, chamamos de conhecimento, não passa de um aspecto puramente intelectual e fragmentado daquilo que os orientais denominam de pleno conhecimento<sup>1</sup>. Não seria exagero afirmar que quanto mais essa erudição baseada na memória se desenvolve, tanto mais o homem se afunda no desconhecimento de sua natureza essencial. Assim, o ponto de partida é o desconhecimento.

### 1. O desconhecimento

Esta primeira fase se caracteriza principalmente pelos seguintes aspectos:

– O homem se encontra numa espécie de estado de sonho, de ilusão, talvez mesmo de torpor, que nós chamamos de estado de vigília. Ele pensa estar desperto, mas na realidade não tem senão um conhecimento muito fragmentado do universo.

– Essa fragmentação começa, em seu espírito, por meio daquilo que denominados de *fantasma da separatividade*. Este consiste na crença na existência de um eu sólido e eterno e de objetos exteriores igualmente sólidos, dotados de uma essência permanente, estando numa relação sujeito-objeto. A partir dessa dualidade sujeito-objeto se estabelece aquilo que chamamos de *Neurose do Paraíso Perdido*.

– Esta última tem início com o apego às idéias, pessoas ou objetos que nos dão prazer, e com a rejeição e a cólera diante de tudo que nos causa dor.

– O apego traz consigo o medo de perder o objeto de prazer, o que reforça a *possessividade*, o *ciúme*, a *competição*, a *cólera* e a *violência*, todos eles ligados de maneira mais ou menos estreita ao *orgulho*. Todas essas emoções são altamente destrutivas para a ecologia interna e externa. Caracterizam uma desarmonia profunda e são a causa da tensão.

– A *tensão* já é hoje bem conhecida da medicina e nos conduz, se se prolongar por muito tempo, à doença; passa-se do sofrimento moral ao sofrimento físico.

O *sofrimento* reforça a separatividade.

O homem se acha, portanto, encerrado num círculo vicioso, chamado em sânscrito de *samsara*. O *samsara* leva à crise existencial.

### 2. A crise existencial da “realização”

Por uma série de condicionamentos, instalam-se, desde muito cedo, atitudes, modos de pensamentos e ideais de vida reforçados por um consenso. Seria possível caracterizar assim este último: a plena realização do homem consiste em ser importante, ter sucesso profissional, ser proprietário do maior número possível de bens materiais, ser um técnico ou um dou-

tor. No plano emocional, considera-se um homem normal aquele que tem boas relações sexuais, que dá e recebe o prazer dos sentidos.

Esses conceitos são reforçados pelas teorias pretensamente científicas daquilo que constitui a maturidade. No plano intelectual, considera-se, segundo Piaget e Binet, que a maturidade situa-se no nível do desenvolvimento de operações lógicas abstratas; essa aptidão para o raciocínio atinge seu ponto máximo na adolescência. No plano afetivo e sexual, se acreditarmos na psicanálise, o homem pode ser considerado maduro quando atinge aquilo que Freud chamou, sem definir bem, o estágio genital maduro, isto é, quando é capaz de ter relações sexuais normais, com certa sublimação nas atividades socialmente úteis.

Essa visão é reforçada, no plano das filosofias sócio-econômicas, pela idéia de que a maturidade se caracteriza pela capacidade de trabalhar e ganhar a vida. É aquilo que Marcuse denominou de alienação ao princípio do rendimento.

Esse consenso nos leva também a conjugar o verbo “ter” em todas as suas formas, o que é descrito de maneira extensiva por Erich Fromm em seu livro *Ter ou Ser*. Esse mesmo título resume bem, de maneira lapidar, o essencial da questão. Nossa sociedade de consumo nos condiciona a ter e nos faz ignorar completamente a felicidade de ser. O consenso tecnológico nos fez **confundir conforto com felicidade**. É justamente quando o homem “tem” todo o conforto que pode imaginar, que ele entra em crise existencial que atinge o homem “realizado”, no sentido ocidental do termo.

Essa crise pode ser caracterizada pelos seguintes fenômenos:

– Um estado de *insatisfação* domina o cotidiano da pessoa. Ela tem tudo e se sente infeliz.

– Uma *decepção* com relação ao *sistema* sócio-econômico em que vive, a qual pode desembocar numa verdadeira náusea.

– A pessoa não sabe onde está a solução, procurando-a em vão à sua volta, em mais sexo e mais prazeres de toda a espécie; quanto mais encontra essas coisas, tanto mais se sente infeliz.

– O *tédio* se apodera dela; sua neurose manifesta-se sobretudo nos fins-de-semana; se se tratar de um casal, surge a solidão a dois.

– Começa a procura de *bodes expiatórios* para seus males: ela acusa os amigos, o sistema, a sociedade, etc. Se faz terapia, permanece estacionária na fase de acusar os pais e educadores e queixar-se deles.

Não é senão depois de um longo sofrimento que algumas delas se cansam da repetição compulsiva dos mesmos erros. Principiam então a procurar uma direção, o que nos leva à terceira fase.

### 3. A busca de um caminho

O fato de buscar um caminho significa que se reconhece, de modo mais ou menos explícito e consciente, que a origem de nossa neurose, quer dizer,

da tendência a sofrer e a fazer os outros sofrerem, está em alguma parte de nós mesmos e não fora de nós. É graças à crise existencial que chegamos a esse ponto. O que não quer dizer, bem entendido, que seja necessário e obrigatório passar por essa crise; mas, com efeito, a maioria das pessoas que procuram uma senda iniciática o faz por essa razão.

Começa então a "busca do Graal". No processo da procura encontraremos numerosos obstáculos.

A dificuldade de escolher uma senda autêntica ou um mestre plenamente iluminado é sem dúvida o sintoma essencial desta fase. É nesta etapa que muitas pessoas começam a experimentar várias direções ao mesmo tempo, mistura que o lama Denis chamou de "coquetel espiritual". Faz-se um pouco de hatha-ioga, de sessões de psicanálise ou de terapia gestáltica, um pouco de tai-chi, uma pequena viagem à Índia, etc.

Por trás desse corre-corre oculta-se com frequência a resistência inconsciente bem conhecida pela psicoterapia. O "coquetel espiritual" pode ser um modo bastante racionalizado de não se envolver. É aquilo que já descrevemos acima como resistência ao transpessoal. Encontramos na psicoterapia o mesmo fenômeno de pessoas que passam de um método para outro ou que freqüentam ao mesmo tempo dois ou três terapeutas. Trata-se, muitas vezes, de fenômenos de transferência não conscientizados.

Mas podemos também lembrar os casos daqueles que, por prudência, "experimentam" várias sendas ou vários mestres, até encontrarem o que lhes sirva.

Esse é o estágio em que a abordagem holística cumpre sua função essencial, que é não somente fornecer esclarecimentos intelectuais no que se refere à abordagem do real, como também dar as indicações e meios práticos para encontrar um caminho. Uma vez que a pessoa o encontra, começa sua evolução propriamente dita.

### Pode-se falar de evolução?

Com efeito, o termo evolução já não é muito adequado, a partir desse estágio. Aquilo que chamamos de real está de fato ao nosso alcance a todo o momento; trata-se, na verdade, de libertar-se de uma espécie de ilusão de ótica; é uma reviravolta completa em nossa maneira de ver as coisas. Essa reviravolta dá-se de modo repentino. Depois dela, já não se é o mesmo e nossa maneira de ser também muda.

Ora, a vivência desse real situa-se fora do tempo e de suas três dimensões – passado, presente e futuro. Como mostramos em outro texto<sup>2</sup>, tanto a noção de regressão quanto a de evolução não têm sentido. Além disso, como mostra particularmente Krishnamurti, a idéia de evolução é um grande obstáculo ao despertar do Ser, pois implica um futuro, enquanto a vivência transpessoal é intemporal.

De qualquer modo, pode-se falar de estágios que precedem – mas nem sempre – esse despertar.

Como diz Chögyam Trungpa, é o mesmo que acontece com aqueles sapatos que, de tanto serem usados, fazem aparecer, um dia, o dedo do pé: com o despertar, acontece assim.

Podemos, pois, falar de uma *fase de preparação* no curso da qual adquire-se uma *compreensão correta* da rota escolhida. Uma *fase de experimentação* e de práticas específicas de cada caminho permite adquirir a *confiança absoluta* na existência de uma outra dimensão. A constância da prática leva a uma estabilização da *paz interior*; o praticante não é afetado, senão muito raramente, por emoções destrutivas. Essa fase dá uma base sólida à realização suprema e desemboca no *estado de não-dualidade*, no qual se vivencia constantemente uma sabedoria indissociável do amor.

Esboçamos aqui um quadro genérico que se aproxima o máximo possível do que há de comum nos diferentes caminhos; cada um deles possui sua própria descrição dessas fases; será necessário estudar muito para conhecer as correspondências.



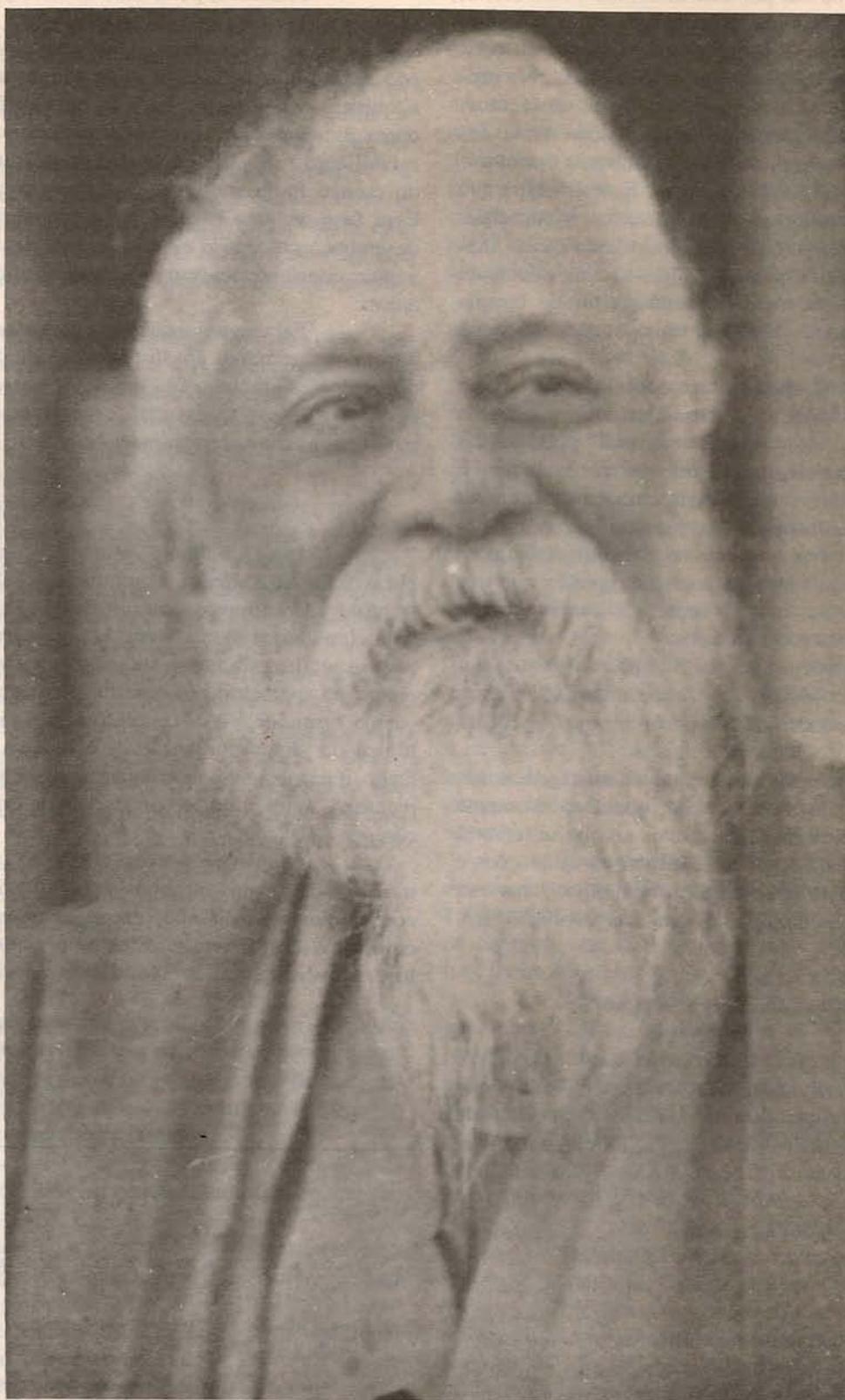
Para concluir, indicamos, de passagem, obras onde se inscreve a abordagem holística do real tal como a definimos anteriormente. Nelas se mostra com clareza que essa abordagem preenche uma lacuna bem específica da nossa sociedade ocidental. É exatamente no momento em que numerosas pessoas começam a formular questões relativas ao consenso tecnológico da nossa civilização de consumo, que podemos fazer intervir uma abordagem holística – em outras palavras, antes, durante ou depois da crise de realização pessoal.<sup>3</sup>

O mesmo ocorre com as terapias ditas transpessoais, que a abordagem holística concebeu, conscientemente ou não, **como preparação para os caminhos tradicionais. Elas não podem substituí-los.** Convém ser muito claro a esse respeito.

Pierre Weil é presidente da Fundação Cidade da Paz, Brasília, e da Universidade Holística Internacional.

### NOTAS

1. *Vidya*, em sânscrito, ou *rig-pa*, em tibetano. O contrário do conhecimento, ou seja, o desconhecimento, é *avidya* ou *marig-pa*.
2. *L'Homme sans Frontières – Les États Modifiés de Conscience*. L'Espace Bleu, Paris, 1988.
3. A respeito da abordagem holística, ver: Weil, P. "Vers une approche holistique de la réalité", in *Médecines et Psychologies Transpersonnelles. Question de*, Paris, Alvi Michel, 1986.  
Weil, P. "Holistique – Un mot nouveau pour une ère nouvelle", *Sources*, nº 8, 1986.  
Weil, P. "La névrose du Paradis Perdu ou de l'anomalie de la normalité chez l'homme contemporain", in *Les médecines, les psychologies et leurs images de l'homme*, La Sainte Baume, L'Ouvert, 1987.



Tagore em Santiniketan, em 1938

# O CONTEÚDO MÍSTICO DO GITANJALI

---

R. RAPHAEL

---

PARTE II (Final)

Tagore “pede”, já que a contemplação é uma dádiva, um “ágape”, pois a própria presença de Deus é um verdadeiro banquete para a alma faminta. Isso introduz o simbolismo da “busca” mas, antes de o abordarmos, vou deter-me um pouco mais no simbolismo da música.

Deus frui “prazer” de nosso cantar, quer dizer, de nosso ser e de nossa felicidade. A “alegria de cantar” faz com que o eu se esqueça de si mesmo. Nossas canções não devem ter “ornamentos” porque estes não são o cântico da glória divina: são um retinir de sons esparsos. Cantar não é o mesmo que modular ou desfiar distraidamente as contas de um rosário – estas são apenas formalidades vazias. Faltarão harmonia à nossa existência, se a vivermos “sem um propósito”. Sempre corremos o risco de viver sem finalidade, devido ao nosso ceticismo e falta de fé. Existem pessoas que só acreditam no que vêem ou que possam provar.

Tagore, porém, não viu a Deus face a face, nem ouviu Sua voz diretamente, a não ser por meio dos lamentos de Suas criaturas, do murmúrio da brisa e do trovão rasgando o céu. Ele O percebe no desabrochar do lótus e sente Sua “doce fragrância no vento sul”; também na ardente brisa do verão que chega ao fim, Tagore sentiu o frêmito de uma “canção distante flutuando desde a outra margem”. Assim, no *Gitanjali* ecoa a música dos elementos, dos planetas, do tempo, do lugar e do movimento. Como mostra Ernest Rhys, o *Gitanjali* “emerge inevitavelmente da vida, da imaginação e dos desejos daquele que o escreveu. Estes são os veículos de uma grande emoção que capturou seu criador, não apenas numa luz que era como música,

mas também num ritmo que era o das ondas sonoras, e nas ondas da luz do sol...”

Assim, a harmonia do cosmo, o ritmo da criação, a unidade da personalidade e a presença imamente de Deus são tratados como música. Quando há harmonia, há alegria e criatividade. Daí que as obras belas revelem uma lealdade baseada no ideal de liberdade. Como diz Charles Hartshorne: “A lealdade fundamental não é aquela tributada a nós mesmos nem a qualquer outro ser humano. Talvez nem mesmo à humanidade como um todo, menos ainda a uma nação, a uma classe ou partido, mas acima de tudo a este algo ou alguém cósmico, o qual abrange fundamentalmente todos os nossos valores, que transcende os nossos preconceitos mesquinhos e está em sintonia com o bem verdadeiramente comum e universal de todas as criaturas. Sem um objetivo que não supere o eu e qualquer bem meramente humano, a vida neste efêmero planeta parece tão absurda quanto Sartre diz ser.”

Por melhor que seja sua personalidade, Tagore logo percebe: ele é um junco partido que sofre da pobreza do ser. Percebe ser menos que uma Personalidade, não sendo, também, um cantor perfeito, nem, como Deus, um criador. Nele a criação é uma luta:

*O meu coração anseia por juntar-se  
ao Teu cântico mas em vão se esforça por  
ter voz.*

*Eu poderia falar, mas a linguagem  
não se transforma em cântico, e, confundi-  
do, choro em voz alta.*

(*Gitanjali*, III)

Enquanto que o cântico que o poeta veio cantar "até hoje não foi cantado" (estrofe XIII), as doces melodias de Deus brotam "em flores por todas as aléias do meu bosque" (estrofe XIX). Entretanto, Deus não despreza o vate por sua inaptidão para cantar uma canção perfeita. O que Ele lhe exige é humildade e um genuíno reconhecimento de sua dependência Dele. Deus não está preocupado com a melodiosa música dos mestres. A música de Tagore é incomparavelmente mais doce, porque é o canto de uma humanidade sofredora, de uma noiva que chora pelo noivo:

*Mestres-cantores há muitos na nossa man-  
são, e canções são cantadas a cada  
instante. Mas a simples cantilena deste  
principiante feriu o vosso amor. Uma ária  
pequena e plangente juntou-se à grande  
música do mundo, e, com uma flor por  
prêmio, desceste e ficastes à porta de  
minha choupana.*

(Gitanjali, XLIX)

Assim, o simbolismo musical percorre este punhado de canções-oferecidas. É um simbolismo que, em Tagore, é espontâneo e inconsciente. Está intimamente ligado à sua percepção mística do universo. A passagem seguinte, que lembra Wordsworth, ajudará a esclarecer a relação entre seu misticismo e esse simbolismo. É um trecho extraído de suas *Memórias*: "Certa manhã, estava sentado na varanda... O sol se erguia por trás da moldura das folhas e, ao contemplá-lo, foi como se um véu tivesse sido repentinamente erguido de meus olhos. Percebi o mundo envolto em uma glória inexprimível, com suas ondas de alegria e beleza irrompendo por todos os lados. De súbito, o véu foi retirado e tudo se tornou luminoso. **Toda a cena era uma única e perfeita música** – um ritmo maravilhoso... Não havia nada nem ninguém que eu não amasse naquele momento. Parecia que eu testemunhava, na totalidade de minha visão, os movimentos do corpo de toda a humanidade, e sentia o pulsar **do ritmo e da música de uma dança mística**" (o grifo é meu).

Existem também outros símbolos a que os poetas-místicos recorrem para traduzir suas experiências. Tomem-se, por exemplo, as descrições artísticas da mística jornada interior através de um mar vasto e tempestuoso, nas quais é usual empregar-se, com muita frequência, a imagem da peregrinação.

A aspiração de uma alma por sua morada perdida, sua Ram Raya, sua Jerusalém celestial, pode ser expressa de duas maneiras aparentemente contraditórias, uma destacando o aspecto transcendental e outra, o aspecto imanente da divindade. Aqueles que acentuam o primeiro aspecto vêem a jornada como uma saída do mundo da ilusão para o mundo real da Sião celeste; os que falam da imanência de Deus pensam essa viagem como uma transformação: uma reconstrução ou renovação interior, através da qual as personalidades são transmutadas, de tal modo que se tornam capazes de entrar em comunhão com aquela centelha da alma que tem a mesma substância de Deus.

Os primeiros destacam a Ele; os segundos, à santidade. Estes últimos sugerem que há uma desarmonia interior, a ser superada por meio da purificação.

No *Gitanjali* vemos retratado o íntimo de uma alma a empreender os dois tipos de jornada quase simultaneamente. A viagem exterior de Tagore, em vez de levá-lo a um território desconhecido e hostil, o traz de volta para um conhecimento seguro de si mesmo. Sua visão beatífica e celestial pode ser localizada no mais profundo do santuário que é o coração do homem.

A estrofe XII do *Gitanjali* tem a peregrinação como motivo temático. Trata-se de um longo percurso que, como o peregrinar de Dante, leva-o por planetas e estrelas reluzentes:

*Sai na carruagem do primeiro raio de  
luz, e continuei minha viagem pelos ermos  
dos mundos, deixando vestígios meus em  
muita estrela e muito planeta.*

(Gitanjali, XII)

Tagore empreende sua jornada de autodescoberta não por desespero ou desilusão, mas porque sente no âmago um anseio inconsciente por Deus. Percebe vagamente que Alguém fez para Si o coração do poeta, e que jamais descansará em paz enquanto não se render ao amante desconhecido. Tentando alcançar Esse que o ama, Tagore passa por colinas e vales, batendo às portas do caminho; apenas para alcançar, para seu assombro, a sua própria porta:

*O viandante precisa bater a todas  
as portas alheias para chegar à sua, e é  
preciso vagar por todos os mundos exte-  
riores para afinal chegar ao santuário mais  
íntimo.*

(Gitanjali, XII)

Como Eckhart, Tagore diz que é inútil deitar-se para bater a cada porta, pois o objeto de nossa busca não está distante: é o nosso próprio coração. Deus está em toda a parte; está onde o lavrador cultiva a terra; habita o sol e a chuva:

*Deixa esse rosário de salmos e cânti-  
cos e palavras! Quem cuidas tu que estás  
venerando nesse canto solitário e escuro de  
um templo de portas fechadas? Abre os  
olhos e vê que não está diante de ti o teu  
Deus!*

(Gitanjali, XI)

Tagore sabe – estando, nisso, de acordo com a maioria dos místicos – que a viagem mística é a jornada do solitário com o solitário. Precisa ser empreendida sem alarde, com toda a humildade, em segredo:

*De manhã cedo, murmurou-se que  
nós partíamos num barco, Tu e eu so-  
mente, e que no mundo nenhuma alma sa-  
beria dessa nossa peregrinação para país  
nenhum e sem nenhum destino.*

(Gitanjali, XLII)



O poeta em Java, em 1927

Por que Deus empreenderia, com o poeta, Sua caminhada de amor? A resposta encontrada em toda a literatura mística é que Deus necessita do homem; o amor que tem por nós ultrapassa mil vezes a necessidade que temos Dele.

Tagore diz isso de maneira admirável nesta passagem:

*Dizem que ter nascido como homem é o maior privilégio possível a uma criatura neste mundo. Afirmam que os deuses, no paraíso, invejam os seres humanos. Por quê? Porque a vontade de Deus, ao dar Seu amor, encontra Sua completude na vontade do homem de retribuir esse amor. Portanto, a humanidade é um fator necessário ao aperfeiçoamento da verdade divina. O infinito, para sua auto-expressão, descende e se manifesta de forma multifacetada no finito; e o finito, para sua auto-realização, deve ascender para a unidade do infinito. Só então se completa o ciclo da Verdade.*

Essa passagem traz à tona, de modo admirável, a mútua dependência do finito e do infinito. Tagore diz que empreendeu sua peregrinação espiritual porque “recebeu um chamado”. Mas não foi um chamado comum, e sim a imperiosa intimação de um amante em fúria. Francis Thompson, em *The Hound of Heaven*, mostra-nos a busca implacável e sem descanso da alma humana pelo seu amante divino. Tagore apresenta essa idéia nestes versos:

*Nas sombras profundas de julho chuvoso, caminhas a passos furtivos, silencioso como a noite, enganando os vigias.*

(*Gitanjali*, XXII)

*Estás aí fora, por esta noite tempestuosa, na Tua jornada de amor, ó meu amigo?*

(*Gitanjali*, XXIII)

A alma humana, desprovida da proteção do amante divino, é uma “coisa estranha, inútil, digna de pena”, a fugir “pelas noites e pelos dias”. Esta idéia, muito comum entre os místicos cristãos medievais, também é claramente percebida por Tagore. Deus é um “viandante solitário” à procura de nossa alma. Daí que Tagore Lhe diga:

*Sim, bem sei, ó amado do meu coração, tudo isto não é senão o Teu amor – esta luz dourada que dança sobre as folhas, estas nuvens preguiçosas navegando pelo céu...*

(*Gitanjali*, LIX)

Com a harpa nas mãos, Ele “veio e sentou-se” ao lado do poeta, mas este não estava preparado para recebê-Lo. Ele o seguiu novamente “... na sombra silenciosa... (e) Ele faz, com Suas bravatas, erguer-se o pó do chão”. (*Gitanjali*, XXX)

Ainda assim, quando veio o chamado o poeta não estava preparado para seguir seu mestre:

*Tempos houve em que não me dediquei todo a Ti; e entrando em meu coração espontaneamente, desconhecido de mim, como qualquer um da multidão vulgar, Tu imprimiste, ó meu rei, o sinete da eternidade sobre muitos efêmeros momentos da minha vida.*

(Gitanjali, XLIII)

A este estado de espírito os místicos chamam “escura noite da alma”; é quando o homem está perdido nas regiões áridas da dúvida e da incerteza. Mas logo Tagore supera este desespero, abandonando-se aos pés do Todo-Misericordioso:

*Colhe esta pequena flor, não demores! Receio muito que ela se incline e desfaça na poeira.*

(Gitanjali, VI)

Apenas uma alma amante é capaz dessa auto-entrega. O amor, por sua própria natureza, é desinteressado. Busca o outro em sua alteridade. O amor não é amor quando busca recompensa; Tagore não procura a santidade porque deseja ser feliz. Para ele, onde quer que Deus esteja, lá estará o céu. Ele sabe que todo o amor terreno acorrenta e que o amor divino liberta:

*Por todos os meios procuram ter-me preso os que me amam neste mundo. Mas tal não se dá com o Teu amor, que é maior que o deles, pois Tu me deixas livre.*

(Gitanjali, XXXII)

Poderíamos nos perguntar: por que deve a alma padecer essa obscuridade espiritual e peregrinar através de um mar tempestuoso de dúvidas e incertezas? A razão para isso deve ser buscada em nossa própria ignorância, segundo Tagore. Costumamos acreditar que nossa jornada espiritual nos conduzirá à margem distante, absolutamente nova e desconhecida. Este é, na verdade, um grande erro:

*Eu não sabia, então, que isso estava tão perto, que isso era meu e que essa carícia perfeita florescera no fundo do meu próprio coração.*

(Gitanjali, XX)

O percurso de Tagore é uma viagem para longe de seu eu ignorante, óbvio e vão. A causa do sofrimento do poeta é esse eu, com toda sua cegueira e vanglória. Na estrofe XXIX ele expressa isso de modo admirável:

*Aquele que eu aprisiono no meu nome está gemendo nesta prisão. Vivo ocupado em construir esta parede à volta toda; e quanto mais, dia a dia, esta parede sobe para o céu, tanto mais vou perdendo de vista o meu ser verdadeiro.*

(Gitanjali, XXIX)

A meta de sua jornada espiritual é, pois, uma espécie de percepção ou conhecimento. Quando atinge esse conhecimento, o poeta está, de fato, “iluminado” pelo céu. Quando a alma alcança seu objetivo ela começa a perceber que sua viagem é infinita:

*Mas percebo que em mim a Tua vontade não conhece fim. E quando velhas palavras vêm morrer na língua, novas melodias jorram do coração; e onde as trilhas velhas se perdem, um país novo se revela com suas maravilhas.*

(Gitanjali, XXXVII)

Sem dúvida, isso está bem de acordo com o misticismo vishnuíta. No *Gitanjali*, religião e poesia se fundem num único todo orgânico. Em primeiro lugar, ele contém muitos elementos da mística religiosa. Como tal, seu escopo não é especulativo e sim prático e devocional. Isso pode ser provado pela maneira como o Ocidente reagiu ao poema. O misticismo religioso é “a tentativa de compreender a presença do Deus vivente na alma e na natureza”, ou, mais claramente, é “a tentativa de compreender, com o pensamento e o sentimento, a imanência do temporal no eterno, e do eterno no temporal”. Tagore também acredita que a alma humana é capaz de discernir verdades espirituais e que o homem compartilha da natureza divina; não através da emanção, mas da participação.

No *Gitanjali* temos também as três *scala perfectionis*: da vida purgativa, da vida iluminativa e da vida unitiva. Para Tagore, a vida purgativa é uma forma de autodisciplina e autodescoberta. Ele não encoraja o ascetismo e nada tem a ver com a “flagelação” do corpo. Não despreza nem o corpo nem as rotinas normais da vida; é com alegria que derramará o suor pelo pão cotidiano. O estágio iluminativo é o período no qual a alma do poeta vagueia em busca de Deus, sendo-lhe dada, ao final, a compreensão de que aquilo que busca está dentro de si mesmo. São momentos de visões extáticas, nos quais as portas da via unitiva abrem-se para a alma.

A peregrinação de Tagore é, assim, um processo de descoberta de sua própria divindade. Irineu, Clemente, Atanásio, Gregório de Nissa e Santo Agostinho falaram dessa deificação gradual do homem. Com o poeta não se trata apenas de deificação, mas do desvelar de sua verdadeira identidade, e da unidade de todas as coisas.

O *Gitanjali* pertence à mais refinada tradição ético-religiosa da Índia. Não há nele nada que se assemelhe aos excessos sensuais que encontramos nos Cânticos de Salomão. É um dos livros mais sadios já escritos e não há dúvidas sobre sua moralidade humanista.

Há que se lembrar também que Tagore foi influenciado pelo cristianismo. São inúmeras, por exemplo, as alusões às parábolas bíblicas. A estrofe IX convida-nos a todos para que depositemos nossos fardos nas mãos d’Aquele que tudo suporta; a estrofe LI é baseada na parábola das noivas virginais, na qual al-

gumas dormiam quando o Senhor chegou e bateu à porta. A diferença, contudo, entre o Sadhu Sunder Singh e Tagore, é que o primeiro tornou-se um santo insurreto, ao passo que o último veio a ser um místico hindu e um mensageiro universal da paz.

Ao contrário de muitos outros, o poeta atingiu um caminho intermediário entre o transcendentalismo e o imanentismo. Ao fazê-lo, ele provou, fora de qualquer dúvida, que as concepções aristotélicas e platônicas da realidade não são mutuamente exclusivas, mas complementares entre si: são dois aspectos do mesmo mistério do ser. Daí não se tratar de uma afirmação panteísta, dizer que a jornada exterior é de autodescoberta. Com diz Evelyn Underhill: "Ambos os aspectos são evidentemente o verso e o anverso de um mesmo aspecto. Representam aquele poderoso par de opostos, Finito e Infinito, Deus e o Eu, sendo tarefa do misticismo elevá-los, numa síntese superior. Quer o processo seja considerado uma busca exterior ou uma transformação interna, seu escopo e seu fim são os mesmos."

Alguns são atraídos pela multiplicidade desta existência mundana, que os faz pensar ser o nosso universo auto-suficiente; outros são cativados pela percepção da relação, da lei uniforme que governa os corpos terrestres e estelares, e pelo ritmo recorrente: em resumo, pela grande harmonia cósmica. Na verdade, ambos são tocados e estimulados pelos caminhos imponderáveis do Absoluto. Nas palavras de Tagore:

*Quando alguém Te conhece, já ninguém mais lhe é estranho, já nenhuma porta se fecha. Oh! atende à minha súplica de que eu nunca possa perder a graça do contato desse que é um no jogo de muitos.*

(*Gitanjali*, LXIII)

Alguns fazem objeção à doutrina de deificação encontrada no poema e em seus outros escritos. Esta doutrina, como assinali anteriormente, não é peculiar ao hinduísmo ou a Tagore. O cristianismo está repleto dela: "O reino de Deus está dentro de vós" é a pregação de Cristo a seus discípulos; Jesus falou repetidas vezes da unidade entre Seu corpo místico e todas as criaturas e afirmou, em termos categóricos: "O que quer que façais ao menor dos Meus irmãos, na verdade estareis fazendo a Mim" – palavras que encontram eco no *Gitanjali*. Os pais gregos da Igreja, bem como Escoto Erígena e outros místicos especulativos, sustentavam que "o mundo é a vida atemporal, da qual o mundo temporal é uma manifestação". E disse Catarina de Gênova: "Meu ser é Deus, não por simples participação, mas através de uma verdadeira transformação de meu ser". São Paulo também expressa o mesmo sentimento em sua Epístola aos Romanos (VI,4), com estas palavras: "Se o espírito divino que ressuscitou Jesus habitar em ti, Aquele que ressuscitou o Cristo Jesus também vivificará vossos corpos mortais através de Seu Espírito, que em ti habita". Tagore coloca esta simples verdade numa linguagem mais direta:

*A mesma torrente de vida que dia e noite percorre as minhas veias, percorre o mundo e dança em cadenciadas maneiras.*

(*Gitanjali*, LXIX)

Sim, Tagore empreendeu sua peregrinação espiritual ao santuário da humanidade, à morada do homem eterno, por ter recebido um "chamado". A diferença entre ele, os poetas ocidentais e os pensadores humanistas, é expressa pelo próprio poeta nas seguintes palavras: "Embora o Ocidente tenha aceitado como mestre aquele que corajosamente proclamou sua unicidade com Seu Pai, e que exortou Seus seguidores a serem perfeitos como Deus, ele nunca aceitou a idéia de nossa unidade com o ser infinito."

Já a Índia aceitou essa unidade como um fato inquestionável da existência. Ainda aqui, isso não deve ser confundido com panteísmo. Uma vez que o destino do mundo é a comunhão das pessoas vivendo em sociedade, nossas mentes necessitam, para expressar nossas relações, do auxílio de analogias extraídas da sociedade. Bem, qualquer espécie de analogia implica "relação", para usar o termo de Tagore. A analogia diz que há um elo vital entre o mundo material e o imaterial. Como entender esse elo? A maioria dos teólogos não vê com bons olhos uma interpretação literal, receando incorrer no equívoco do panteísmo e do materialismo, que podem introduzir-se em nosso pensamento sempre que este aplica aos seus conceitos místicos o poderoso, porém arriscado, recurso das analogias extraídas da vida orgânica. Mas não há razão alguma para que esse receio seja radicalizado. "Se queremos uma compreensão vívida e plena dos ensinamentos da Igreja... sobre o valor da vida humana e as promessas e ameaças da vida futura – então, sem rejeitar nenhuma das forças da liberdade e da consciência que formam a realidade física peculiar à alma do homem, teremos que perceber a existência de elos entre nós e o Mundo Encarnado, elos não menos precisos do que aqueles que controlam, no mundo, as afinidades dos elementos na construção das totalidades 'naturais'", diz Pierre Teilhard de Chardin, um dos grandes pensadores escolásticos do século XX. Essa passagem revela a mesma ousadia com a qual o *Gitanjali* expressa o elo entre Deus e o Mundo. O poema, em sua expressão, distingue-se por uma vividez completa e pela inteligibilidade sensorial. Como trabalho poético não é uma tolice panteísta; é o produto de uma cultura mística e espiritual. Diz W. B. Yeats, em sua introdução ao *Gitanjali*, que ele é "a obra de uma suprema cultura, embora brote como o fruto de um solo agreste, tal qual a relva e o junco. Nasce de uma tradição onde poesia e religião são a mesma coisa e que vem atravessando os séculos, recolhendo metáforas e emoção do erudito e do popular, e sendo revisitada pelo pensamento nobre e acadêmico."

Tagore espiritualiza nossas atividades e passividades, sabendo que não podemos mover um dedo sequer sem a contínua ajuda providencial de Deus. Contudo, sua concepção de indivíduo e da função

deste dentro da sociedade, de seu desamparo como criatura, bem como a importância que dá à caridade, à humildade e à piedade, tudo isso faz com que o poeta pare muito acima dos preconceitos e tendências da cultura indiana. Ele não encontra justificção alguma para a divisão do homem em hierarquias a partir de castas. É, talvez, o único a romper com essa duvidosa doutrina; afirma ser suicídio, para "os homens, aproximarem-se uns dos outros continuando a ignorar as exortações da humanidade".

Já tive ocasião de dizer que o *Gitanjali* ensina o misticismo prático. É verdade. Tagore ama o rico e o pobre e tenta colocar em prática o que percebe de modo intuitivo. É um humanista genuíno em seu amor pelos humildes, sendo que o humanismo não é uma doutrina caracteristicamente hindu. Seu amor aos desfavorecidos alcança, às vezes, alturas bíblicas. De uma só vez, elimina a execração associada à pobreza e desfere um golpe mortal na teoria cármica de que a privação e o sofrimento são conseqüências inevitáveis de uma vida anterior conduzida de modo infuso ou dissoluto. Não: a pobreza é digna de amor em si mesma, porque Deus habita entre os humildes:

*Aqui é o descanso para os Teus pés,  
que repousam aqui onde vivem os mais  
pobres, mais obscuros e perdidos.*

(*Gitanjali*, X)

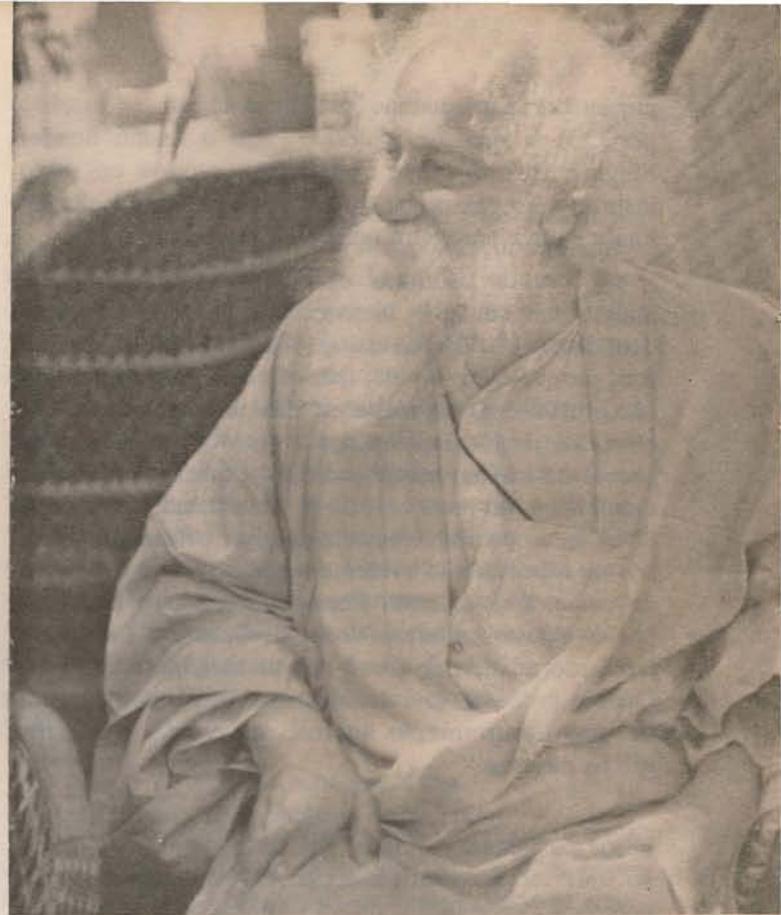
Toda a estrofe X poderia ser citada para mostrar o compromisso de Tagore com a miséria dos desfavorecidos. Essa estrofe, que reflete o Sermão da Montanha, mostra de uma vez por todas ter sido o poeta substancialmente influenciado pelas doutrinas cristãs. Seu amor pelo pobre é exatamente o contrário do espírito de exclusivismo. Se Tagore pudesse superar essa debilidade fundamental do hinduísmo e lançar a nova filosofia humanista da fraternidade entre os homens, penso que isso deveria ser creditado à influência do cristianismo. Não podemos amar a Deus e odiar Seus filhos, quer tenham eles nascido de Sua boca, umbigo ou pés. Daí a sua prece:

*Dai-me forças para nunca repudiar  
os pobres.*

Pensa que a divisão do homem em diferentes raças e castas carece de harmonia, de alegria e de criatividade. Como diz em seu ensaio *East and West*,

*É evidente que a idéia de casta não é  
criativa; é meramente institucional. Ajusta  
os seres humanos a algum sistema mecânico  
e salienta o lado negativo do indivíduo –  
sua separatividade –, ferindo a verdade  
total do homem.*

Não pode haver ponderação mais compassiva e penetrante das conseqüências malélicas da instituição das castas. Só conhecendo a aversão de Tagore à civilização mecanizada poderemos compreender todo o significado dessa crítica. Uma civilização mecanizada fundamenta-se no dinheiro, na exploração e



Em Santiniketan, novamente: 1934

na propaganda organizada. Para o poeta, a sociedade existe a fim de permitir ao homem realizar a sua confraternização com o mundo:

*Nossa sociedade existe para nos fazer  
lembrar, através de suas várias vozes, que  
a verdade última do homem não está em  
seu intelecto ou em suas posses, e sim em  
sua iluminação espiritual, no prolongamento  
de sua solidariedade através de todas  
as barreiras de casta e de cor, em seu  
reconhecimento do mundo não apenas como  
uma concentração de poder, mas como a  
morada do espírito humano, com a eterna  
música de sua beleza e da luz interior  
da presença divina.*

Por último, não estou certo se me toca mais a beleza poética ou o espírito religioso do *Gitanjali*. A verdade é que tal separação não se justifica. Para nós, a poesia sempre foi mediadora do inefável, para usar o termo de Goethe; ela caminha de mãos dadas com a adoração e, juntas, criam nossa religião. Portanto, a beleza do *Gitanjali* e, nesse aspecto, de qualquer poesia indiana, não deve ser buscada em seu conteúdo formal, pois não existem formas puras, por mais platônicos que sejamos. O conteúdo de nossa poesia é religioso e sua forma ou estrutura é mística. Assim como é difícil fazer distinções entre os níveis superiores da religião e do misticismo, também é impossível, quando a poesia atinge seu ápice, distinguir entre conteúdo e forma. Portanto, alguém que careça de uma alma contemplativa não pode desfrutar as complexas riquezas e

o encanto espiritual desta obra. Sua perfeição poética só pode ser apreciada por uma personalidade profunda dotada de suficiente sensibilidade emocional.

As imagens do *Gitanjali* são, todas elas, extraídas da vida cotidiana. Tagore mostrou, sem deixar dúvidas, que qualquer objeto pode se tornar poético visto a partir da "idéia emocional" adequada. Todas as coisas estão repletas de poesia e de música e é dever do poeta torná-las manifestas. Tudo que se necessita é que os motivos escolhidos representem adequadamente a "idéia emocional". Trata-se, na verdade, de uma questão de encontrar os correlatos objetivos adequados à expressão dos sentimentos e pensamentos do vate. Com mostra Edward Thompson, Tagore teve pleno êxito em conseguir tal transmutação a um só tempo poética e musical. Mostrou-nos que não apenas a forma, mas também o conteúdo, devem aproximar-se das condições em que se dá a música. Apesar do conteúdo religioso, o *Gitanjali* nunca perde o seu laço com o mundo natural. Sua atmosfera, como vimos, é permeada por uma doce musicalidade por paisagens e cores agradáveis. Nas palavras de Thompson: "É raro que a poesia refinada ocorra a partir de uma variedade tão reduzida: chuva e nuvens, o vento e o rio, barqueiros e lâmpadas, templos e gongos, flautas e vinas, pássaros que voltam ao ninho com o crepúsculo, viajantes cansados ou com as provisões exauridas, flores se abrindo e desfalecendo. É assombroso constatar o alcance atingido pelo poeta, tendo como ponto de partida esses poucos elementos."

Há quem considere o *Gitanjali* "monótono". Thompson diz que a própria idéia é "rudimentar". Por certo, diz ele, nem todas as canções são igualmente sublimes. Não obstante, assegura-nos, embora nosso "ávido deleite... esmoreça a intervalos", a obra realmente nos concede a mais "constante e vivificante experiência de renovação, das mais jubilosas".

Há, no entanto, uma razão para esse sentimento de monotonia. Thompson diz que é intrínseco ao espírito do poema, o qual, segundo ele, é "cinza, com predominância de tonalidades menores; é um qua-

dro triste ou, na melhor das hipóteses, sem qualquer hilaridade".

Não há dúvida de que há um sentimento de melancolia neste poema, mas nada tem a ver com desespero, depressão ou pessimismo. Sinto, porém, que apesar desse espírito sombrio, a impressão final é de júbilo. Como o poeta consegue essa mescla estranha? O problema está relacionado com o prazer oriundo da tragédia. De acordo com Tagore, o sofrimento é um fato da existência. Ele afirma que quando o sofrer é visto a partir da realidade finita, "repele e fere" nossa vaidade. A dor e o sofrimento devem ser vistos de uma perspectiva mais ampla; é preciso encará-los com desapego, para entender seu profundo significado. Diz, a propósito:

*Mas a dor de alguns grandes martírios possui um desprendimento de eternidade. Aparece em toda sua majestade, harmonioso, no contexto da vida imorredoura; é como o relâmpago num céu tempestuoso, e não na fiação elétrica de um laboratório. A dor, nesta escala, tem sua correspondência num grande amor; pois, ao ferir, o amor revela sua própria infinitude, em toda a sua verdade e beleza.*

Nada mais é preciso para desfrutar a beleza deste poema, uma beleza que enlaça, de uma só vez, o finito e o infinito, unindo arte e vida secular à arte e vida sagrada.

Tradução dos poemas: Guilherme de Almeida, em *O Gitanjali*, Livraria José Olympio Editora, 1939, 2ª edição.

Este artigo foi publicado originalmente em inglês em *Indian Horizons*, volume XXVI, nº 3, Nova Delhi, e aqui traduzido com a expressa autorização do Indian Council for Cultural Relations, Nova Delhi, Índia.

Tradução: Nilton Almeida Silva.

## THOT

A revista THOT introduz você, leitor, num fantástico universo de temas filosóficos, psicológicos, simbólicos, artísticos, históricos e literários, entre outros.

Integrando sem misturar, aproximando sem confundir, a THOT é uma linha avançada entre o passado e o futuro. Busca acompanhar este nosso tempo, no qual tivemos tantas transformações e em que começam a despontar as idéias novas de uma nova cultura.

## Cupom de Assinatura

Quero fazer uma assinatura de THOT com direito a 4 edições no valor de NCz\$ 20,00. Para isso envio em \_\_\_ / \_\_\_ /89:

- Cheque nominal à Associação PALAS ATHENA DO BRASIL  
 Vale Postal para a Agência Rafael de Barros (cód. 40.3214) S. Paulo - SP

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_

Estado \_\_\_\_\_

Fone \_\_\_\_\_

Fone Com. \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

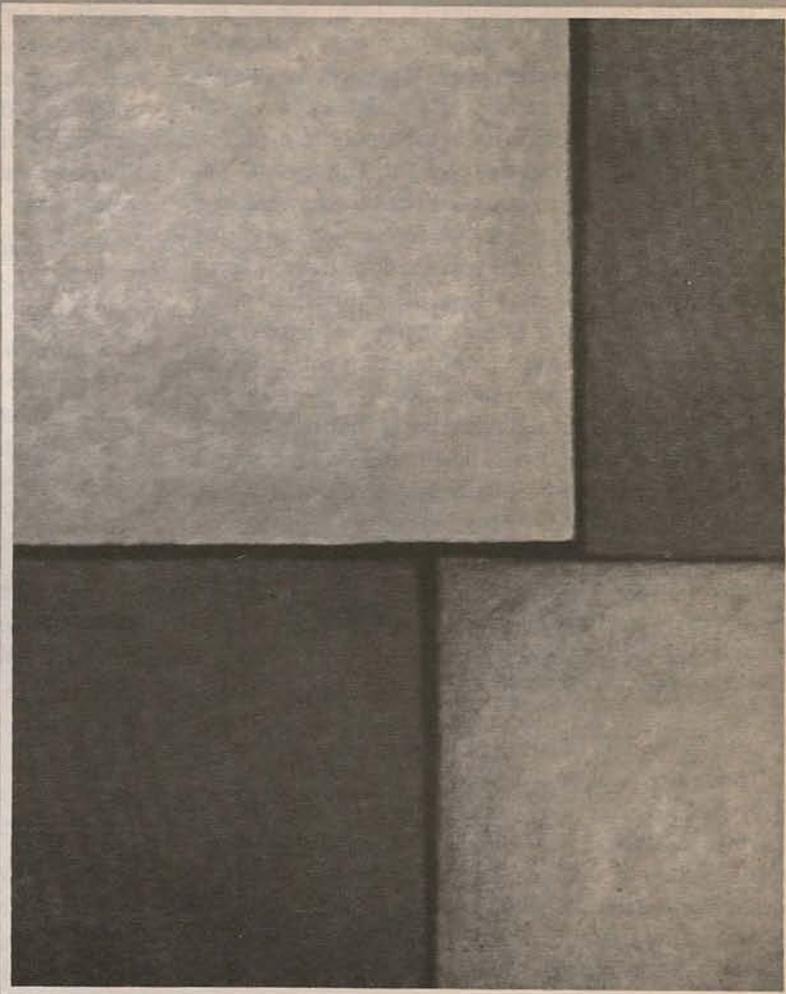
Data Nasc. / / \_\_\_\_\_

Editora PALAS ATHENA

Rua Leônício de Carvalho, 99 - Cep 04003 - São Paulo-SP Tel. (011) 288.7356

Thais Curi Beaini

# A MEMÓRIA, MEDIDA ONTOLÓGICA DO COSMOS



EDITORA PALAS ATHENA

Traçando uma analogia entre o Mito e o pensar de Martin Heidegger, vislumbra-se a passagem do Caos ao Cosmos, da Noite ao Dia, nos termos de um velamento-des-velador, no qual a Lua – descrevendo o devir e a ligação dos entes entre si – retrata o Ser.

Lua e Ser enfocam a medida da presença e da instauração do *Homo-Hummus* em meio à presença, em um âmbito no qual trazer à Memória o des-velado, preservado em seu mistério, significa penetrar na origem do que se destina, des-ocultar uma Verdade que, em sua própria constituição, não pode dissolver-se no Esquecimento.

**A ACEITAÇÃO DE SI MESMO E AS IDADES DA VIDA**

*Romano Guardini [NCz\$ 6,00]*

**A CONQUISTA PSICOLÓGICA DO MAL**

*Henrich Zimmer [NCz\$ 13,00]*

**A MEMÓRIA, MEDIDA ONTOLÓGICA DO COSMOS**

*Thais Curi Beaini [NCz\$ 6,00]*

**DHAMMAPADA — A SENDA DA VIRTUDE**

*Nissim Cohen [NCz\$ 8,00]*

**DINÂMICA DA HISTÓRIA**

*Cláudio De Cicco [NCz\$ 6,00]*

**FILOSOFIAS DA ÍNDIA**

*Henrich Zimmer [NCz\$ 17,00]*

**JAINISMO**

*J. C. Jain [NCz\$ 4,00]*

**MINHA TERRA E MEU POVO**

*Tenzin Gyatso — XIV Dalai-Lama [NCz\$ 13,00]*

**QUE ESTÁS NOS CÉUS**

*Ignacio da Silva Telles [NCz\$ 3,00]*



A Editora Palas Athena apresenta ao leitor brasileiro uma seleção de obras que, pela sua mensagem e originalidade de idéias, merecem ser lidas.

Abraçando Oriente e Ocidente, reatualizando o passado numa abordagem atual, a Editora Palas Athena oferece:

Para meu pedido de livros estou enviando:

Cheque nominal à Associação PALAS ATHENA DO BRASIL

Vale Postal para a Agência Rafael de Barros (cód. 40.3214) S. Paulo - SP

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Fone \_\_\_\_\_ Data / /89

Editora PALAS ATHENA

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Cep 04003  
São Paulo-SP Tel.: (011) 288.7356

# curso de

# Introdução ao

# Pensamento Filosófico

## Programa do Curso

### **1. QUE É PENSAR FILOSOFICAMENTE?**

### **2. A CONDIÇÃO HUMANA**

O mito de Sísifo: ação e sofrimento.

Ilusão e dor nas filosofias.

Confúcio e a conduta do sábio.

Os conflitos entre o indivíduo e a sociedade.

As filosofias do tempo na Índia. O exemplo de Gandhi.

### **3. O AMOR**

Eros e Psiqué: "O Banquete" de Platão.

### **4. A LIBERDADE**

O destino.

As formas de governo e os direitos humanos.



### **5. A ESTRUTURA DA VIDA CONTEMPLATIVA**

Misticismo e dialética na Grécia antiga.

As filosofias da eternidade na Índia.

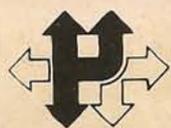
Discernimento e consciência.

JÁ ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS TURMAS DE MARÇO DE 1990

**Associação PALAS ATHENA**

**Rua Leôncio de Carvalho, nº 99 - Paraíso - SP - Fone: 288-7356**

**NÃO PRETENDEMOS  
CONSERTAR  
O MUNDO.  
SÓ NÃO  
QUEREMOS  
QUE ELE  
CAIA.**



**POLYCHROM**

FOTOLITO POLYCHROM - Rua Cândida Franco de Barros, 153 - Fone: 875-7392 - Freguesia do Ó São Paulo - SP